

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS

Centro de Letras e Comunicação

Programa de Pós-Graduação em Letras

Mestrado em Estudos da Linguagem



Dissertação

**DITONGOS FONÉTICOS: A INTERFERÊNCIA DA LÍNGUA FALADA NA
ESCRITA DE ALUNOS DA ZONA URBANA E DA ZONA RURAL DE SÃO JOSÉ
DO NORTE**

Veronica Santos do Amaral

Pelotas, 2013

VERONICA SANTOS DO AMARAL

**DITONGOS FONÉTICOS: A INTERFERÊNCIA DA LÍNGUA FALADA NA
ESCRITA DE ALUNOS DA ZONA URBANA E DA ZONA RURAL DE SÃO JOSÉ
DO NORTE**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras (Área: Estudos da Linguagem).

Orientadora: Prof.^aDr.^a Giovana Ferreira Gonçalves

Pelotas, 2013

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

A485d Amaral, Veronica Santos do

Ditongos fonéticos: a interferência da língua falada na escrita de alunos da zona urbana e da zona rural de São José do Norte / Veronica Santos do Amaral; orientadora Giovana Ferreira Gonçalves. – Pelotas, 2013.

179f.; il.

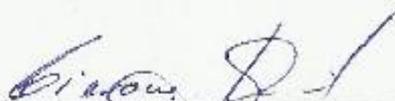
Dissertação (Mestrado em Letras) – Centro de Letras e Comunicação, Universidade Federal de Pelotas, 2013.

1. Letras. 2. Aquisição da escrita. 3. Ditongos variáveis.
4. Fonologia. I. Gonçalves, Giovana Ferreira, org. II.Título.

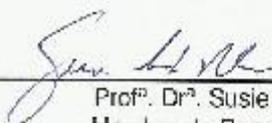
CDD: 414

Veronica Santos do Amaral

**DITONGOS FONÉTICOS: A INTERFERÊNCIA DA LÍNGUA FALADA NA ESCRITA
DE ALUNOS DA ZONA URBANA E DA ZONA RURAL DE SÃO JOSÉ DO NORTE**



Profª. Drª. Giovana Ferreira Gonçalves
Orientadora/Presidente da banca (UFPel)



Profª. Drª. Susie Enke Ilha
Membro da Banca (FURG)



Profª. Drª. Mirian Rosa Brum de Paula
Membro da Banca (UFPel)

Pelotas, maio de 2013.

Este trabalho é dedicado à

Giovana,

além de Professora, exemplo de amor à profissão, dedicação e
competência.

à

Lourdes,

mãe amada e guerreira, exemplo de amor, sensatez e coragem.

e ao

Alisson,

companheiro inseparável, exemplo de carinho e determinação.

“O mundo está nas mãos daqueles que têm a coragem de sonhar e correr o risco de viver seus sonhos, cada qual com seu talento.”

Paulo Coelho

AGRADECIMENTOS

Agradeço...

à minha orientadora, Profa. Dra. Giovana Ferreira Gonçalves, pelo conhecimento compartilhado, pela dedicação, pela competência e pela paciência;

à Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Letras;

aos Professores do Curso de Mestrado em Letras, em especial, à Profa. Dra. Cíntia da Costa Alcântara, à Profa. Dra. Mirian Rose Brum-de-Paula, à Profa. Dra. Maria José Blaskovski Vieira e ao Prof. Dr. Luís Isaías Centeno do Amaral;

às Professoras da Banca de Qualificação, a Profa. Dra. Ana Ruth Moresco Miranda e a Profa. Dra. Mirian Rose Brum-de-Paula, pela leitura minuciosa e pelas sugestões oferecidas para o desenvolvimento deste trabalho;

às Professoras da Banca Avaliadora, a Profa. Dra. Susie Enke Ilha e a Profa. Dra. Mirian Rose Brum-de-Paula, pela leitura atenta e pelas importantes sugestões oferecidas para o aperfeiçoamento desta dissertação;

à Profa. Dra. Marisa Porto do Amaral, pelo incentivo e pela torcida constante;

às direções e aos professores das escolas investigadas, pela possibilidade de realização da coleta de dados;

aos sujeitos envolvidos nesta pesquisa;

aos bolsistas Helena, Felipe e Vergília, pela disponibilidade, boa vontade em colaborar e pela atenção;

aos colegas da I turma do Mestrado, em especial, à Marina e à Morgana, pela amizade, entusiasmo, companheirismo e carinho em todos os momentos;

Agradeço, também,

ao meu pai José e à minha mãe Lourdes, pelo carinho, pelo incentivo e por estarem sempre próximos;

ao meu amado irmão Matheus, pela amizade e força;

ao meu avô Amaro (*in memoriam*) e à minha avó Adelaide, pelo amor e carinho;

aos meus futuros sogros, Vilson e Selma, pela compreensão e incentivo;

ao meu companheiro Alisson, pelo amor, carinho e compreensão em todos os momentos;

a todos que contribuíram de alguma forma para a concretização deste trabalho.

AMARAL, Verônica Santos do. **Ditongos Fonéticos:** a interferência da língua falada na escrita de alunos da zona urbana e da zona rural de São José do Norte. 2013. 179 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Letras. Universidade Federal de Pelotas.

RESUMO

O presente trabalho investiga o processo de aquisição da escrita dos ditongos orais decrescentes [aj], [ej] e [ow] na cidade de São José do Norte/RS, assim como a relação que se estabelece entre língua falada e língua escrita nesse processo. Os sujeitos pertencem às turmas da 1ª, 2ª, 3ª e 6ª série de duas escolas públicas, uma da zona urbana e outra da zona rural. Foram elaborados três instrumentos de coleta de dados, sendo um para a coleta oral e dois para a coleta escrita. O instrumento da coleta oral contém 62 figuras que foram apresentadas a cada sujeito por meio de um computador. Quanto à coleta escrita, um instrumento foi elaborado para os alunos da 1ª, 2ª e 3ª séries e o outro para os alunos da 6ª série. Aos alunos da 1ª, 2ª e 3ª séries, o instrumento continha as imagens das figuras mostradas a eles no computador anteriormente, para que escrevessem palavras sobre essas figuras. Para os alunos da 6ª série, o instrumento apresentava frases com espaços em branco, para que fosse completado o sentido de cada uma. As palavras da coleta escrita foram, portanto, as mesmas trabalhadas na oralidade. Foram investigadas variáveis linguísticas, como *contexto fonológico seguinte*, *categoria morfológica* e *tonicidade*, assim como variáveis extralinguísticas, como *série*, *sexo* e *zona da escola* a fim de investigar a influência destas no processo de aquisição gráfica dos respectivos ditongos. A descrição dos dados foi realizada por meio de percentuais referentes à produção e à supressão das semivogais desses ditongos. Acrescentamos, na análise dos dados, resultados estatísticos, por meio da aplicação do programa SPSS v. 17.0, a fim de estender os resultados da pesquisa a uma amostra mais ampla. Os resultados confirmam a proposta de Bisol (1989) acerca da existência de apenas um elemento vocálico na representação mental dos aprendizes, tendo em vista o expressivo número de reduções na escrita realizadas nas séries iniciais. A gradual apropriação dos ditongos na escrita, bem como a emergência, na oralidade, de sequências [aj], [ej] e [ow] em sujeitos das turmas de 3ª e 6ª séries, corroboram a possibilidade de esses

ditongos emergirem na representação mental a partir do contato dos sujeitos com a escrita. Apontam, ainda, para uma interferência da língua falada na escrita, assim como, uma influência da escrita na oralidade.

Palavras-chave: Aquisição da escrita. Ditongos variáveis. Fonologia.

AMARAL, Verónica Santos do. **Ditongos Fonéticos:** a interferência da língua falada na escrita de alunos da zona urbana e da zona rural de São José do Norte. 2013. 179 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Letras. Universidade Federal de Pelotas.

ABSTRACT

The present work investigates of writing acquisition of the falling oral diphthongs [aj], [ej] and [ow] in the town of São José do Norte/RS, as well as the relationship set between the spoken language and the written language in this process. The subjects are in 1st, 2nd, 3rd and 6th grade classes from two public schools, one in the urban area of town and one in the countryside. Three instruments were elaborated for data collection, one for oral collection and two for written collection. The oral collection instrument consists of 62 pictures which were presented to each subject through a computer. Concerning the written data collection, one instrument was elaborated for the 1st, 2nd and 3rd grade students and another for the 6th grade students. For the 1st, 2nd and 3rd grades, the instrument had the image of the pictures shown to them in the computer previously, so that they would write words about these pictures. For the 6th grade students, the instrument presented statements with blanks to be properly completed. The words in the written collection were, therefore, the same in the oral data collection. Linguistic variables were investigated such as *following phonological context, morphologic category and stress*, as well as extralinguistic variables such as *grade, sex, school zone* in order to investigate their influence in the process of graphic acquisition of the respective diphthongs. The data description was carried out by using percentages referring to the production and the deletion of glides in these diphthongs. We added, in the data analysis, statistical results, through the application of the SPSS v. 17.0 program, in order to extend the research results to an ampler sample. The results confirm the proposal of Bisol (1989) about the existence of only one vowel element in the mental representation of learners, due to the significant number of reduction found in writing produced in the initial school years. The gradual appropriation of diphthongs in writing, as well as the emergence, in oral language, of the sequences [aj], [ej] and [ow] in subjects from the 3rd and 6th grades, corroborate the possibility that these

diphthongs emerge in the mental representation from the contact of the subjects with the writing. They also point out to an interference of the spoken language in the written one and an influence of writing on oral language.

Key words: Writing acquisition. Variable Diphthongs. Phonology.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Representação da estrutura interna da sílaba, conforme Selkirk (1982).....	07
Figura 2: Representação da estrutura silábica do PB (ataque, núcleo e coda)	08
Figura 3: Representação da estrutura silábica do PB (ataque e núcleo complexo)	08
Figura 4: Representação dos ditongos decrescentes, conforme Câmara Jr. (1970)	11
Figura 5: Representação de um ditongo pesado, conforme Bisol (1989).....	12
Figura 6: Representação de um ditongo leve, conforme Bisol (1989)	12
Figura 7: Representação de uma consoante complexa, conforme Clements (1991).....	14
Figura 8: Representação de uma consoante plena, conforme Clements (1991).....	15
Figura 9: Representação da formação do ditongo variável, conforme Bisol (2012).....	16
Figura 10: Um trecho de uma coleta oral de um aluno da 3ª série da zona urbana.....	36
Figura 11: Exemplos de imagens utilizadas nos instrumentos de coleta de dados.....	39
Figura 12: Exemplo do instrumento de coleta de dados para os alunos da 1ª, 2ª e 3ª séries	42
Figura 13: Exemplo do instrumento de coleta de dados para os alunos da 6ª série	44

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Média de idade dos sujeitos da pesquisa	32
Quadro 2: Distribuição dos alunos	33
Quadro 3: Palavras X Contexto seguinte.....	47
Quadro 4: Palavras X Categoria morfológica.....	48
Quadro 5: Palavras X Tonicidade da sílaba.....	49
Quadro 6: Distribuição dos sujeitos quanto à variável sexo.....	51
Quadro 7: Ditongos fonéticos na oralidade - Zona urbana.....	52
Quadro 8: Ditongo aj - Tonicidade da sílaba.....	53
Quadro 9: Ditongo aj - Série.....	54
Quadro 10: Ditongo aj - Sexo.....	54
Quadro 11: Ditongo ej - Contexto fonológico seguinte	55
Quadro 12: Ditongo ej - Categoria morfológica.....	56
Quadro 13: Ditongo ej - Tonicidade da sílaba.....	56
Quadro 14: Ditongo ej - Série.....	57
Quadro 15: Ditongo ej - Sexo.....	58
Quadro 16: Ditongo ow - Contexto fonológico seguinte	59
Quadro 17: Ditongo ow - Categoria morfológica.....	59
Quadro 18: Ditongo ow - Tonicidade da sílaba.....	60
Quadro 19: Ditongo ow - Série.....	60
Quadro 20: Ditongo ow - Sexo.....	61
Quadro 21: Ditongos fonéticos na escrita - Zona urbana	62
Quadro 22: Ditongo 'ai' - Tonicidade da sílaba.....	62
Quadro 23: Ditongo 'ai' - Série.....	63
Quadro 24: Ditongo 'ai' - Sexo	63
Quadro 25: Ditongo 'ei' - Contexto fonológico seguinte.....	64
Quadro 26: Ditongo 'ei' - Categoria morfológica.....	64
Quadro 27: Ditongo 'ei' - Tonicidade da sílaba	65
Quadro 28: Ditongo 'ei' - Série.....	66
Quadro 29: Ditongo 'ei' - Sexo	66
Quadro 30: Ditongo 'ou' - Contexto fonológico seguinte.....	67
Quadro 31: Ditongo 'ou' - Categoria morfológica.....	67

Quadro 32: Ditongo ‘ou’ - Tonicidade da sílaba.....	68
Quadro 33: Ditongo ‘ou’ - Série.....	68
Quadro 34: Ditongo ‘ou’ - Sexo.....	69
Quadro 35: Ditongos fonéticos na oralidade - Zona rural.....	69
Quadro 36: Ditongo aj - Tonicidade da sílaba.....	70
Quadro 37: Ditongo aj - Série.....	71
Quadro 38: Ditongo aj - Sexo.....	71
Quadro 39: Ditongo ej - Contexto fonológico seguinte.....	72
Quadro 40: Ditongo ej - Categoria morfológica.....	73
Quadro 41: Ditongo ej - Tonicidade da sílaba.....	73
Quadro 42: Ditongo ej - Série.....	74
Quadro 43: Ditongo ej - Sexo.....	74
Quadro 44: Ditongo ow - Contexto fonológico seguinte.....	75
Quadro 45: Ditongo ow - Categoria morfológica.....	76
Quadro 46: Ditongo ow - Tonicidade da sílaba.....	76
Quadro 47: Ditongo ow - Série.....	77
Quadro 48: Ditongo ow - Sexo.....	78
Quadro 49: Ditongos fonéticos na escrita - Zona rural.....	78
Quadro 50: Ditongo ‘ai’ - Tonicidade da sílaba.....	79
Quadro 51: Ditongo ‘ai’ - Série.....	79
Quadro 52: Ditongo ‘ai’ - Sexo.....	80
Quadro 53: Ditongo ‘ei’ - Contexto fonológico seguinte.....	81
Quadro 54: Ditongo ‘ei’ - Categoria morfológica.....	81
Quadro 55: Ditongo ‘ei’ - Tonicidade da sílaba.....	82
Quadro 56: Ditongo ‘ei’ - Série.....	82
Quadro 57: Ditongo ‘ei’ - Sexo.....	83
Quadro 58: Ditongo ‘ou’ - Contexto fonológico seguinte.....	84
Quadro 59: Ditongo ‘ou’ - Categoria morfológica.....	84
Quadro 60: Ditongo ‘ou’ - Tonicidade da sílaba.....	85
Quadro 61: Ditongo ‘ou’ - Série.....	85
Quadro 62: Ditongo ‘ou’ - Sexo.....	86
Quadro 63: Teste estatístico Wilcoxon - Palavra isolada e frase.....	90
Quadro 64: Teste estatístico Kruskal-Wallis - Série.....	94
Quadro 65: Teste estatístico Mann-Whitney - Série.....	95

Quadro 66: Teste estatístico Mann-Whitney - Sexo.....	97
Quadro 67: Teste estatístico Mann-Whitney - Tonicidade da sílaba.....	100
Quadro 68: Teste estatístico Mann-Whitney - Série	109
Quadro 69: Teste estatístico Mann-Whitney - Sexo.....	110
Quadro 70: Teste estatístico Wilcoxon – Categoria morfológica.....	111

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Produção oral dos ditongos fonéticos.....	88
Gráfico 2:Produção oral dos ditongos fonéticos na palavra isolada e em frase	89
Gráfico 3:Produção oral dos ditongos fonéticos - Zona da escola	91
Gráfico 4: Produção oral dos ditongos fonéticos - Série	93
Gráfico 5: Produção oral dos ditongos fonéticos - Sexo	96
Gráfico 6: Produção oral dos ditongos ej e ow - Categoria morfológica	98
Gráfico 7: Produção oral dos ditongos fonéticos - Tonicidade da sílaba	99
Gráfico 8:Produção oral do ditongo ej - Contexto fonológico seguinte.....	101
Gráfico 9: Produção oral do ditongo ow - Contexto fonológico seguinte.....	102
Gráfico 10:Produção oral dos ditongos fonéticos - Série e Zona da escola	104
Gráfico 11:Produção escrita dos ditongos fonéticos	105
Gráfico 12:Produção escrita dos ditongos fonéticos - Zona da escola.....	106
Gráfico 13: Produção escrita dos ditongos fonéticos - Série.....	108
Gráfico 14:Produção escrita dos ditongos fonéticos - Sexo.....	110
Gráfico 15:Produção escrita dos ditongos ‘ei’ e ‘ou’ - Categoria morfológica.....	112
Gráfico 16:Produção escrita dos ditongos fonéticos - Tonicidade da sílaba.....	113
Gráfico 17: Produção escrita do ditongo ‘ei’ - Contexto fonológico seguinte.....	114
Gráfico 18: Produção escrita do ditongo ‘ou’ - Contexto fonológico seguinte.....	115
Gráfico 19: Produção escrita dos ditongos fonéticos - Série e Zona da escola.....	117
Gráfico 20: Oralidade e escrita na zona rural	118
Gráfico 21: Oralidade e escrita na zona urbana.....	119
Gráfico 22:Oralidade e escrita - Sexo.....	120
Gráfico 23:Oralidade e escrita - Categoria morfológica	121
Gráfico 24:Oralidade e escrita - Tonicidade da sílaba	122
Gráfico 25: Oralidade e escrita - Contexto seguinte ao ditongo ej.....	123
Gráfico 26: Oralidade e escrita- Contexto seguinte ao ditongo ow.....	124

SUMÁRIO

RESUMO	VIII
ABSTRACT	X
LISTA DE FIGURAS	XII
LISTA DE QUADROS	XIII
LISTA DE GRÁFICOS	XVI
1. INTRODUÇÃO	01
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	06
2.1 A sílaba do português	06
2.2 Os ditongos no português	10
2.2.1 A proposta de Câmara Jr.	10
2.2.2 A proposta de Bisol	11
2.3 O ditongo e os aspectos variacionistas	16
2.4 Aquisição escrita dos ditongos	20
2.5 Algumas considerações acerca da alfabetização.	28
3. METODOLOGIA	32
3.1 Os sujeitos	32
3.2 As escolas	34
3.3 Descrição geral dos procedimentos	34
3.3.1 Teste piloto	35
3.3.2 Coleta oral - 1ª etapa.....	35
3.3.3 Coleta escrita - 2ª etapa	40
3.4 As variáveis	44
3.4.1 Variável dependente	45
3.4.1.1 Variáveis independentes - linguísticas	45
3.4.1.1.1 Contexto fonológico seguinte.....	45
3.4.1.1.2 Categoria morfológica	47
3.4.1.1.3 Tonicidade da sílaba	48
3.4.1.2 Variáveis independentes - extralinguísticas	49
3.4.1.2.1 Série	50
3.4.1.2.2 Sexo	50
3.4.1.2.3 Zona da escola	51
4. DESCRIÇÃO DOS DADOS	52
4.1 Zona urbana	52
4.1.1 A coleta oral.....	52
4.1.1.1 O ditongo [aj]	53
4.1.1.1.1 Tonicidade da sílaba.	53
4.1.1.1.2 Série.....	53
4.1.1.1.3 Sexo	54
4.1.1.2 O ditongo [ej]	55

4.1.1.2.1 Contexto fonológico seguinte.....	55
4.1.1.2.2 Categoria morfológica.....	55
4.1.1.2.3 Tonicidade da sílaba.....	56
4.1.1.2.4 Série.....	57
4.1.1.2.5 Sexo.....	57
4.1.1.3 O ditongo [ow].....	58
4.1.1.3.1 Contexto fonológico seguinte.....	58
4.1.1.3.2 Categoria morfológica.....	59
4.1.1.3.3 Tonicidade da sílaba.....	59
4.1.1.3.4 Série.....	60
4.1.1.3.5 Sexo.....	61
4.1.2 A coleta escrita.....	61
4.1.2.1 O ditongo ‘ai’.....	62
4.1.2.1.1 Tonicidade da sílaba.....	62
4.1.2.1.2 Série.....	62
4.1.2.1.3 Sexo.....	63
4.1.2.2 O ditongo ‘ei’.....	64
4.1.2.2.1 Contexto fonológico seguinte.....	64
4.1.2.2.2 Categoria morfológica.....	64
4.1.2.2.3 Tonicidade da sílaba.....	65
4.1.2.2.4 Série.....	65
4.1.2.2.5 Sexo.....	66
4.1.2.3 O ditongo ‘ou’.....	66
4.1.2.3.1 Contexto fonológico seguinte.....	66
4.1.2.3.2 Categoria morfológica.....	67
4.1.2.3.3 Tonicidade da sílaba.....	67
4.1.2.3.4 Série.....	68
4.1.2.3.5 Sexo.....	68
4.2 Zona rural.....	69
4.2.1 A coleta oral.....	69
4.2.1.1 O ditongo [aj].....	70
4.2.1.1.1 Tonicidade da sílaba.....	70
4.2.1.1.2 Série.....	70
4.2.1.1.3 Sexo.....	71
4.2.1.2 O ditongo [ej].....	72
4.2.1.2.1 Contexto fonológico seguinte.....	72
4.2.1.2.2 Categoria morfológica.....	72
4.2.1.2.3 Tonicidade da sílaba.....	73
4.2.1.2.4 Série.....	73
4.2.1.2.5 Sexo.....	74
4.2.1.3 O ditongo [ow].....	74
4.2.1.3.1 Contexto fonológico seguinte.....	75
4.2.1.3.2 Categoria morfológica.....	76
4.2.1.3.3 Tonicidade da sílaba.....	76
4.2.1.3.4 Série.....	77
4.2.1.3.5 Sexo.....	77
4.2.2 A coleta escrita.....	78
4.2.2.1 O ditongo ‘ai’.....	78
4.2.2.1.1 Tonicidade da sílaba.....	78
4.2.2.1.2 Série.....	79

4.2.2.1.3 Sexo	79
4.2.2.2 O ditongo ‘ei’	80
4.2.2.2.1 Contexto fonológico seguinte	80
4.2.2.2.2 Categoria morfológica	81
4.2.2.2.3 Tonicidade da sílaba	81
4.2.2.2.4 Série	82
4.2.2.2.5 Sexo	82
4.2.2.3 O ditongo ‘ou’	83
4.2.2.3.1 Contexto fonológico seguinte	83
4.2.2.3.2 Categoria morfológica	84
4.2.2.3.3 Tonicidade da sílaba	84
4.2.2.3.4 Série	85
4.2.2.3.5 Sexo	85
5. ANÁLISE DOS DADOS	87
5.1 Os ditongos na oralidade	87
5.1.1 Produção oral dos ditongos [aj], [ej] e [ow]	87
5.1.2 Produção oral dos ditongos [aj], [ej] e [ow] na palavra isolada e em frase	89
5.1.3 Produção oral dos ditongos [aj], [ej] e [ow] na zona urbana e na zona rural	90
5.1.4 Produção oral dos ditongos [aj], [ej] e [ow] quanto à série	91
5.1.5 Produção oral dos ditongos [aj], [ej] e [ow] quanto ao sexo	95
5.1.6 Produção oral dos ditongos [ej] e [ow] quanto à categoria morfológica	98
5.1.7 Produção oral dos ditongos [aj], [ej] e [ow] quanto à tonicidade da sílaba	99
5.1.8 Produção oral do ditongo [ej] quanto ao contexto fonológico seguinte	100
5.1.9 Produção oral do ditongo [ow] quanto ao contexto fonológico seguinte	102
5.1.10 Produção oral dos ditongos [aj], [ej] e [ow], considerando a influência da variável zona da escola nas diferentes séries	103
5.2 Os ditongos na escrita	104
5.2.1 Produção escrita dos ditongos ‘ai’, ‘ei’ e ‘ou’	104
5.2.2 Produção escrita dos ditongos ‘ai’, ‘ei’ e ‘ou’ na zona urbana e na zona rural	106
5.2.3 Produção escrita dos ditongos ‘ai’, ‘ei’ e ‘ou’ quanto à série	107
5.2.4 Produção escrita dos ditongos ‘ai’, ‘ei’ e ‘ou’ quanto ao sexo	109
5.2.5 Produção escrita dos ditongos ‘ei’ e ‘ou’ quanto à categoria morfológica	111
5.2.6 Produção escrita dos ditongos ‘ai’, ‘ei’ e ‘ou’ quanto à tonicidade da sílaba	112
5.2.7 Produção escrita do ditongo ‘ei’ quanto ao contexto fonológico seguinte	114
5.2.8 Produção escrita do ditongo ‘ou’ quanto ao contexto fonológico seguinte	115
5.2.9 Produção escrita dos ditongos ‘ai’, ‘ei’ e ‘ou’, considerando a influência da variável zona da escola nas diferentes séries	116
5.3 Comparação entre oralidade e escrita	118
5.3.1 Influência da variável zona da escola nas diferentes séries	118
5.3.2 Quanto ao sexo	119
5.3.3 Quanto à categoria morfológica	121
5.3.4 Quanto à tonicidade da sílaba	122
5.3.5 Quanto ao contexto fonológico seguinte	123
5.3.5.1 Ditongo [ej]	123
5.3.5.2 Ditongo [ow]	124
6. CONCLUSÃO	126
7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	131

ANEXOS	135
Anexo 1 - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	136
Anexo 2 - Questionário	138
Anexo 3 - Instrumento 1	139
Anexo 4 - Instrumento 2	143
Anexo 5 - Instrumento 1	147
Anexo 6 - Instrumento 2	151
Anexo 7 - Instrumento 3	155

1. INTRODUÇÃO

A presente pesquisa apresenta uma investigação acerca da produção oral e escrita dos ditongos orais decrescentes do português - mais especificamente os ditongos passíveis de variação, ou seja, [aj], [ej] e [ow] -, por alunos de escolas da rede pública das zonas urbana e rural do município de São José do Norte/RS.

A variação na produção dos ditongos ocorre porque ora a pronúncia inclui a presença da semivogal, c[aj]xa, ora não, c[a]xa. O comportamento variável desses ditongos sugere, portanto, implicações para a aquisição gráfica, revelando o papel da fonologia no processo de apropriação da escrita.

O município de São José do Norte/RS, de origem açoriana, é um dos mais antigos do Estado, sendo composto por 3 Distritos, com localidades situadas na zona urbana e na zona rural. A possibilidade de estudar a variedade linguística dessa região e, especialmente, de lançar um olhar mais detalhado sobre produções das zonas urbana e rural foi um dos motivos da escolha da referida cidade. Muitas pesquisas que levam em conta a relação entre língua oral e língua escrita envolvem, justamente, sujeitos de escolas particulares e públicas apenas da zona urbana, como Tasca (2002), Guimarães (2005) e Adamoli (2006, 2013). Os sujeitos envolvidos na presente investigação refletem, portanto, uma outra realidade.

Muitos são os trabalhos que têm sido dedicados para o estabelecimento de relações entre oralidade e escrita, trazendo significativas contribuições acerca das motivações de ordem fonológica que levam crianças de séries iniciais a produzirem erros (ABAURRE, 1999; CHACON, 2008; ADAMOLI, 2006; ADAMOLI & MIRANDA, 2010; ADAMOLI, 2013, entre outros). Esses trabalhos permitem-nos chegar a algumas respostas relativas às relações que os aprendizes fazem durante o processo de aquisição da linguagem escrita, bem como das possíveis interferências do sistema escrito na reorganização da representação fonológica.

O presente estudo, que aborda aspectos tanto da interferência da língua falada na escrita de alunos de séries iniciais, quanto da influência da língua escrita na reconfiguração do sistema fonológico, volta-se para a aquisição gráfica dos ditongos orais [aj], [ej] e [ow]. Portanto, o objetivo geral desta pesquisa é apresentar e discutir dados orais e escritos, relativos à produção de ditongos, de alunos da 1ª, 2ª, 3ª e 6ª série do ensino fundamental da zona urbana e da zona rural de São José do Norte/RS.

Investigamos a produção oral desses alunos, por meio da pronúncia de palavras isoladas que continham os ditongos orais decrescentes em sua estrutura e em frases que continham, também, esses grupos vocálicos na estrutura das palavras. Já a produção escrita, foi observada por meio da grafia das mesmas palavras analisadas na produção oral.

A escolha pelo período denominado alfabetização deve-se ao fato de ser uma fase em que as crianças se familiarizam com o alfabeto e aos poucos se apropriam do sistema gráfico, apoiando-se, primeiramente, nas relações entre sons e letras. No presente trabalho, no entanto, busca-se a investigação do fenômeno referido de forma que se possa comparar o desempenho de alunos em período de alfabetização (1ª, 2ª e 3ª série) com o desempenho de alunos fora deste período (6ª série).

Outra justificativa refere-se à constante divisão dos trabalhos voltados para os ditongos variáveis do português, que ou investigam dados da língua escrita, como Tessari (2002), Guimarães (2005) e Adamoli (2006), ou analisam dados de língua oral, como Bonilha (2000), Amaral (2005) e Silva (2005), dentre outros. A relação entre língua falada e língua escrita está, no entanto, significativamente presente no período da alfabetização, sendo relevante olhar para dados relativos aos dois tipos de produção, principalmente quando o fenômeno investigado pode se comportar como uma forma variável na língua: cad[e]ra ~ cad[ej]ra, c[a]xa ~ c[aj]xa, manjed[o]ra ~ manjed[ou]ra.

Os objetivos específicos da presente pesquisa são:

- (i) descrever o processo de aquisição gráfica dos ditongos orais [aj], [ej] e [ow];
- (ii) verificar a relevância das variáveis linguísticas - como *contexto fonológico seguinte*, *categoria morfológica* e *tonicidade* - no processo de aquisição do ditongo;
- (iii) analisar a influência das variáveis extralinguísticas - como *série*, *sexo* e *zona da escola* - no processo de aquisição gráfica do ditongo;
- (iv) verificar se há uma diminuição na omissão das semivogais desses ditongos à medida que as séries avançam;

(v) constatar alterações na pronúncia dos alunos quanto aos ditongos orais à medida que vão adquirindo-os na escrita;

(vi) oferecer ao professor alfabetizador informações relevantes referentes ao processo de aquisição gráfica dos respectivos ditongos.

As hipóteses que norteiam esse trabalho de pesquisa são:

(i) há diferença no processo de aquisição gráfica dos ditongos devido aos traços distintivos das vogais plenas (altura e ponto) e dos glides (ponto de articulação) envolvidos;

A supressão da semivogal posterior [w] e a omissão da semivogal anterior [j] devem ser analisadas como processos distintos, pois as pesquisas (CABREIRA, 1996; ADAMOLI, 2006) apontaram a supressão de [j] como um processo bem mais restrito do que o apagamento da semivogal [w]. A prova disso é que o ditongo [aj] sofre monotongação diante de um único ambiente, ou seja, frente à palatal [j]. Quanto à supressão da semivogal de [ej], é reduzida diante de quatro ambientes, são eles: [r], [ʃ], [ʒ] e [g]. Já o ditongo [ow] sofre redução em praticamente todos os contextos fonológicos.

(ii) na escrita dos alunos, o processo de apagamento das semivogais dos ditongos orais deve ser motivado, principalmente, pelos contextos fonológicos posteriores ao ditongo na palavra;

A tendência é as crianças suprimirem as semivogais dos ditongos orais decrescentes, na escrita, tal qual o fazem na língua falada, pois pesquisas variacionistas (CABREIRA, 1996; PEREIRA, 2004; AMARAL, 2005) indicam o contexto seguinte como a variável mais influente ao apagamento da semivogal na produção oral.

(iii) o processo de supressão do glide nos ditongos orais, na escrita das crianças, deve ser motivado por uma variável extralinguística, ou seja, a zona da escola (urbana ou rural) influencia o apagamento da semivogal;

A população rural apresenta uma linguagem com características próprias, conforme Amaral (2000), sendo assim, acreditamos que há diferenças, em

relação ao apagamento do glide, nas produções dos alunos da zona rural e da zona urbana.

(iv) há uma diminuição na omissão das semivogais dos ditongos orais, na escrita, à medida que cada série avança;

Acreditamos que, à medida que os alunos avançam nas séries, produzem mais os ditongos ‘ai’, ‘ei’ e ‘ou’, na escrita, pois o papel da escola influencia a apropriação desses ditongos, nesse processo, conforme já apontado em outras pesquisas, como Adamoli (2013).

(v) a aquisição gráfica dos ditongos não altera sua pronúncia;

Os alunos apropriam-se dos ditongos, na escrita, porém, não alteram sua pronúncia, pois percebem que não ocorre mudança de sentido nas palavras que contêm em sua estrutura os ditongos fonéticos.

(vi) a escrita dos alunos e as análises obtidas trazem informações que servem para auxiliar os professores quanto à aquisição gráfica dos ditongos.

Os resultados obtidos, nesta pesquisa, são capazes de auxiliar os professores quanto à elaboração de atividades mais eficazes a fim de facilitar a apropriação dos ditongos na escrita. Por meio dos resultados, será possível, por exemplo, pensar em contextos que facilitam ou dificultam o correto registro da forma gráfica dos ditongos fonéticos.

Portanto, o presente trabalho tem sua relevância por somar-se aos estudos já existentes sobre ditongos fonéticos do Português (CABREIRA, 1996; TASCA, 2002; LOPES, 2002; ADAMOLI, 2006; ADAMOLI, 2013) e sobre a relação entre língua falada e língua escrita, buscando, no entanto, outros olhares sobre o fenômeno.

Esta dissertação está dividida em seis capítulos, considerando-se a Introdução. No capítulo 2, apresentamos os pressupostos teóricos básicos relativos ao objeto de investigação, ou seja, os ditongos fonéticos do português, incluindo informações sobre seu comportamento na língua portuguesa e sobre seu processo de aquisição, tanto oral quanto escrita. A Metodologia é abordada no capítulo 3, espaço dedicado a informações relativas aos sujeitos da pesquisa, aos procedimentos adotados e às variáveis linguísticas e extralinguísticas consideradas. No capítulo 4, realizamos uma descrição quantitativa

detalhada dos dados, organizando-os por zona da escola, desta forma, o leitor pode visualizar, pormenorizadamente, todos os índices percentuais que geraram os gráficos e a análise disposta no capítulo 5. Neste, são abordados os papeis das diferentes variáveis, bem como tecidas discussões com a literatura da área. No capítulo 6, então, nossas considerações finais.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Este capítulo tem como objetivo apresentar e discutir os principais estudos relacionados aos ditongos orais decrescentes do português brasileiro, principalmente, as pesquisas voltadas aos ditongos fonéticos [aj], [ej] e [ow].

O ditongo faz parte de uma sílaba, assim, daremos início ao nosso referencial teórico, abordando a sílaba do português. Logo após, sintetizaremos, brevemente, as propostas de Câmara Jr. (1970) e de Bisol (1989, 1994, 2012) acerca dos ditongos fonéticos. Além disso, faremos uma retomada dos trabalhos que foram realizados, levando em conta a relação entre fala e a aquisição escrita dos ditongos. Ainda, devido aos sujeitos da 1ª, 2ª e 3ª séries investigados pertencerem ao período de alfabetização, traçaremos algumas considerações relacionadas às primeiras etapas do ensino fundamental.

2.1 A sílaba do português

A sílaba foi reconhecida como unidade fonológica e incorporada aos estudos linguísticos, tardiamente, pois, nos anos 70, as pesquisas eram principalmente voltadas ao estudo dos segmentos e, apenas gradativamente, a natureza e o papel que esta unidade fonológica desempenha foram ganhando espaço na fonologia das línguas.

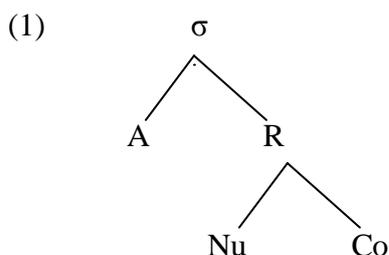
Câmara Jr. (1970), a fim de definir a constituição de uma sílaba, levou em conta diversos aspectos, tais como: o efeito auditivo (sílabas sonora), a força expiratória (sílabas dinâmicas), o encadeamento articulatorio na produção contínua dos sons vocais (sílabas articulatorias), a tensão muscular durante essa série de articulações (sílabas intensivas) e, ainda, o jogo da musculatura peitoral. Assim, abordou a sílaba como um movimento de ascensão, de um ápice ou centro silábico e de um movimento decrescente.

O centro da sílaba é o eixo principal da estrutura silábica, possuindo uma relação de dependência entre o ápice e as possíveis margens da sílaba. Para que uma sílaba seja produzida, é necessário um movimento de ascensão ou um movimento decrescente (ou ambos) juntamente com o ápice, ou será pronunciada uma sílaba apenas constituída pelo centro ou núcleo silábico. O centro da sílaba é geralmente uma vogal, por ser o som

mais sonoro, produzido com maior força expiratória, com uma articulação mais aberta e uma tensão muscular mais firme.

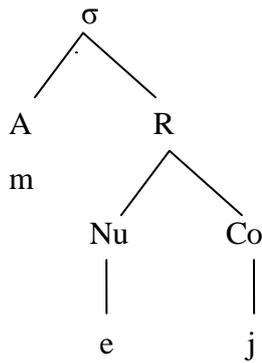
Câmara Jr. (1970), para expor os tipos silábicos, convencionou como V o centro da sílaba e como C os elementos marginais. Os tipos silábicos são os seguintes: V (sílabas simples), CV (sílabas crescentes), VC (sílabas decrescentes) e CVC (sílabas crescentes-decrescentes). Quando há a presença de uma consoante, após o centro da sílaba, o autor considera uma sílaba fechada ou travada (VC e CVC) e quando não há esse elemento marginal, as sílabas são abertas ou livres (V e CV). Em português, por exemplo, os segmentos que podem ocupar a parte marginal, após o ápice, são: a vibrante /r/, a lateral /l/, o arquifonema fricativo labial /S/, o arquifonema nasal /N/ e as semivogais /j/ e /w/. Já o ápice pode ser preenchido por 19 segmentos consonantais, sendo que /L/, /N/ e /r/ só aparecem em posição medial.

Há muitas possibilidades para representar a estrutura interna de uma sílaba. Uma das representações apresenta os segmentos de forma independente, enquanto outra defende uma hierarquia entre os segmentos. A estrutura da sílaba hierarquizada é composta por um ataque (A) e uma rima (R), sendo que a rima subdivide-se em núcleo (Nu) e em coda (Co). As margens da sílaba, ou seja, o ataque e a coda, podem ser vazias, porém, o núcleo é sempre preenchido. Conforme a abordagem métrica (SELKIRK, 1982), temos a representação em (1) como estrutura interna da sílaba:

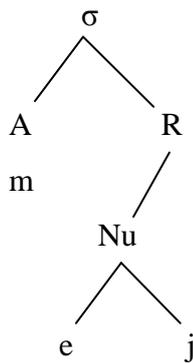


Neste trabalho, adotamos a abordagem métrica, pois, nessa estrutura hierarquizada, a relação entre o núcleo e a coda é mais estreita do que a relação entre o ataque e o núcleo. O foco de investigação da presente pesquisa, ou seja, os ditongos decrescentes variáveis, envolve, justamente, a relação entre os elementos da rima, conforme as representações em (2) e (3).

(2)



(3)



Em (2), temos o glide posicionado em coda silábica, de acordo com Collischonn (1997) e Bisol (1999); em (3), o glide está posicionado em núcleo complexo, conforme apontam Câmara Jr. (1977), Mateus (1999) e Bonilha (2000), com base em dados de aquisição fonológica, sendo esta a representação que assumimos no presente estudo.

As línguas apresentam diferenças quanto ao número permitido de segmentos em cada constituinte silábico (ataque, núcleo e coda). Para isso, tem-se o chamado molde silábico. Este tem a finalidade de expressar as diferenças entre as línguas em relação à quantidade de segmento possível em cada constituinte. O inventário fornecido pelo molde silábico, às vezes, não dá conta de algumas sílabas de uma determinada língua, por isso, é necessário a criação de algumas restrições, com a intenção de permitir somente a geração de sílabas existentes nessa determinada língua. Essas restrições, conhecidas como filtros, têm a finalidade de restringir algumas sequências de segmentos no interior de cada constituinte, ou seja, proíbem certas sequências de consoantes no ataque ou na coda e, ainda, proíbem segmentos idênticos.

Os padrões silábicos do PB, conforme Collischonn (1997), apresentam no máximo dois elementos no ataque e três elementos na rima da sílaba, sendo necessário definir como esses elementos se distribuem entre núcleo e coda. Conforme a autora, os padrões parecem indicar que tanto o núcleo quanto a coda podem ramificar, o que

implicaria a existência de uma estrutura silábica máxima de seis elementos, CCVVCC, proibida no PB.

Segundo Collischonn (op.cit), a representação CCVVCC permitiria que sílabas como *peuls, *cairs, *air e *eul fossem aceitas em Português, a não ser que houvesse filtros que impedissem ditongos seguidos por /r/ ou /l/. Para a autora, há restrições entre a semivogal e as consoantes seguintes no PB, uma vez que há sílabas constituídas por ditongo seguido do segmento /s/, mas não há sílabas formadas por ditongo mais uma líquida ou uma nasal.

Bonilha (2007), tendo por base o Princípio de Sonoridade Sequencial (PSS), tece mais alguns argumentos para o posicionamento do glide em núcleo silábico no português.

O PSS postula que a sonoridade deve ser crescente no *onset* e decrescente na coda. Considerando a escala de sonoridade, no PB, o *onset* complexo deve ser formado por elementos que apresentem uma distância mínima de dois pontos na escala; quanto à coda, não é estabelecido um distanciamento mínimo. O que se percebe é que não são aceitos dois elementos subsequentes se estes possuem os mesmos valores na escala, constituindo um platô silábico.

De acordo com a autora, uma vez havendo restrições, quanto à escala de sonoridade, para os elementos do *onset* e da coda, poder-se-ia pensar em uma restrição semelhante para a formação do núcleo complexo. Propõe, então, uma distância mínima na escala de sonoridade entre o núcleo e a coda. Caso o distanciamento não seja respeitado, como ocorreria com as semivogais, os segmentos ocupariam, então, o núcleo silábico, formando o núcleo complexo. Também com apoio nesse distanciamento, seria possível explicar por que uma sequência VG (*vogal + glide*) não seria seguida por uma líquida na mesma sílaba, uma vez que não haveria uma distância mínima, quanto à escala sonora, entre o glide – em núcleo complexo – e a líquida subsequente.

Assim, com a proposta do distanciamento mínimo de sonoridade entre o núcleo e a coda, é possível evidenciar a ocorrência de a.ir.ton, mas não de ajr.ton. Ficaria evidenciado porque o PB não aceita uma sequência *vogal+glide+líquida* na mesma sílaba, pois a distância de sonoridade entre o glide e a líquida é de apenas 1 ponto na escala, o que proibiria o posicionamento da líquida em coda. A opção, então, é proceder à silabação com a vogal ocupando a posição de núcleo da sílaba seguinte.

De acordo com Bonilha (op.cit), o distanciamento mínimo de 2 pontos na escala sonora também evidenciará porque um núcleo complexo no PB só pode ser seguido por

uma consoante fricativa na mesma sílaba, pois, dos segmentos que ocupam a posição de coda na língua, esse é o único a apresentar a distância sonora mínima exigida.

Até o momento, abordamos aspectos mais gerais da sílaba em português, no próximo tópico, versaremos sobre a proposta de Câmara Jr. (1970) quanto aos ditongos decrescentes.

2.2 Os ditongos no português

2.2.1 A proposta de Câmara Jr.

Câmara Jr. (1970), quando descreve os tipos de sílaba em português, reserva uma parte de seu livro para a descrição dos ditongos portugueses. Primeiramente, o autor faz algumas considerações a respeito da vogal, que se encontra em posição assilábica, ou seja, aquela vogal que, ao invés de ser o centro da sílaba, fica numa das margens. Essa vogal assilábica, juntamente com uma vogal, constitui um ditongo crescente, ao passo que, uma vogal seguida de uma vogal assilábica forma o ditongo decrescente, considerado nesta pesquisa.

Na estrutura silábica, o autor assume que as vogais assilábicas comportam-se como vogais, não como consoantes. Um primeiro argumento é a possibilidade de um /r/ brando aparecer entre um ditongo e uma vogal, em palavras como *beira*, *eira* e *européu*. Essa consoante existe entre vogais, logo, é mais coerente considerarmos a vogal assilábica como uma vogal. Assim, o /r/ fraco, entre vogais, se opõe a /R/ forte, como nos exemplos *era/erra*, *caro/carro*, dentre outros, ao passo que, em posição inicial e entre consoante e vogal, há apenas o /R/ forte, como em *rato* e *Israel*, por exemplo.

Além de o /r/ brando aparecer entre ditongo e vogal, o autor apresenta outras justificativas a favor do glide ser uma vogal e não uma consoante, sendo que o molde ficaria CVV e não CVC, como cita Câmara Jr. (1970: 54):

a facilidade com que se passa em português de um ditongo a um monotongo (/ou/ pronunciado /ô/, por exemplo, fora do registro formal mesmo dentro do dialeto social dito “culto”) e a variação livre da divisão silábica na sequência átona de qualquer vogal e vogal alta (*vai-da-de* ou *va-i-da-de*), ou mesmo a fácil passagem de /i/ assilábico a /ê/ e /u/ assilábico a /ô/ (como no vocativo infantil *papáê!*) justificam a segunda solução [CVV].

Câmara Jr. (1970) comenta sobre o caráter de emissão reduzida da vogal assilábica e, ainda, diz que esse elemento também pode ser chamado de semivogal devido ao fato de ser uma vogal pela metade.

Após todas as considerações tecidas a respeito da sílaba e do ditongo, enumera onze ditongos decrescentes e um crescente, considerando que uma das vogais seja tônica, pois dois segmentos átonos gerariam uma variação livre. Conforme (4), os ditongos decrescentes são:

(4)

/aj/ - pai	/ej/ - papéis	/ɔj/ - mói
/aw/ - pau	/ɛw/ - céu	/iw/ - riu
/ej/ - lei	/oj/ - boi	/uj/ - fui
/ew/ - leu	/ow/ - vou	

O autor cita a sequência /ɔw/, considerando-a apenas como a vocalização do /l/ posvocálico. O único ditongo crescente, considerado pelo autor, ocorre quando há uma plosiva labial seguida da vogal assilábica /w/ e, logo após, uma das seguintes vogais silábicas: /a/, /ɛ/, /e/, /i/, /ɔ/ e /o/, como por exemplo a palavra *qual*.

Na sequência, abordaremos a proposta de Bisol (1989, 1994, 2012) acerca dos ditongos decrescentes.

2.2.2 A proposta de Bisol

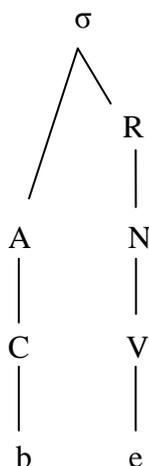
Bisol (1989), ao abordar os ditongos decrescentes do português brasileiro, parte de princípios e convenções da teoria da sílaba, considerando a sílaba como uma estrutura hierarquizada.

A autora classifica os ditongos em pesados e leves, sendo que o primeiro está associado a duas posições no *tier* da rima – conforme (5) – e o segundo, a uma só – conforme (6). O ditongo pesado é considerado como verdadeiro ditongo, por possuir, além de uma sílaba complexa, a preservação da semivogal; o ditongo leve é o falso ditongo, devido à constituição de uma rima simples e à tendência a sofrer o apagamento da semivogal. Os ditongos leves são, então, originados no *tier* melódico por meio de processos assimilatórios, sendo assim, ocupam uma posição na linha de rima.

(5) /lei/



(6) /bejo/



Para a autora, o verdadeiro ditongo, que é classificado como pesado, constitui-se um ditongo fonológico, por formar pares mínimos com a vogal simples. Os ditongos leves fazem, também, alternância com os pares mínimos, porém, essa não acarreta mudança de sentido, logo, a autora chamou-os de ditongos fonéticos.

O ditongo seguido de uma palatal, por exemplo, apresenta uma vogal na subjacência - /kafa/, /'pefe/ - e, quanto ao glide, surgirá por meio de processos assimilatórios devido ao traço alto (o nó vocálico da palatal) espriar-se para a esquerda. Por isso, tanto palavras com glide quanto palavras sem a semivogal, por exemplo, 'peixe' e 'faxina', possuem rimas idênticas devido à ausência do glide na forma subjacente.

Quanto ao ditongo [ej] diante da vibrante simples, a autora considera como um ditongo leve por alternar com a vogal simples e não ocorrer mudança de sentido. Bisol

(1989) exemplifica o ditongo [ej], distribuindo-o em quatro classes: a) palavras em correspondência pela relação: -'ario e -'eiro: *bancário, banqueiro*; b) palavras em correspondência pela relação: - a'ria e -'eiro: *padaria, padeiro*; c) sufixos formadores de nome, mas sem as relações mencionadas: *formiga, formigueiro*; d) em qualquer ambiente, incluindo raiz ou radical: *feira, beira*.

Por meio da análise desses dados, a autora concluiu que o ditongo [ej], diante da vibrante simples, possui apenas uma vogal na forma subjacente, assim como os ditongos [aj] e [ej] diante da palatal, surgindo o glide no “tier” melódico, em um nível mais próximo à forma de superfície.

Cabreira (1996) refuta essa proposta, pois vê esses ditongos como resultantes de um processo de assimilação, em que a semivogal é suprimida por apresentar traços fonológicos comuns às consoantes que a seguem. O que temos, então, é o processo de monotongação.

Bisol (1994) retoma o tema explorado em 1989 e analisa o caso de formação de glide por meio da assimilação de traços, com base na análise estatística e, ainda, nos moldes de Labov. O objetivo da autora, neste artigo, é mostrar que o processo que ocorre com os pares *três~treis, fez~feiz*, é um processo similar ao que ocorre com os ditongos [aj] e [ej] diante da palatal, como em *faixa~faxes, peixe~pexe*.

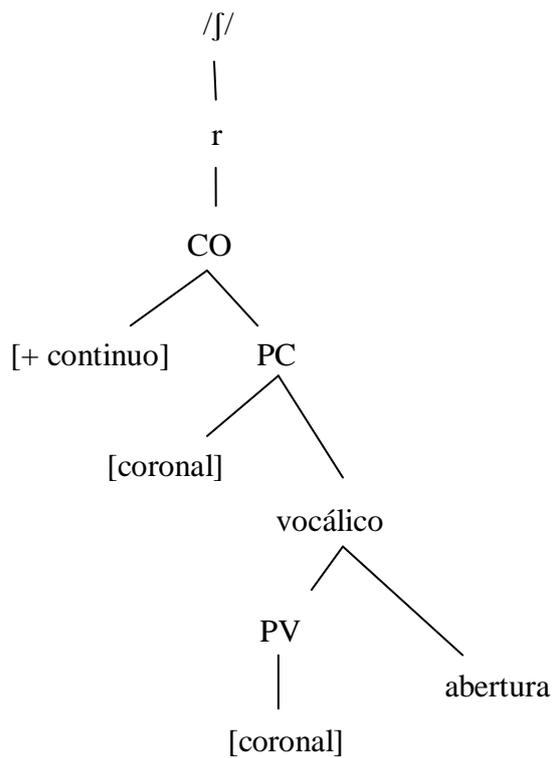
Conforme a autora, tanto o surgimento do glide em palavras que, na escrita, a semivogal não está presente – como *três e fez* –, quanto ao suposto apagamento da semivogal anterior – cadeira [ka'dera] – deve-se ao fato de que, em ambas as estruturas, existe apenas uma vogal na subjacência, ou seja, /treS/, /feS/ e /kadera/, como cita Bisol (1994: 127):

admitir que todos os casos exemplificados possuam ditongo na forma mais interna e que o glide apaga variavelmente, embora seja uma análise possível, complicaria a descrição do léxico e teria de contar com alguma motivação estrutural para o apagamento do glide. Disso desconhecemos qualquer indício.

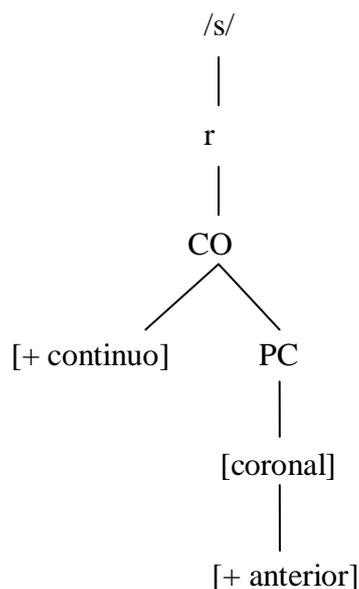
Para analisar os dados, Bisol (1994) comparou a estrutura arbórea da fricativa palatal /j/, conforme (7), e da fricativa coronal /s/, conforme (8), de acordo com o modelo de Clements (1991). Essa comparação tem a finalidade de evidenciar que somente uma consoante complexa como /j/ pode propiciar o surgimento do glide por meio de um espraiamento do nó vocálico para a esquerda, pois essa consoante apresenta

duas articulações orais, ponto de articulação [coronal] e o nó vocálico, enquanto uma consoante simples como /s/ possui apenas um traço de articulação oral, neste caso, o ponto de consoante [coronal]. Logo, o surgimento do glide deve-se à presença do nó vocálico, que domina o [coronal] e abertura, o qual espraia-se para a esquerda e, assim, ocorre o processo de assimilação, com a criação de um segmento.

(7) Consoante complexa



(8) Consoante plena

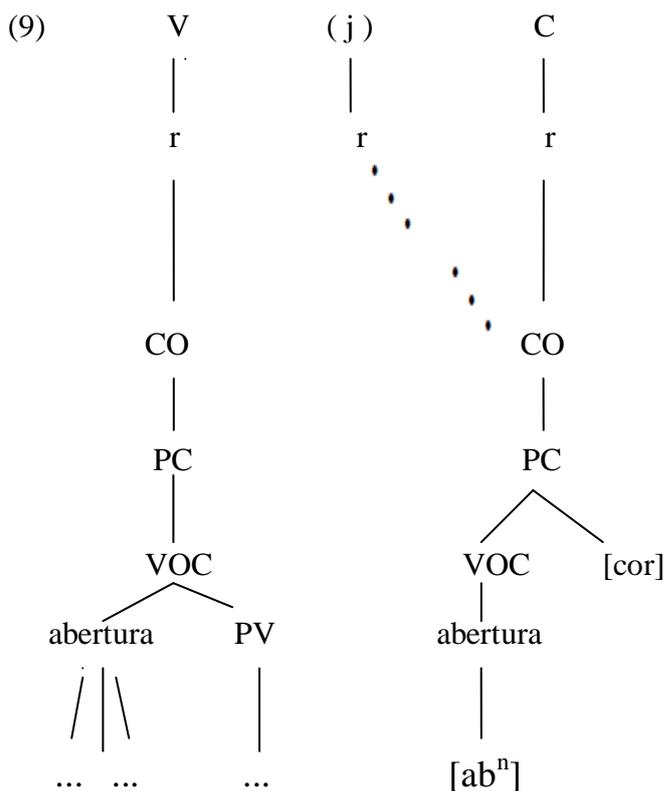


Mais uma vez, Bisol (2012) retoma a distinção entre os verdadeiros ditongos, os que apresentam duas vogais na subjacência (*reitor, pauta*), e os falsos ditongos, os que são passíveis à redução e possuem uma vogal no nível subjacente (*beijo~bejo, feira~fera*).

Neste trabalho, a autora detém-se no ditongo variável diante de tepe, porém, faz uma só representação para o ditongo: a) diante de palatal (*caixa~caxa, peixe~peixe*); b) diante de /S/ pós-vocálico em sílaba final, acentuada; c) diante de tepe (*mamadeira~mamadera, beira~bera*).

Bisol (1994) atribuiu ao traço vocálico de /j/ e /z/, também presente em /S/ pós-vocálico, a responsabilidade pela assimilação de traços. No entanto, Bisol (2012) percebeu, por meio da geometria de traços, uma diferença entre expandir um nó de traço e um nó de classe de traços. Conforme a autora, a expansão do traço vocálico é responsável por criar segmentos complexos, ao passo que, a expansão da cavidade oral, que carrega consigo [vocálico] e [coronal], tem a função de criar um novo segmento, ou seja, o glide.

Assim, Bisol (2012) generaliza uma representação do ditongo variável, diante de palatal, de tepe ou de /S/ pós-vocálico. De acordo com a autora, tem-se a representação da formação do ditongo variável, conforme (9).



De acordo com a representação em (9), as consoantes que participam dessa estrutura possuem o traço [vocálico], ou seja, são consoantes complexas. Além disso, a consoante deve possuir o grau mínimo de abertura (vogal alta) e o traço [coronal]. O traço [vocálico], o traço [coronal] e a abertura são expandidos, juntamente com o nó de classe de traços - cavidade oral (CO) -, logo, surgirá um novo segmento, apresentando os mesmos traços dessa consoante. Os nós de abertura e PV da vogal-base estão vazios, pois serão preenchidos dependendo do foco de futuras pesquisas.

Bisol (2012) chegou à análise esperada devido à distinção entre a expansão de um nó de traço e a expansão de um nó de classe de traços. Ao expandir um nó de classe de traços, ou seja, a cavidade oral (CO), cria-se um novo segmento, devido a essa cavidade carregar os seus vários dependentes.

Após as considerações sobre as propostas de Câmara Jr. (1970) e de Bisol (1989, 1994, 2012) referentes aos ditongos fonéticos, enfatizaremos sobre o ditongo e o seu comportamento variável.

2.3 O ditongo e os aspectos variacionistas

A pesquisa intitulada “Ditongos variáveis no sul do Brasil”, de Amaral (2005), é destacada aqui, entre outras, devido à constatação da aplicação da regra de monotongação em cidades de diferentes colonizações no Rio Grande do Sul: Flores da Cunha (colonização italiana), Panambi (colonização alemã) e São Borja (fronteira com a Argentina).

Amaral (2005) tem como suporte teórico a Teoria da Variação, nos moldes de Labov, e apresenta os resultados estatísticos com base nas rodadas realizadas por meio do programa VARBRUL. A autora detém-se na variação do ditongo [ej] e sua amostra é constituída por 42 informantes das cidades mencionadas e que fazem parte do Banco de Dados do Projeto VARSUL. Assim, investiga variáveis linguísticas, tais como, classe de palavra, contexto seguinte, posição do ditongo e tonicidade, e variáveis sociais, como faixa etária, grupo geográfico e escolaridade.

As hipóteses que nortearam a pesquisa de Amaral (2005) foram as seguintes: a variação dos ditongos decrescentes ocorre mais devido a fatores linguísticos, como o contexto seguinte, do que devido a fatores extralinguísticos; a monotongação ocorre mais na fala dos informantes de São Borja devido ser esse um município de fronteira com a Argentina, sendo que, na fala hispânica, muitas palavras já foram monotongadas, devido ao processo evolutivo da língua, enquanto, no português, as mesmas palavras sofrem variação.

Na análise dos dados, a autora constatou duas variáveis como as mais influenciadoras para a aplicação do fenômeno da monotongação: o contexto seguinte e a faixa etária.

Em relação à variável contexto fonológico seguinte, o resultado apontou o ambiente tepe como o contexto mais favorecedor ao apagamento da semivogal, alcançando 97% de frequência e um peso relativo de 0,72. Em uma nova rodada do programa, juntando os fatores alveolar, labial e velar, foi comprovado, mais uma vez, o tepe como desencadeador (0,68) e o palato-alveolar (0,56).

A variável faixa etária, na primeira rodada, foi a segunda variável escolhida pelo programa, por isso, é influente para a ocorrência do fenômeno. De acordo com critérios estabelecidos pelo Banco de Dados VARSUL, a variável é distribuída em duas faixas etárias: menos de 50 e mais de 50 anos. O resultado aponta que os falantes com menos de 50 anos realizam mais a monotongação (0,63) contra (0,38) dos falantes com mais de 50 anos. A fim de obter uma análise mais confiável quanto à variável faixa etária, Amaral (2005) redistribuiu as idades em três faixas: 26-43, 44-59 e mais de 60 anos,

com a intenção de rodar novamente o programa. Os resultados obtidos foram os seguintes: os informantes com idades entre 26-43 anos obtiveram um peso relativo de 0,62; os de 44-59 anos, um peso de 0,42; e, por fim, os com mais de 60 anos alcançaram um peso relativo de 0,41. Assim, confirmou que os mais jovens são os informantes que mais aplicaram o apagamento da semivogal anterior, em ambas as rodadas.

Conforme a autora, a variável tonicidade da sílaba tem mostrado comportamentos divergentes na literatura da área. Porém, os resultados apontaram a sílaba átona como a que mais propiciou o apagamento do glide, sendo que a pós-tônica (0,92) foi a que mais favoreceu a ocorrência do fenômeno devido aos poucos dados; logo após, a pretônica, com peso relativo de 0,55, influenciou a supressão da semivogal; e por fim, a sílaba tônica mostrou-se neutra, obtendo um peso de 0,49.

Quanto à variável classe de palavra, na primeira e na segunda rodada do programa, não foi selecionada. Assim, na terceira rodada, com a união dos fatores nome e outra classe (pronomes, numeral, etc.), essa variável mostrou-se influente para a omissão da semivogal. A classe que sofreu mais a redução do ditongo foi a dos não-verbos, obtendo um peso relativo de 0,65, sendo esse fator representado pelo nome (queijo, estrangeiro) e outros (primeira). O fator verbo obteve um índice de apenas 6% e um peso relativo de 0,41 devido ao ditongo aparecer em muitas ocorrências, quando está em posição final (sei, morei, trabalhei). No caso dos verbos, a monotongação não ocorre quando o ditongo encontra-se no fim da palavra, porém, pode ocorrer a omissão da semivogal, quando o ditongo está presente no radical (deixei~dexeí, queira~quera, treinado~trenado).

Algumas variáveis não foram selecionadas pelo programa, pois não se mostraram favorecedoras à aplicação da regra de monotongação: posição do ditongo, escolaridade e grupo geográfico.

Amaral (2005) constatou que a variação do ditongo [ej] nas cidades escolhidas ocorre devido à influência de algumas variáveis linguísticas, tais como: contexto seguinte (tepe e fricativa palato-alveolar), classe de palavra (nomes), tonicidade (sílabas átonas) e de uma variável extralinguística: faixa etária (menos de 50 anos, na primeira rodada; 26 a 43 anos, na segunda rodada). Além disso, a hipótese de os informantes da cidade de São Borja suprimirem mais a semivogal do que os outros informantes, por ser um município de fronteira com a Argentina, não se confirmou, sugerindo que a aplicação da regra de monotongação se dá por meio do contato linguístico.

Dos três ditongos passíveis de realização variável – [aj], [ej] e [ow] –, o ditongo [ow] sofre monotongação de forma praticamente categórica no PB, principalmente quando ocorre em verbos: *calou* [ka'lo], *botou* [bo'to]. Já em substantivos e adjetivos, a redução só ocorre quando o ditongo [ow] se localiza no meio da palavra: *touca* [ˈto.ka].

A redução atinge percentuais muito elevados, em torno de 98%, conforme Cabreira (1996), sendo possível destacar alguns fatores que atuam como facilitadores da monotongação: contexto seguinte - consoante palatal ou labial; tonicidade - sílaba tônica; valor fonemático - ditongos sem valor fonemático.

Conforme Collischonn (1996), a monotongação do ditongo [ow] pode ser interpretada como apagamento ou reanálise – apenas uma vogal na forma subjacente. Bonilha (2000), com base nos dados da aquisição da fonologia, constata que o ditongo [ow] não foi realizado pelas crianças em 99,5% das 218 possibilidades de produção. A autora, então, propõe que a realização do ditongo [ow] como [o] seja interpretada como reanálise no início da aquisição fonológica e como apagamento em etapas mais avançadas da aquisição. Produções como [pa'su] *passou* (Guilherme - 1:11:15) e ['Rupa] *roupa* (João - 2:01:08) sinalizariam para a presença de dois elementos na representação fonológica.

Conforme Bonilha (2000), em relação à produção dos ditongos [aj] e [ej], um aspecto interessante é que, em Cabreira (1996), as vogais, como constituintes do contexto seguinte, se apresentaram como fator inibidor da monotongação. No trabalho da autora, há dados em que os ditongos [aj] e [ej] se situam antes de vogais e são pronunciados pelos sujeitos somente com a vogal base, como [to'nea] *torneira* (Vinícius II - 2:03:23) e [zia'dea] *geladeira* (Priscila - 2:03:18). Para a autora, a não realização do ditongo [ej], em contexto que inibiria a monotongação, pode constituir-se em mais uma evidência de que os ditongos fonéticos são constituídos por apenas uma vogal na forma subjacente.

Bonilha (2000) também refere que, mesmo com o surgimento da palatal e das líquidas, os ditongos fonéticos continuam sendo realizados apenas com a sobrevivência da vogal base, ou seja, continua não havendo a manifestação do glide, uma vez que as estruturas CV e V são consideradas menos marcadas. As crianças produzem, em 100% das possibilidades de ocorrência, apenas a vogal base dos ditongos fonéticos [aj] e [ej].

Após todas as considerações traçadas a respeito do ditongo e o seu caráter variável, apresentaremos alguns comentários e resultados de trabalhos que envolvem a aquisição gráfica dos ditongos fonéticos.

2.4 Aquisição escrita dos ditongos

Em se tratando da interferência da língua falada na escrita, especificamente no caso dos ditongos fonéticos, há diversos estudos realizados, como Mollica (1998) e Tasca (2002).

Tasca (2002) versa sobre aspectos da interferência da língua falada na escrita, detendo-se nos ditongos [ej] e [ow] e no processo de vocalização de [l] em final de sílaba, sendo esses processos investigados em turmas de 2^a, 3^a e 4^a séries, em quatro escolas de Porto Alegre/RS.

Com a intenção de observar a variação dos ditongos [ej] e [ow], na escrita, relacionando-os com a fala, Tasca (op. cit) elaborou um instrumento de coleta de dados, que contém vários testes. São eles: a) escrever palavras sob figuras (mamadeira, doutor), b) preencher espaços em branco com palavras que designassem objetos desenhados (beijo, ouvido) e c) preencher espaços em branco com palavras que completassem o sentido das frases (pipoqueiro, outubro).

Em todas as séries, das quatro escolas, o teste foi aplicado em duas turmas, com a intenção de comparar uma turma que recebia instrução acerca da escrita dos fenômenos em análise com outra turma que não recebia essa orientação. Assim, para cada fenômeno estudado, ou seja, o ditongo [ej], o ditongo [ow] ou o segmento [l], a autora elaborou uma instrução acerca do uso das palavras na fala e quanto à sua representação gráfica. A autora cita um exemplo dessa orientação: no caso do ditongo [ej], dizia aos alunos que as pessoas falam ‘manteiga’, mas escrevem ‘manteiga’. Assim, repetia essa orientação, duas vezes seguidas e, ainda, mostrava um cartaz com a palavra grafada.

A autora considerou algumas variáveis linguísticas e extralinguísticas a fim de analisar o fenômeno da monotongação do ditongo [ej] e [ow] na escrita. As variáveis linguísticas investigadas foram as seguintes: a) para o ditongo [ej]: o contexto seguinte [r], [j] e [z]; b) para o ditongo [ow]: o contexto seguinte: [p, b, v], [r], [t, s] e [k]. Quanto às variáveis extralinguísticas, analisou as seguintes: tipo de escola, nível escolar dos alunos, sexo e orientação direcionada.

Quanto à variável contexto linguístico seguinte, a autora verificou que, no ditongo [ej], a consoante que mais propiciou o apagamento da semivogal foi o tepe. Já no ditongo [ow], a consoante dorsal [k] foi a que mais acarretou a supressão do glide.

Tasca (2002) tinha como um dos objetivos verificar se uma orientação pedagógica direcionada facilitaria ou não a aquisição da escrita dos ditongos. Ela constatou que tanto no ditongo [ej] quanto no ditongo [ow] essa variável teve uma grande significância e os alunos que receberam a informação sobre a relação entre língua falada e língua escrita suprimiram menos as semivogais [j] e [w].

Ainda falando a respeito da relação entre oralidade e escrita, Tessari (2002) analisa textos escritos produzidos por 22 crianças, com idades entre 9 e 10 anos, matriculadas em uma turma de 4ª série do ensino fundamental de uma escola particular de Ijuí-RS. A autora afirma que a principal causa dos erros ortográficos presentes nos textos desses alunos é a não correspondência entre letra e fonema. Dentre os processos fonológicos analisados em sua pesquisa, menciona a monotongação de [ej], salientando que a palatal [j] e a líquida não-lateral [r] são contextos propícios para o apagamento do glide [j].

Um outro trabalho que trata da interferência da língua falada na escrita de alunos de séries iniciais é Guimarães (2005). A autora analisa quarenta e quatro textos por meio de um estudo semi-longitudinal desde a primeira até a quarta série do ensino fundamental. Os dados relativos à aquisição da ortografia são obtidos a partir de textos produzidos, de forma espontânea, por seis crianças. A autora encontrou muitos erros nas produções textuais dessas crianças e propôs duas categorias para compreendê-los. Dentre todos os erros encontrados, ela menciona o fenômeno denominado monotongação. Ainda, afirma que essa dificuldade em relação ao fenômeno é devido à correspondência entre a língua escrita e a falada.

Em sua dissertação de Mestrado, Veçossi (2010) analisa erros de escrita em 35 textos de duas turmas de 8ª série de uma escola de Santa Maria-RS. Os erros analisados pelo autor são de motivação fonética/fonológica e relativos ao próprio sistema de escrita de nossa língua materna. Dentre todos os erros encontrados nos textos dos alunos, o autor constata a presença da monotongação de [ej] e [ow], sendo o ditongo [ow] aquele que mais sofre o apagamento da semivogal.

Apesar de o processo de monotongação ser referido em vários trabalhos que versam sobre a aquisição da ortografia, há poucos estudos especificamente voltados para a emergência dos ditongos na escrita.

Adamoli (2006) investigou, em sua pesquisa, a aquisição gráfica dos ditongos orais mediais na escrita de alunos de 1ª e 2ª séries do ensino fundamental. O autor constatou que os ditongos [aj], [ej] e [ow] são os grupos vocálicos mais passíveis de

sofrerem modificações gráficas. Conforme o autor, as variáveis mais significativas para a ocorrência da supressão do glide nos ditongos [ej] e [ow] são os fatores contexto seguinte e o tipo de escola. Os estudos sobre aquisição escrita e oral, assim como também os estudos variacionistas, têm mostrado que a variável contexto fonológico seguinte é a mais relevante dentre todas as outras analisadas.

O autor constatou que, dentre os ditongos fonéticos [aj], [ej] e [ow], o que menos sofreu redução na escrita dos alunos foi o ditongo ‘ai’, enquanto o ditongo ‘ou’ foi o que mais sofreu apagamento da semivogal. Como principais contextos para o apagamento, o ditongo ‘ai’ teve a supressão do glide diante da consoante palatal /j/; o ditongo ‘ei’, diante de /r/ e /ʃ/. Já em relação ao ditongo ‘ou’, as consoantes mais significativas foram as plosivas labiais /p/ e /b/.

Em relação à variável tonicidade da sílaba, Adamoli (2006) informa que, em sílaba tônica, o ditongo [aj] encontra-se mais sujeito à supressão do glide, apesar de as sílabas átonas, geralmente, favorecerem mais o apagamento por serem menos salientes que as tônicas. Quanto ao ditongo [ej], a ocorrência do apagamento verifica-se mais, justamente, em sílabas átonas.

Outro trabalho que versa sobre a aquisição dos ditongos é Adamoli e Miranda (2010), que têm como base 940 produções escritas espontaneamente por alunos de 1ª e 2ª séries do ensino fundamental. Dessas produções, os autores extraíram 840 palavras que possuíam contexto para o registro dos ditongos [aj] e [ej]. Na época em que foram realizadas as coletas de dados, as crianças tinham idades entre seis e nove anos e pertenciam a duas escolas da cidade de Pelotas – RS, sendo uma pública e a outra particular.

Foi utilizado o programa estatístico GOLDVARB 2001 a fim de obter as frequências. Esse programa analisou as variáveis linguísticas contexto fonológico seguinte, tonicidade e categoria morfológica; e as variáveis extralinguísticas, tipo de escola, série e sexo dos informantes.

Logo no início da discussão dos dados, os autores reportam que, em relação ao ditongo ‘ai’ e ‘ei’, 109 palavras tiveram a supressão da semivogal [j], das 840 palavras que constituíam o *corpus*, sendo 105 referentes ao ditongo [ej] e apenas quatro, ao ditongo [aj].

Os autores encontraram, nas produções escritas dessas crianças, casos de supergeneralizações. Vejamos as palavras encontradas: “caichoeira”, “agaichou”, “taixa”, “aicha”, “gainhar”, “gaiou” (ganhar) – referentes ao ditongo ‘ai’ –, e

“morreiram”, “peicho”, “peicharão”, “feixar” e “peidio” – referentes ao ditongo ‘ei’. Vale a pena ressaltar que, tanto na escrita convencional quanto na pronúncia desses exemplos, a semivogal não está presente. Apesar de a inserção dessa semivogal ser indevida, considerando-se as convenções ortográficas, é interessante pelo fato de revelarem o conhecimento linguístico das crianças.

Em relação ao ditongo ‘ei’, a consoante líquida favorece a supressão da semivogal [j], com peso relativo de .78. As consoantes palatais alveolares também propiciam a supressão dessa semivogal, nos dados de escrita, com peso relativo de .66.

Foi observado, também, pelos autores, outro contexto diante do qual as crianças inseriram a semivogal [j]. Vejamos os exemplos: “gainhar” e “veinho”. A soante nasal palatal /N/, assim como a consoante palatal alveolar /j/, influencia na decisão da criança no momento de grafar uma palavra com tal contexto, pois a nasal palatal também apresenta duas articulações orais. Nesses exemplos, o surgimento do glide deve-se a um espraiamento do nó vocálico para a esquerda.

Portanto, exemplos como: “peicharam”, “feixar”, “peixo”, “taixa”, “aicha”, “caichoeira”, “agaichou”, “gainhar” e “veinho” demonstram que as crianças têm dúvida, no momento da escrita, em saber quais palavras devem conter ou não o ditongo, quando este vem seguido de palatal. Essa dúvida, possivelmente, deve-se ao fato de a fonologia da língua, que já está internalizada pela criança, interferir sobre a aprendizagem da escrita.

Outros dados de apagamento e de acréscimo da semivogal anterior [j] foram observados e analisados pelos autores, porém diante das consoantes alveolares /t/ e /d/. Os exemplos encontrados são: “fetiço”, “esketi” e “peidio”. Relativamente ao apagamento diante da consoante /t/, é interessante o fato de que pesquisas variacionistas e de aquisição não mencionam esse contexto como favorecedor à monotongação do ditongo ‘ei’, pois, neste caso, trata-se de um verdadeiro ditongo, ou ditongo fonológico, e não de um falso ditongo.

Nos dois exemplos de apagamento da semivogal [j] diante da consoante coronal /t/, os autores chamam a nossa atenção para o fato de essa consoante sofrer um processo de palatalização diante da vogal alta /i/.

A interpretação dos autores é que a criança deve ter evitado a sequência Vi.Ci, devido à palatalização que /t/ sofreu – recebendo, portanto, um nó vocálico – e, neste caso específico, à atuação do Princípio do Contorno Obrigatório¹.

Na grafia “peidio”, a criança inseriu uma semivogal diante da sequência obstruente coronal e vogal alta, também coronal. Nesse exemplo, os autores acreditam ser a vogal alta, que antecede a consoante, a responsável pelo espriamento.

Nos exemplos recém apresentados e discutidos referentes ao apagamento e ao surgimento da vogal alta /i/ diante de uma obstruente coronal, as crianças, ao produzirem suas grafias, utilizaram-se do seu conhecimento fonológico já internalizado.

Até o momento, os autores, por meio de exemplos da escrita inicial das crianças de forma espontânea, explicitaram a ideia de que as consoantes palatais são responsáveis tanto pelo surgimento quanto pelo apagamento do glide nos ditongos ‘ai’ e ‘ei’, devido à presença do nó vocálico, de acordo com a Geometria de Traços.

Após essa explicitação, os autores também abordam exemplos de supressão e de acréscimo do grafema ‘i’ diante da consoante líquida /r/. O peso relativo de .78, referente à não produção da semivogal [j] diante de tepe nas escritas infantis, comprova que esse contexto favorece o apagamento do glide. Adamoli e Miranda (2010) acreditam que está havendo uma interferência da fala na escrita, comprovada pela alta frequência de palavras como “dinhero”, “pandero”, “tornera” e “pagodero”.

Também ocorreu um caso de inserção do glide diante de tepe: “morreiram”. Os autores recomeçam a discussão acerca da proposta de Bisol (1989) em relação à consoante líquida /r/. De acordo com Bisol, a posição que as líquidas ocupam na Escala de Sonoridade parece ser a possibilidade mais adequada para explicar tanto o apagamento quanto a inserção do glide nos dados infantis. Portanto, mais uma vez, o nó vocálico, que está presente na estrutura das líquidas, é o responsável tanto pelo surgimento do glide quanto pela omissão diante do ambiente de tepe.

Logo, ao considerar as líquidas como classe que apresenta no nó de raiz o traço [vocoide], os autores afirmam que a grafia “morreiram”, que possui uma vogal alta inserida, deve-se ao espriamento que ocorre no *tier* melódico de traços de vogal.

Portanto, o nó vocálico é o responsável pela presença do glide em palavras como “caixa” e “peixe” e, também, propicia a inserção desse segmento na grafia infantil de palavras como “feixar”, “taixa”, “peidio” e “morreiram”.

¹ Princípio do Contorno Obrigatório (Obligatory Contour Principle - OCP) – foi proposto por Leben (1973) e é responsável pela proibição de elementos adjacentes idênticos – traços ou nós.

Ao longo do texto, todas as análises realizadas pelos autores constataam a interferência da fonologia sobre os dados de escrita inicial das crianças e, ainda, o fato de essa interferência dos sons poder influenciar nas decisões da criança na hora de produzir seu texto.

Em Adamoli (2013), o autor volta-se novamente para o estudo sobre os ditongos variáveis [aj] e [ej] do PB, desta vez, abordando o estatuto fonológico desses grupos vocálicos por meio de dados orais e escritos produzidos por crianças de séries iniciais.

O autor acompanhou 15 alunos durante os dois primeiros anos do período da alfabetização, na tentativa de argumentar sobre a representação fonológica dos ditongos [aj] e [ej]. Defende, então, que, a partir da aprendizagem da escrita, as crianças começariam a perceber esses grupos vocálicos, passando a pronunciá-los. O autor acredita, também, que esses ditongos sejam constituídos por apenas a vogal base na subjacência e que, só a partir do processo de aquisição da escrita, passariam a percebê-los como uma estrutura VV (*vogal + vogal*).

Em relação à metodologia, o autor tem como base, para a sua análise, a produção oral e escrita dos ditongos [aj] e [ej]. Submeteu os alunos a diferentes instrumentos de coleta de dados a fim de garantir a produção desses grupos vocálicos. Realizou quatro coletas orais e três coletas escritas, sendo duas coletas orais e uma coleta escrita, realizadas durante o 1º ano de investigação; duas coletas orais e duas coletas escritas no 2º ano escolar. Para a coleta oral, o autor utilizou um conjunto de figuras e três sequências narrativas, sendo que as mesmas figuras da coleta oral foram utilizadas para a obtenção dos dados de escrita.

Na coleta oral, cabia aos alunos informar o nome de cada figura apresentada por meio de um computador. Na terceira coleta, porém, antes de o aluno começar a nomear as figuras, recebia a instrução de que deveria produzir as palavras como se fosse um professor, portanto houve uma mudança no papel social do informante. Na quarta coleta, foram apresentadas sequências narrativas sem legendas para que os aprendizes contassem, oralmente, o que ocorria em cada história.

Para acompanhar o percurso evolutivo das crianças quanto à produção e à não produção da semivogal dos ditongos [aj] e [ej] durante o processo de apropriação da escrita, o autor verificou as produções e apagamentos da semivogal presente nesses grupos vocálicos, nas quatro coletas orais e nas três escritas, de forma quantitativa.

Quanto aos dados orais, o autor constatou uma baixa frequência de produção nas duas coletas realizadas no 1º ano de investigação. Na 1ª coleta, a produção de [aj]

totalizou 5,5%; na 2ª coleta, 6,6%. Quanto ao ditongo [ej], a produção alcançou 5% e 6,6%, na 1ª e 2ª coletas, respectivamente. No 2º ano escolar, os resultados apontaram um aumento significativo na produção da semivogal [j]. Na terceira coleta, quanto ao ditongo [aj], a produção alcançou 46%; em relação ao ditongo [ej], 61% de produção. Salienta-se que, nessa coleta, os índices de produção dos ditongos [aj] e [ej] foram bem mais elevados do que nas outras duas coletas realizadas, o que provavelmente está associado à troca de papel social dos informantes, que pronunciavam as palavras como se fossem professores. Na quarta e última coleta, o ditongo [aj] totalizou 63% de produção; o ditongo [ej] obteve 44% de manutenção de [j].

Em relação às grafias, o ditongo ‘ai’ apresentou 36% de produção, na 1ª coleta, realizada no 1º ano escolar. Na 2ª investigação, já no segundo ano investigado, o ditongo apresentou 81% de manutenção da vogal ‘i’. Na 3ª observação, os índices de produção totalizaram 79%. Quanto à grafia do ditongo ‘ei’, os resultados indicaram 57% de produção, na 1ª coleta; na 2ª e 3ª coletas, os índices de produção totalizaram 80% e 83%, respectivamente. Segundo Adamoli (2013), as crianças praticamente já se apropriaram das formas convencionais dos ditongos ‘ai’ e ‘ei’, na 2ª série da alfabetização, pois os índices de produção giraram em torno de 80%.

Com a finalidade de constatar a influência do avanço escolar tanto na produção oral quanto escrita dos ditongos [aj] e [ej], o autor procedeu à análise comparando os resultados alcançados ao término de cada ano investigado. Assim, ao comparar os dados de produção da oralidade e da escrita dos ditongos, estabeleceu quatro grupos distintos: o primeiro grupo refere-se aos alunos que produziram oral e graficamente os ditongos; o segundo, à produção oral de [aj] e [ej]; o terceiro refere-se à produção gráfica apenas e o quarto, à não produção oral e gráfica da semivogal.

O desempenho oral e ortográfico do ditongo [aj], no final do primeiro ano escolar, não pôde ser observado pelo fato de que quase metade dos alunos deixou de nomear as figuras que continham esse ditongo, impossibilitando-o de fazer comparações individuais.

O autor constatou, em relação ao desempenho das crianças quanto ao ditongo [ej], também, no final do primeiro ano de escolarização, que dois sujeitos apresentaram índices de produção mais elevados na coleta escrita do que na coleta oral e um sujeito apresentou índices de produção superiores na oralidade. Porém, sete sujeitos apresentaram índices de produção de [ej] apenas na grafia, sendo constatado na fala apenas o apagamento da semivogal.

Passamos, agora, a observar o comportamento do ditongo [aj], no segundo ano escolar. Desta vez, treze alunos apresentaram índices de produção oral e/ou escrita, sendo que destes, nove apresentaram 100% de produção da semivogal, na escrita, e índices entre 50% e 100%, na oralidade. Dois sujeitos obtiveram 50% de produção na grafia, mas na oralidade não houve a presença da semivogal. Um sujeito apresentou melhor desempenho na oralidade, totalizando 50% de produção; quanto à não produção, alcançou 33%. Por fim, um sujeito apresentou tanto na fala quanto na escrita 0% de produção da semivogal.

A seguir, apresentamos a comparação do desempenho das crianças, no segundo ano de escolarização, quanto ao ditongo [ej]. Na escrita, três sujeitos apresentaram 100% de produção da semivogal. Sete informantes apresentaram índices de produção entre 58% e 91% e índices de incidência variando entre 41% e 77%. Dos sete sujeitos, um destacou-se pelo alto valor de produção da semivogal, ou seja, alcançou 77%, na oralidade, enquanto à não produção totalizou 58%. Dois sujeitos apresentaram índices bem diferenciados, ou seja, a produção na grafia obteve 91,66% e 75%, enquanto na fala os índices totalizaram 6,9% e 20%, respectivamente.

Adamoli (2013), a fim de contemplar o 3º objetivo específico, compara os dados de produção oral e escrita dos ditongos variáveis durante o período investigado. No final do 1º ano escolar, três tendências gerais foram constatadas para o ditongo [aj] e duas para o ditongo [ej], sendo que muitos alunos concentraram-se no grupo que registrava os ditongos apenas graficamente. No 2º ano de investigação, houve uma inversão, ou seja, a maioria dos alunos produziu os ditongos oral e graficamente. Segundo o autor, esses resultados indicaram uma maior produção das sequências [aj] e [ej] pelas crianças, após a aquisição do sistema ortográfico.

O autor apresenta uma proposta de reestruturação das representações fonológicas a partir da aquisição da escrita alfabética. Com a finalidade de oferecer evidências acerca da reconstrução da forma subjacente dos ditongos [aj] e [ej], acredita que produções orais e escritas iniciais dos 15 alunos investigados, acompanhados durante dois anos, podem oferecer vestígios para uma compreensão sobre o conhecimento fonológico dessas crianças. Os resultados obtidos, segundo o autor, parecem indicar uma influência da aquisição da escrita sobre o conhecimento fonológico das crianças, possibilitando, assim, uma reconfiguração de seu conhecimento sobre os ditongos variáveis [aj] e [ej].

Adamoli (2013) pretende contribuir com a discussão referente aos ditongos [aj] e [ej] na fonologia da língua. Para isso, o autor, com base em estudos anteriores, como a proposta de Bisol (1994), apresenta uma proposta de que os ditongos [aj] e [ej] sejam decorrentes dos segmentos complexos, a saber, [f], [ʒ] e [r], constituídos a partir do desenvolvimento da aquisição da escrita por essas crianças.

Neste tópico apresentamos alguns resultados de trabalhos referentes à aquisição escrita dos ditongos fonéticos. No próximo item, abordaremos algumas considerações sobre a língua, que são indispensáveis para que o alfabetizador realize a sua tarefa com sucesso.

2.5 Algumas considerações acerca da alfabetização

O período da alfabetização é o responsável tanto pelo sucesso quanto pelo fracasso escolar dos aprendizes, em etapas posteriores. Lemle (2003) destacou-se por tratar diversos conhecimentos básicos e indispensáveis sobre a língua para que o professor alfabetizador realize a sua tarefa com sucesso.

A autora comenta sobre a necessidade do alfabetizando atingir alguns saberes para que ele possa aprender a ler e a escrever. Aborda, então, cinco conhecimentos básicos.

Dentre esses conhecimentos, Lemle (2003: 7) cita:

a primeira coisa que a criança precisa saber é o que representam aqueles risquinhos pretos em uma página branca. Esse conhecimento não é tão simples quanto parece a quem já o incorporou há muitos anos ao seu saber. Observe que, para entender que os risquinhos pretos no papel são símbolos de sons da fala, é necessário compreender o que é um símbolo.

A autora afirma que o primeiro saber que a criança precisa desenvolver é o que representa os “risquinhos pretos” em uma página, por isso é ideal trabalhar a noção de símbolo com os aprendizes, a fim de que eles percebam que representam os sons da fala.

O segundo conhecimento da criança é o de percepção das diferenças quanto à forma das letras do nosso alfabeto, que apresenta formas bastante semelhantes. Na sequência, o terceiro problema para a criança em fase de aquisição da escrita, refere-se à

percepção sonora, pois para que a criança escreva corretamente é necessário que ela utilize o símbolo certo para representar cada som.

Em relação ao quarto problema, a autora comenta que é necessário que a criança tenha consciência da unidade palavra na corrente da fala. Segundo Lemle (2003) é necessário reconhecer a unidade, pois há uma relação entre conceitos e unidades sucessivas sonoras da fala. Na escrita, além dessa relação, há outra simbólica, isto é, uma relação entre essas sequências de sons da fala que estão presentes em uma palavra e a sequência sucessiva das letras que representam esses sons da palavra. Também, conforme a autora, é necessário que o aprendiz reconheça a unidade sentença que tem a sua representação na escrita por uma letra maiúscula, no início, e por um ponto final.

O último saber mencionado por Lemle (op. cit) é sobre como se organiza a página escrita. Cabe, portanto, ao alfabetizador explicar a criança que a escrita é da esquerda para a direita e de cima para baixo.

Lemle (2003) fala, também, sobre a existência de três relações entre os sons da fala e as letras do alfabeto na língua portuguesa. A primeira relação é tida como ideal, pois há uma correspondência biunívoca entre fonema e letra, ou seja, um som corresponde a uma letra e esta representa apenas esse som. Como exemplo, temos a letra *p* que representa o fonema /p/.

Na segunda relação, a posição tem papel relevante. Assim, uma letra recebe uma forma, dependendo de sua posição na estrutura da palavra, como o som que ora é registrado de uma forma, ora é grafado de outra, dependendo da posição que se encontra. Para ilustrar, tomamos como base o som da vogal [u] que, em posição acentuada, é registrado com a letra *u* (crua, lua) e em posição átona em final de palavra é grafado com a letra *o* (cabo, braço). Portanto, percebemos que esse mesmo som, em uma posição, é registrado com uma letra e, em outra posição, é grafado de outra forma.

Por isto, é importante que o alfabetizador saiba da existência dessas particularidades na língua portuguesa e, ainda, consiga explicar a seus alunos, de forma clara, que a posição que a letra ocupa precisa, neste caso, ser levada em consideração.

O terceiro tipo é a relação de concorrência. Nessa relação, diferentes letras representam o mesmo som, em contextos idênticos. Como exemplo, temos o som da vogal [u] que, em final de sílaba, pode ser representado pela vogal *u* (chapéu, céu) ou pela consoante *l* (pastel, anel).

Tomando como base as relações existentes entre os sons e as letras, citadas anteriormente, Lemle (2003) apresenta quatro etapas da alfabetização. A autora, na

primeira etapa, “A teoria do casamento monogâmico entre sons e letras”, aborda o primeiro passo do alfabetizando que é a percepção de que, uma letra representa um som e que cada som corresponde a uma letra. Sugere, ademais, que o alfabetizador trabalhe com esta hipótese por pouco tempo a fim de que o aprendiz perceba que a relação nem sempre é ideal e perfeita.

Quando o aprendiz fica preso às relações da hipótese da monogamia, o aprendiz comete alguns erros de leituras. O erro mais comum é a leitura artificial de algumas palavras como, por exemplo, a pronúncia de /mato/ ao invés de uma pronúncia espontânea /matu/.

A segunda etapa “A teoria da poligamia com restrições de posição”, segundo a autora, rejeita a hipótese da monogamia. Nessa etapa, cabe ao alfabetizador ajudar o aprendiz a perceber que o som, muitas vezes, não é fiel à letra devido à posição que esta ocupa na palavra. Para ilustrar essa hipótese, temos a letra *l* que, na palavra sala apresenta um som /l/; mas, na palavra anel, temos o som de /u/. Desta forma, o aprendiz perceberá a inviabilidade da hipótese monogâmica.

A terceira etapa, “As partes arbitrárias do sistema”, permanece durante toda a vida, pois temos dúvidas quanto à ortografia de palavras raras. Nessa etapa, mais de uma letra, na mesma posição, estão aptas a representar o mesmo som, sendo a escolha por uma letra e não por outra regida por uma relação de arbitrariedade. Para ilustrar, temos as letras *ch* (chuva) e *x* (taxa), diante de vogal, para representar o mesmo som /ʃ/. Nesses casos, atividades de leitura e escrita são indicadas para que os aprendizes consigam memorizar a grafia das palavras.

Outra pesquisa se distingue por abordar a relação entre o conhecimento fonológico e o conhecimento ortográfico, no período da alfabetização. Adamoli e Miranda (2010) tratam das relações existentes entre o conhecimento fonológico, que a criança adquire antes de entrar na escola e o conhecimento ortográfico, que a criança vai adquirindo aos poucos por meio do contato com atividades de leitura e escrita. O conhecimento fonológico atua sobre o conhecimento ortográfico e, ainda, tem poder sobre as decisões da criança quando esta constrói seu texto.

Quanto à oralidade, na alfabetização, exerce forte influência sobre a escrita, por interferir nos estágios iniciais, fazendo com que a criança tenha dúvida em relação à grafia de certas palavras, devido ao impacto que a oralidade exerce sobre a língua escrita e também devido a esses sistemas serem semelhantes.

O erro é considerado pelos autores, no período inicial, construtivo, pois é por meio dele que a criança vai alinhavando um caminho até chegar ao acerto da grafia, em etapas subsequentes, ou melhor, nas séries finais.

Em relação à aprendizagem da escrita, os autores afirmam que há três componentes que exercem influência quanto ao aprendizado desse novo código. Primeiramente, há um sistema de sons da língua, segundo, um sistema de convenções ortográficas e, terceiro, o sujeito aprendiz, que é fundamental ao processo de aquisição da escrita. É esse sujeito que, além de ser capaz de perceber as similaridades e as discrepâncias entre esses dois sistemas, também é capaz de construir textos criativos e espontâneos que são materiais valiosos e que mostra realmente o que a criança sabe sobre a sua língua.

Neste capítulo, apresentamos os pressupostos teóricos básicos relacionados aos ditongos orais decrescentes do português brasileiro, principalmente, as pesquisas voltadas aos ditongos fonéticos [aj], [ej] e [ow]. Além disso, apresentamos informações sobre seu comportamento na língua portuguesa e sobre seu processo de aquisição oral e/ou escrita. O próximo capítulo será dedicado à explanação da metodologia utilizada nesta pesquisa, apresentando os sujeitos e as escolas investigadas, a descrição geral dos procedimentos, assim como as variáveis consideradas para análise.

3. METODOLOGIA

O presente capítulo tem como objetivo apresentar a proposta metodológica que possibilitará verificar se há influência da língua falada na produção escrita dos ditongos fonéticos [aj], [ej] e [ow], bem como se ocorre a interferência da língua escrita na língua falada, alterando de alguma forma, o emprego variável dos ditongos. À metodologia cabe a apresentação dos sujeitos envolvidos nesta pesquisa, a localização e a apresentação das escolas da zona urbana e da zona rural, a descrição geral dos procedimentos metodológicos que viabilizam a constituição do *corpus* - composto por duas amostras: uma de língua falada e outra de língua escrita -, as informações a respeito do programa estatístico que foi utilizado a fim de analisar os dados, assim como as variáveis linguísticas e extralinguísticas utilizadas nesta pesquisa, as quais podem favorecer a supressão das semivogais [j] e [w] presentes nos ditongos.

3.1 Os sujeitos

Os sujeitos que constituem esta pesquisa são 106 alunos, sendo que 59 pertencem a uma escola da zona urbana e 47, a uma escola da zona rural. Cinco sujeitos da escola localizada na zona urbana foram descartados, devido à identificação de prováveis desvios articulatorios, totalizando 54 sujeitos.

As idades dos sujeitos variam, em média, entre sete a quinze anos. As crianças envolvidas nesta pesquisa pertencem às turmas de 1^a, 2^a, 3^a e 6^a série do ensino fundamental (2^o, 3^o, 4^o e 7^o ano, respectivamente).

No quadro 1, apresentamos a média de idade dos alunos em cada uma das séries investigadas.

Quadro 1 - Média de idade dos sujeitos da pesquisa

Série	Idade	
	Zona urbana	Zona rural
1 ^a	9	8
2 ^a	10	10
3 ^a	11	11
6 ^a	13	13

Optamos por não investigar o 1º ano da alfabetização por ser o primeiro contato com uma nova modalidade de linguagem – a escrita. Esta fase escolar é o momento em que a criança começa a formular hipóteses, refletindo sobre a relação entre a modalidade da língua oral, já dominada pela criança, e a sua representação por meio dos grafemas. Investigamos os dados dos alunos da 6ª série (7º ano), pois nosso interesse é comparar o desempenho de alunos em período de alfabetização (1ª, 2ª e 3ª série) com o desempenho de alunos fora deste período (6ª série). Os aprendizes frequentam uma das duas escolas que foram escolhidas para serem investigadas na cidade de São José do Norte/RS, uma situada na zona urbana e a outra, na zona rural, na localidade de Barranco.

Para serem selecionados para a pesquisa, os alunos tiveram que, primeiramente, entregar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Anexo 1), assinado pelo responsável. Os alunos da zona urbana também preencheram um questionário (Anexo 2), contendo duas perguntas: onde o aluno mora e se já morou em outra cidade. Este serviu como forma de escolha para a coleta de dados, pois optamos pela inserção de alunos que não moraram em outra cidade ou que moraram por poucos meses, quando eram ainda bebês.

No quadro 2, a distribuição dos sujeitos por turmas e escolas.

Quadro 2 - Distribuição dos alunos

	Zona urbana	Zona rural
Série	Escola - centro	Escola - 1º Distrito
1ª	13	13
2ª	12	8
3ª	14	12
6ª	15	14
Total	54	47

Importante salientar ainda que, na escola da zona urbana, localizada no centro da cidade, estudam alguns alunos que vêm diariamente da zona rural, porém, todos os alunos que participaram desta pesquisa e que estudam na zona urbana moram na cidade.

Os sujeitos da localidade do Barranco (1º Distrito) constituem uma amostra mais heterogênea, pois muitos alunos matriculam-se e permanecem na escola apenas no período da pesca e, logo após, vão estudar em uma escola no centro da cidade de São José do Norte. Alguns alunos, inclusive, vêm de Santa Catarina, pois seus pais pescam na cidade e, se a pesca for lucrativa, os alunos permanecem tanto na escola quanto na cidade até o mês de junho, caso contrário retornam para Santa Catarina em maio. Todos os alunos circulam frequentemente pela cidade, pois a estrada que liga a zona rural à cidade está asfaltada, facilitando o acesso.

3.2 As escolas

A escola da zona urbana apresenta três turmas de 1ª série; duas turmas de 2ª; duas turmas de 3ª; por fim, quatro turmas de 6ª série. Em 2011, quanto à repetência, as turmas de 1ª série possuíam 13 alunos repetentes; 7 alunos repetiram a 2ª série; já a 3ª série apresentava 8 alunos repetentes; a 6ª série apresentava 36 alunos repetentes nas quatro turmas. Os índices de evasão são baixíssimos, ou seja, em 2011, apenas um aluno da 3ª série desistiu da escola e dois pertencentes à 6ª série não concluíram seus estudos.

A escola da zona rural apresenta uma turma de cada série, pois além de ser uma escola pequena, há poucas pessoas que moram na localidade do Barranco. A maioria dos alunos apresenta algum grau de parentesco e todos se conhecem. Em relação à evasão escolar, também é baixa, mas nenhum dado específico nos foi reportado. O que sabemos é que um ou outro aluno, que apresenta algum problema pessoal, desiste, sendo que as professoras e a direção ficam sabendo o porquê e tentam ajudá-lo para que retorne à escola.

Uma informação relevante e que talvez possa influenciar na fala dos alunos é que, na escola situada no centro da cidade, trabalham alguns professores que moram em Rio Grande. Já na escola situada no Barranco, os professores moram na zona urbana de São José do Norte e alguns, próximos à escola.

3.3 Descrição geral dos procedimentos

Antes de descrevermos os procedimentos metodológicos desta pesquisa, faremos a descrição de um teste piloto realizado anteriormente às coletas.

3.3.1 Teste piloto

O teste piloto foi dividido em três etapas. A primeira etapa compreende o teste de reconhecimento de figuras; a segunda, a coleta oral e a terceira etapa, a coleta escrita. Dessas etapas, 21 sujeitos participaram.

Primeiramente, foi realizado o teste que tinha a finalidade de verificar se cada criança reconhecia as figuras, de forma que uma quantidade maior de produções fosse assegurada.

Logo após, realizamos a coleta oral. Para esta coleta, elaboramos um instrumento. A coleta oral foi feita por meio de exposição de figuras no computador, a fim de que o aluno pronunciasse uma frase com cada figura apresentada.

Por fim, ocorreu a coleta escrita, em sala de aula, com todos os alunos, conjuntamente. Foram elaborados dois tipos de instrumentos de coleta de dados para a *amostra* de língua escrita, de forma a se tornarem interessantes para crianças de diferentes faixas etárias.

Aos alunos de 1ª, 2ª e 3ª séries, foi entregue um instrumento contendo as imagens das figuras mostradas a eles no computador anteriormente, com a finalidade de escreverem palavras sobre essas figuras.

Para os alunos de 4ª, 5ª e 6ª séries, o instrumento continha frases com espaços em branco para que completassem o sentido de cada uma.

Tanto as palavras que eles escreveram sobre as figuras quanto as que completaram esses espaços foram as mesmas trabalhadas na coleta oral.

Para a coleta de dados da presente pesquisa, no entanto, optamos por não realizar o teste de reconhecimento de figuras, a fim de evitar que determinados ditongos fossem ou não pronunciados devido ao contato recente que a criança pudesse ter tido com a pronúncia do pesquisador.

Assim, a coleta de dados ficou composta por duas *amostras*: uma de língua falada e outra de língua escrita, sendo dividida em duas etapas. A primeira etapa foi realizada individualmente, a segunda, de forma coletiva, em sala de aula.

3.3.2 Coleta oral - 1ª etapa

A coleta oral foi realizada anteriormente à coleta escrita, de forma a evitar que determinados ditongos fossem pronunciados pelo contato recente que a criança pudesse ter apresentado com a forma escrita.

O instrumento referente à coleta oral contém 62 figuras, mostradas a cada aluno, por meio de um computador. Das 62 imagens apresentadas no instrumento, 47 são palavras alvo, sendo 15 distratoras. Das palavras alvo, 4 contêm o ditongo [aj] em sua estrutura; 16, o ditongo [ej] e 27, o ditongo [ow].

A coleta oral ocorreu da seguinte maneira: primeiramente, organizávamos a sala de aula disponibilizada pela escola para a realização da coleta de dados. Logo após, íamos até a sala de aula de uma das turmas investigadas a fim de chamar um aluno para iniciarmos a coleta. Quando o aluno entrava na sala de aula, pedíamos para que sentasse em frente ao computador e mostrávamos o gravador digital.

Antes de iniciarmos a coleta, explicávamos qual seria a tarefa do aluno. Informávamos que, primeiramente, deveria responder as seguintes perguntas: qual o seu nome completo, qual o nome da escola em que estuda e a série em que está matriculado. Logo após, dizíamos que as figuras seriam expostas uma de cada vez, e que o aluno deveria: (i) reconhecer a figura e pronunciar o nome dela e, por fim, (ii) construir uma frase utilizando o nome da figura. A fim de tranquilizá-lo, informávamos que o pesquisador ajudaria-o, fornecendo dicas para o acerto da figura e, caso não a reconhecesse, a próxima imagem seria mostrada. Ao término da coleta de dados, agradecíamos e entregávamos um brinde. Por fim, o pesquisador retornava a sala de aula da turma investigada, naquele momento, e chamava outro aluno a fim de dar continuidade às coletas. Após o término da coleta oral de uma turma, iniciávamos a coleta em outra turma.

Na Figura 10, apresentamos um trecho de uma coleta oral de um aluno da 3ª série da escola da zona urbana.

P – Boa tarde, X! Tudo bem?

A – Tudo.

P – Podes me dizer o teu nome todo?

A – X.

P – Tá, certinho! E qual é a série ou o ano que tu estudas?

A – 4º ano azulão.

P – E qual é o nome da escola?

A – Y.

P – Certo. Então, só para lembrar. Tu tens que falar o nome da figura e depois criar uma frase e nessa frase tem que aparecer o nome da figura. Está bem?

A – Aham.

P – O que é isso aí, então?

A – Um gato.

P – E a frase?

A – O gato usava botas, chapéu, um cinto e uma espada.

P – Poxa, que guri criativo! Isso aí é uma?

A – Tes[ow]ra.

P – Uma frase?

A – A tes[ow]ra cortava muitas pastas.

P – E isso aí?

A – Uma c[aj]xa. A c[aj]xa guardava muitas coisas.

P – E pequeninha? É uma?

A – C[aj]xinha. A c[aj]xinha, a c[aj]xinha tinha dois bebezinhos.

P – Oh! Está acertando tudo.

A – Mesa. A mesa, o gigante usava para comer as suas coisas.

P – Ah! Tu lês bastante história!

A – Aham.

P – Então, tu és esperto!

A – O qu[ej]jo.

P – Agora, diz a frase.

A – O qu[ej]jo se botava no pão do gigante para comer.

– Maçã. A maçã, a bela adormecida mordeu a maçã e desmaiou.

– Band[e]ra do Brasil. A band[e]ra do Brasil é uma band[e]ra muito especial.

P – Muito bem!

A – Uma cebola. A cebola serve para botar no arroz.

P – Muito bem! E é bom um arroz com cebola em cima, né?

A – Aham.

P – É um monte de?

A – Paninhos.

P – É a mesma coisa que a figura anterior (mostrando a figura da bandeira do Brasil).

A – Band[e]ras.

P – Só que são pequeninhas.

A – Band[e]rinhas.

P – Agora, a frase.

A – As band[e]rinhas servem para fazer festas.

P – Isso mesmo!

A – Uma cad[e]ra. A cad[e]ra serve para o gigante sentar.

P – Visse como tu és esperto!

A – Sofá. O sofá da minha mãe é muito legal.

– Cad[e]rinha. Na cad[e]rinha sentava um bebezinho de um aninho.

P – Oh! Isso mesmo!

A – Carne.

P – Onde a gente compra carne?

A – Aç[ow]gue. O aç[o]gue tinha bastante coisas especiais para comer.

P – E quem trabalha nesse lugar aí?

A – Aç[o]gueiro. O aç[o]gueiro cortava as carnes e botava na vitrine.

– T[o]ro. O t[o]ro era muito brabo que não deixava ninguém chegar perto da sua casa.

P – Muito bem!

A – T[o]rada, t[o]riada. Na t[o]riada havia um menino que se chamava Peterson.

P – Isso aí é uma? Fala pra tia.

A – T[o]riada.

P – Certo!

A – P[ej]xe. O p[ej]xe nadava com as suas barbatanas muito rápido.

P – E pequeninho? É um?

A – P[ej]xinho. O p[ej]xinho, o p[ej]xinho foi capturado por uma moça que cuidava muito bem dele.

– Cachorro. O cachorro era muito esperto, dava a patinha e fazia tudo que a gente mandava.

P – Sabia que esse cachorro é meu?

A – É?! Que legal!

– B[ej]jo. O menino deu um b[ej]jo na guriuzinha.

P – O que eles estão segurando? É uma?

– Nos desfiles, digamos que, eu fui rainha, então, vou ganhar uma coroa e outra coisa que colocam na minha frente (mostrando a parte superior do corpo). Começa com a letra f. É uma?

A – F[aj]xa. Uma vez o corredor chegou e derrubou a f[a]xa.

P – A mesma coisa, só que é pequenininha!

A – F[aj]xinha. A f[aj]xinha, botaram na chegada dos corredores.

P – Isso mesmo!

A – Vass[o]ra. A vass[o]ra da bruxa que era muito malvada que assustou a branca de neve.

P – Certo! E esse doce aí?

A – Qu[ej]jadinha. A qu[ej]jadinha é muito gostosa e muito deliciosa. [...]

Figura 10 - Exemplo de uma coleta oral de um aluno da 3ª série da zona urbana

A Figura 11 apresenta alguns exemplos de figuras que fazem parte dos instrumentos de coleta de dados elaborados.



Figura 11 - Exemplos de imagens utilizadas nos instrumentos de coleta de dados

As imagens foram selecionadas com o cuidado de não incluir nenhuma figura desconhecida. Ao escolher as figuras, levamos em conta, também, os contextos mais prováveis ao favorecimento do apagamento da semivogal [j] e [w]. A fim de auxiliar os alunos no reconhecimento das imagens, foram apresentados alguns objetos, relativos às seguintes palavras: *queijadinha*, *lousa mágica* e *toucinho*.

Na coleta oral, havia uma ficha de controle para cada aluno, de forma que fosse possível ao pesquisador fazer anotações, no momento da coleta, referentes às pronúncias, dúvidas e dificuldades em relação às figuras.

As gravações ocorreram com a utilização de um gravador digital de alta definição, modelo Zoom H4N, nas dependências das escolas.

Os dados foram transcritos, com base em outiva, pela mestranda. A revisão dos dados foi realizada por um bolsista de iniciação científica, no Laboratório de Emergência da Linguagem Oral (LELO). Dados duvidosos foram submetidos à revisão, por mais dois bolsistas, realizadas, também, no LELO e, permanecendo divergências, foram descartados.

3.3.3 Coleta escrita - 2ª etapa

Logo após a coleta oral de todas as turmas investigadas na escola, foi realizada a coleta escrita. Foram elaborados dois tipos de instrumentos de coleta de dados para a *amostra* de língua escrita, de forma a se tornarem interessantes para crianças de diferentes faixas etárias.

Aos alunos de 1ª, 2ª e 3ª séries, foi entregue um instrumento contendo as imagens das figuras mostradas a eles no computador anteriormente, com a finalidade de escreverem a palavra relativa a cada figura. Essa coleta foi dividida em duas etapas a fim de não se tornar muito cansativa aos alunos (Anexo 3) e (Anexo 4).

Na escola da zona rural, a coleta escrita ocorreu de forma diferenciada nas turmas, porém todas as coletas ocorreram na sala de aula. Para a turma da 3ª série, primeiramente, entregamos um material impresso contendo 31 imagens (Anexo 3) e pedimos aos alunos para escreverem o nome de cada figura, informando que as figuras eram as mesmas utilizadas na coleta oral. Assim que um aluno concluía a 1ª etapa, entregávamos mais um material contendo, também, 31 imagens (Anexo 4) para dar sequência à tarefa. Nessa turma, a coleta escrita ocorreu em duas etapas e na mesma data. Para as turmas da 1ª e 2ª série, entregamos um material contendo 31 figuras (Anexo 3) e solicitamos o preenchimento com o nome de cada figura. Os alunos dessas turmas estavam envolvidos com outras atividades programadas pela escola, assim, voltamos em outra data para darmos continuidade à coleta escrita. Fomos até a escola, em outra data, a fim de entregar um material contendo, também, 31 imagens (Anexo 4)

e solicitamos a escrita das 31 palavras referentes às figuras. Nessas turmas, as duas etapas da coleta escrita ocorreram, portanto, em dois dias diferentes.

Na escola da zona urbana, a coleta escrita ocorreu, também, de forma diferenciada nas turmas. Na 1ª série, entregamos o instrumento 1 (Anexo 3) aos alunos e pedimos para completarem o exercício com o nome de cada figura. Assim que cada aluno terminava a tarefa solicitada, entregávamos o outro instrumento (Anexo 4) para o preenchimento. Deste modo, os dois instrumentos foram entregues na mesma data, um após o outro, e a coleta ocorreu na sala de aula. Nas turmas da 2ª e 3ª série, as coletas foram realizadas em outra sala nas dependências da escola, com a finalidade de não atrapalhar a aula, pois nem todos os alunos dessas turmas participaram da pesquisa. Cada uma dessas turmas foi dividida em dois grupos. Assim, entregamos o instrumento 1 para o primeiro grupo e solicitamos que preenchessem com o nome da figura ao lado de cada imagem. Quando cada aluno concluía a tarefa ordenada, entregávamos o instrumento 2 para o preenchimento das 31 palavras. Logo após, o segundo grupo realizou a mesma tarefa. Deste modo, nas turmas da 2ª e 3ª série, os dois instrumentos foram preenchidos na mesma data.

Na Figura 12, apresentamos um exemplo do instrumento da coleta escrita elaborado para os alunos da 1ª, 2ª e 3ª série.

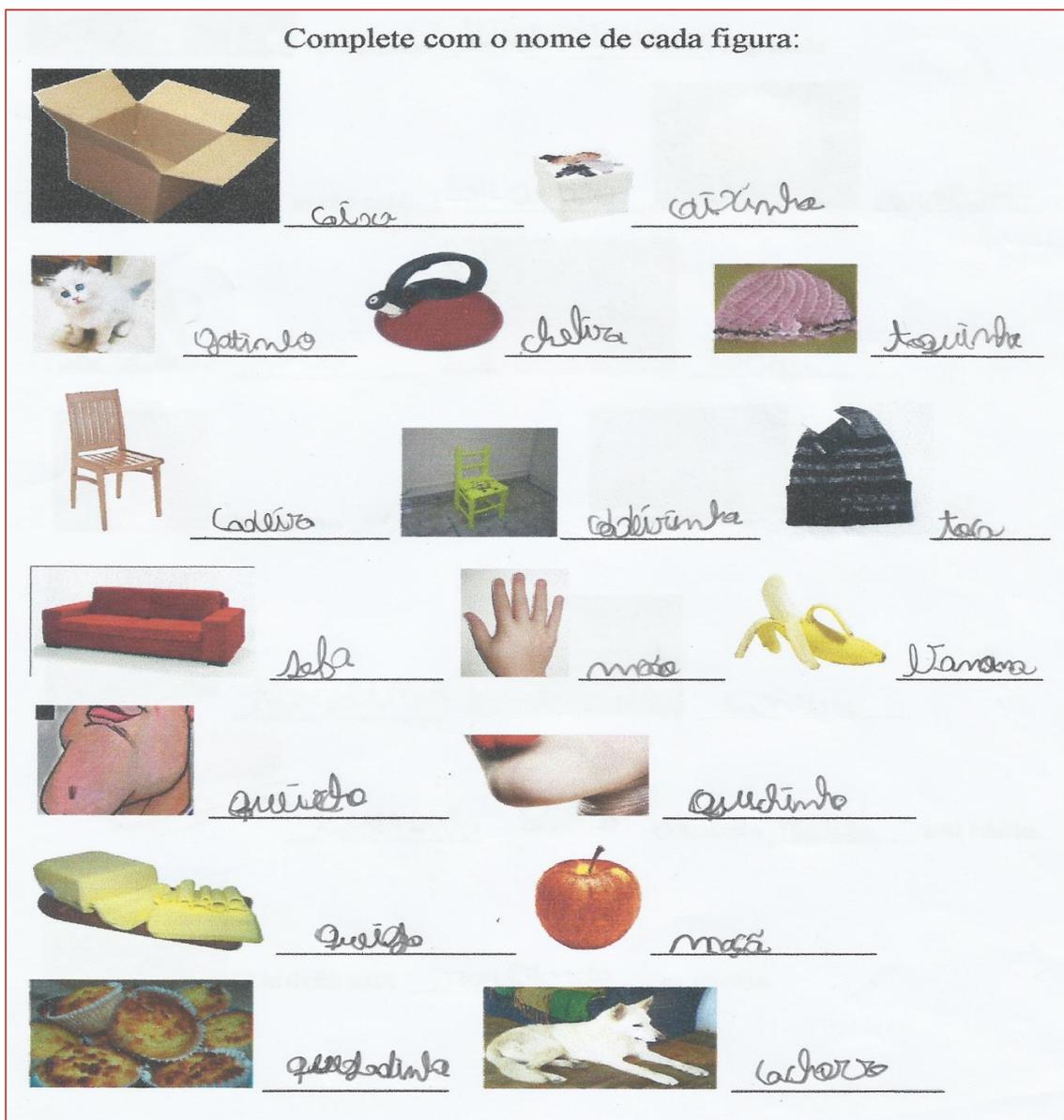


Figura 12 - Exemplo do instrumento de coleta de dados para os alunos da 1ª, 2ª e 3ª séries

Ao término da coleta escrita, para as turmas da 1ª, 2ª e 3ª séries, entregamos mais um brinde para cada aluno.

Para os alunos de 6ª série, o instrumento continha frases com espaços em branco a fim de que fossem completadas. As palavras a serem utilizadas eram as mesmas trabalhadas na coleta oral. A coleta escrita foi dividida em três etapas, porém, em um único momento. Primeiramente, foi entregue um instrumento contendo 22 frases e, para facilitar aos alunos, foi entregue, também, um material impresso contendo as 22 imagens (Anexo 5). Após os alunos preencherem o primeiro instrumento, foi entregue outro instrumento, contendo 18 frases, assim como um material impresso com as 18

figuras que deveriam preencher os espaços em branco (Anexo 6). Por fim, foi entregue o terceiro instrumento, contendo 22 frases e, também, a impressão das 22 imagens que completariam o sentido de cada espaço em branco (Anexo 7).

Tanto na escola da zona rural quanto na escola da zona urbana, a coleta escrita, para os alunos da 6ª série, ocorreu em três etapas e na mesma data.

Na escola da zona rural, a coleta ocorreu na sala de aula. Primeiramente, entregamos o instrumento 1 e solicitamos o preenchimento das lacunas com as palavras trabalhadas na coleta oral. Após a conclusão dessa tarefa, entregamos o instrumento 2 a fim de completarem os espaços em branco com o nome das figuras. Por fim, entregamos o instrumento 3 para realizarem a mesma tarefa solicitada.

Na escola da zona urbana, devido à participação de alunos de três turmas distintas, dividimos as coletas por turma. Seis alunos pertenciam à turma A e foram retirados da sala de aula e levados para outra sala a fim de completarem os instrumentos. Duas alunas pertenciam à turma B e foram retiradas, também, da sala de aula para realizarem a coleta escrita em outra sala. Sete alunos da turma C foram retirados, também, da sala de aula com a intenção de realizarem a coleta escrita.

A Figura 13 apresenta um exemplo do instrumento de coleta de dados elaborado para os alunos da 6ª série.

1. A Bandeira do Brasil é verde e amarela.
2. Minha avó adora sentar em sua cadeira preferida.
3. Em todas as refeições, nós devemos comer arroz e feijão.
4. A bruxa voa com sua varinha.
5. O bebê toma leite na sua mamadeira antes de dormir.
6. Nas festas juninas, as bandeirinhas fazem parte da decoração.
7. Aquele aquário tem um peixinho.
8. Aquele peixe vive no mar.
9. A população fez uma greve enorme com a finalidade de impedir a morte de outras pessoas naquela estrada.
10. O rosto dela é perfeito e a parte que eu acho mais bonita é o seu queichinho.

Figura 13 - Exemplo do instrumento de coleta de dados para os alunos da 6ª série

Assim como na oralidade, entregamos um brinde para cada aluno ao término da coleta escrita.

3.4 As variáveis

A fim de investigar o apagamento das semivogais dos ditongos orais na fala e na escrita dos alunos de 1ª, 2ª, 3ª e 6ª série, selecionamos algumas variáveis para a análise do fenômeno.

Foram consideradas variáveis de natureza linguística, ou estrutural, e de natureza extralinguística, ou social, uma vez que o fenômeno investigado apresenta-se como

forma variável na oralidade. O papel de tais variáveis será controlado por meio do programa *SPSS Statistics*, versão 17.0.

3.4.1 Variável dependente

A variável dependente é a manutenção ou o apagamento das semivogais [j] e [w] dos ditongos decrescentes [aj], [ej] e [ow].

Tanto na fala quanto na escrita, os alunos ora preservam os glides [j] e [w], ora omitem-nos, em palavras como: caixa ~ caxa, mamadeira ~ mamadera e touca ~ toca. Portanto, cada variável dependente será verificada tanto na pronúncia quanto na escrita.

3.4.1.1 Variáveis independentes - linguísticas

As variáveis linguísticas selecionadas se justificam por terem sido fatores relevantes em outras pesquisas realizadas acerca dos ditongos fonéticos, como Tasca (2002) e Adamoli (2006).

3.4.1.1.1 Contexto fonológico seguinte

Muitas pesquisas (TASCA, 2002; AMARAL, 2005; ADAMOLI, 2006) apontam o contexto fonológico seguinte como um dos fatores que mais favorecem a supressão das semivogais [j] e [w] nos ditongos decrescentes, portanto, para caracterizar o segmento seguinte, serão considerados o ponto e o modo de articulação:

a) ditongo [aj] - modo de articulação

fricativa palatal surda [ʃ]: caixa, caixinha, faixa, faixinha;

b) ditongo [ej] - modo de articulação

tepe [r] ou ‘r’ fraco: bandeira, bandeirinhas, cadeira, cadeirinha

fricativa palatal surda [ʃ]: queixo, queixinho, peixe, peixinho

fricativa palatal sonora [ʒ]: beijo, feijão, queijo, queijadinha;

c) ditongo [ow] - ponto e modo de articulação

plosiva labial [p], [b]: roupas, roupão, roupeiro, roubou, roubando

fricativa labial [v]: couve-flor, ouvido

plosiva coronal [t], [d]: doutor, outubro

fricativa coronal [s], [z]: louças, toucinho, lousa mágica, pousando

fricativa coronal [-anterior], [ʃ]: trouxa, trouxinha

plosiva dorsal [k], [g]: touca, touquinha, açougue, açougueiro²

tepe [r] ou ‘r’ fraco: vassoura, tourada, tesouro, dourado.

No Quadro 3, é apresentada a distribuição das palavras que serão utilizadas tanto na coleta oral quanto na coleta escrita de acordo com a variável linguística contexto fonológico seguinte.

² A palavra açougueiro apresenta dois ditongos decrescentes em sua estrutura, ou seja, o ditongo [ej] e o ditongo [ow]. Nesta pesquisa, investigamos apenas o ditongo [ow] diante de plosiva dorsal [g].

Quadro 3 - Palavras X Contexto seguinte

Ditongo	Contexto seguinte	Palavras
[aj]	[f]	caixa
		caixinha
		faixa
		faixinha
[ej]	[r]	bandeira
		bandeirinhas
		cadeira
		cadeirinha
	[ʃ]	queixo
		queixinho
		peixe
		peixinho
	[ʒ]	beijo
		feijão
		queijo
		queijadinha
[ow]	[p]	roupas
		roupão
		roupeiro
		roubou
		roubando
	[v]	couve-flor
		ouvido
	[t]	doutor
		outubro
	[s]	louças
		toucinho
	[z]	lousa mágica
		pousando
	[ʃ]	trouxa
		trouxinha
	[k]	touca
		touquinha
	[g]	açougue
		açougueiro
	[r]	vassoura
		tourada
		tesouro
		dourado

3.4.1.1.2 Categoria morfológica

Foi considerada a variável categoria morfológica para os ditongos [ej] e [ow], ou seja, se o ditongo está presente no radical ou nos afixos:

a) ditongo [ej] - radical - feira, Beira-Rio
afixos - chaleira, mamadeira;

b) ditongo [ow] - radical - tesoura, touro
afixos - bebedouro, manjedoura.

Em relação ao ditongo [aj], todos os itens lexicais considerados apresentam o ditongo no radical da palavra.

Será apresentada no Quadro 4, a distribuição das palavras de acordo com a variável linguística categoria morfológica.

Quadro 4 - Palavras X Categoria morfológica

Ditongo	Radical	Afixos
[ej]	feira	chaleira
	Beira-Rio	mamadeira
[ow]	tesoura	bebedouro
	touro	manjedoura

3.4.1.1.3 Tonicidade da sílaba

Foi considerada a variável tonicidade da sílaba para os ditongos [aj], [ej] e [ow]:

a) ditongo [aj] - sílaba tônica - caixa, faixa
sílaba átona - caixinha, faixinha;

b) ditongo [ej] - sílaba tônica - bandeira, cadeira, queijo, peixe, beijo, queijo
sílaba átona - bandeirinhas, cadeirinha, queixinho, peixinho, feijão,
queijadinha;

c) ditongo [ow] - sílaba tônica - roupas, roubou, couve-flor, doutor, louças, lousa mágica, trouxa, touca, açougue, vassoura, tesouro

sílaba átona - roupão, roupeiro, roubando, ouvido, outubro, toucinho, pousando, trouxinha, touquinha, açougueiro, tourada, dourado.

No Quadro 5, será apresentada a disposição das palavras empregadas, nesta pesquisa, em ambas as coletas quanto à tonicidade.

Quadro 5 - Palavras X Tonicidade da sílaba

Ditongo	Tônica	Átona
[aj]	caixa	caixinha
	faixa	faixinha
[ej]	bandeira	bandeirinhas
	cadeira	cadeirinha
	queijo	queijadinha
	peixe	peixinho
	beijo	feijão
	queixo	queixinho
[ow]	roupas	roupão, roupeiro
	roubou	roubando
	couve-flor	ouvido
	doutor	outubro
	louças	toucinho
	lousa mágica	pousando
	trouxa	trouxinha
	touca	touquinha

3.4.1.2 Variáveis independentes - extralinguísticas

Serão controladas as seguintes variáveis extralinguísticas:

3.4.1.2.1 Série³

Com a finalidade de acompanhar a evolução do processo de aquisição gráfica dos ditongos fonéticos [aj], [ej] e [ow], foram escolhidas as turmas de 1^a, 2^a, 3^a e 6^a série (2^o, 3^o, 4^o e 7^o ano) de duas escolas. Optou-se, também, pela turma de 6^a série, pela razão de ser um dos objetivos verificar se as crianças, após as séries iniciais, diminuem a quantidade de omissões das semivogais desses ditongos e se, com o avanço da escolaridade, há uma maior produção dos ditongos na oralidade.

3.4.1.2.2 Sexo

Foi constatado, em estudos de variação linguística, que as mulheres apresentam um comportamento diferenciado dos homens em relação aos aspectos linguísticos, portanto, a variável sexo tem-se mostrado relevante nas pesquisas sociolinguísticas que envolvem a variação e a mudança linguística.

Quanto aos estudos relacionados ao processo de monotongação envolvendo dados de escrita infantil, a variável sexo também tem se mostrado influente quanto à aplicação da regra desse fenômeno. Mollica (1998) demonstrou que as meninas, se comparadas aos meninos, apresentam maior facilidade em relação à aprendizagem de formas linguísticas consideradas prestigiadas socialmente. Pereira (2004), investigando a monotongação dos ditongos /aj/, /ej/ e /ow/ em informantes de Tubarão/SC, considerou o sexo como uma de suas variáveis extralinguísticas, devido ao fato de a literatura na área da sociolinguística geralmente apontar que o sexo masculino realiza, com maior frequência do que as mulheres, as variantes estigmatizadas. Em sua pesquisa, no entanto, a autora constatou um índice de apagamento das semivogais na mesma proporção para ambos os sexos.

No presente trabalho, os sujeitos não estão distribuídos de forma regular em relação à variável sexo, como pode ser observado no Quadro 6. A aplicação do programa estatístico SPSS v.17.0, no entanto, tornará possível trazer resultados acerca do papel da referida variável.

³ A variável série recebeu esta denominação pela autora desta pesquisa, sendo que a nomenclatura utilizada atualmente nas escolas investigadas é 2^o, 3^o, 4^o e 7^o ano do ensino fundamental.

Quadro 6 - Distribuição dos sujeitos quanto à variável sexo

Série	Zona urbana		Zona rural	
	menino	menina	menino	menina
1 ^a	7	6	8	5
2 ^a	4	8	3	5
3 ^a	7	7	3	9
6 ^a	3	12	4	10
Total	21	33	18	29

3.4.1.2.3 Zona da escola

A linguagem da população da zona rural apresenta algumas características próprias devido ao conservadorismo de regiões isoladas (AMARAL, 2000). Devido às peculiaridades em relação à linguagem da população rural, a variável zona da escola é relevante, pois um dos nossos objetivos é verificar se existe alguma discrepância entre a zona urbana e a zona rural acerca do processo de aquisição da escrita dos ditongos fonéticos [aj], [ej] e [ow], bem como em relação a sua produção na oralidade.

No caso de São José do Norte, a estrada que liga a zona rural à cidade, mais conhecida como Estrada do Inferno, foi concluída em 2009, por isso, acreditamos que, anteriormente à conclusão desta estrada, os habitantes da zona rural apresentavam mais particularidades em sua linguagem devido ao isolamento e à dificuldade de chegar à cidade.

A variável extralinguística zona da escola merece ser investigada, pois nosso desejo é verificar em qual zona da cidade de São José do Norte/RS ocorre mais a supressão da semivogal dos ditongos fonéticos.

No capítulo seguinte, apresentaremos a descrição dos dados orais e escritos, sendo realizada por meio de percentuais referentes à produção e ao apagamento das semivogais dos ditongos fonéticos.

4. DESCRIÇÃO DOS DADOS

Este capítulo tem o propósito de apresentar a descrição dos dados orais e escritos considerados para análise no presente trabalho. O mesmo está subdividido em duas seções, que correspondem às zonas das escolas, ou seja, a zona urbana e a zona rural. Em cada zona, há a descrição da coleta oral e da coleta escrita. Na descrição de cada coleta, há, primeiramente, um quadro com informações referentes à produção e à não produção dos ditongos [aj], [ej] e [ow], em seguida, uma seção para a descrição de cada ditongo de forma separada, ou seja, os ditongos fonéticos [aj], [ej] e [ow] são vistos na devida ordem. Os resultados de cada variável serão apresentados por meio de quadros, disponibilizando os valores percentuais de produção e de não produção dos ditongos orais decrescentes. Logo após, é feita uma comparação dos desempenhos da oralidade e da escrita, de cada zona da escola, considerando todos os ditongos.

4.1 Zona urbana

4.1.1 A coleta oral

A zona urbana está representada por uma escola municipal, localizada no centro de São José do Norte, e por 54 sujeitos pertencentes à 1ª, 2ª, 3ª e 6ª série do Ensino Fundamental. O Quadro 7 apresenta os resultados de produção e de apagamento da semivogal quanto aos ditongos fonéticos.

Quadro 7 - Ditongos fonéticos na oralidade - Zona urbana

	Produção				Não Produção			
	Palavra isolada	%	Frase	%	Palavra isolada	%	Frase	%
aj	108/229	47	94/217	43	121/229	53	123/217	57
ej	266/856	31	253/816	31	590/856	69	563/816	69
ow	533/1385	38	367/1289	28	852/1385	62	922/1289	72

A produção do ditongo [aj] totalizou 47% na palavra isolada, sendo que das 229 possibilidades de pronúncia, 108 foram produzidas com a presença da semivogal; na frase, alcançou 43% de produção, sendo que das 217 possibilidades, em 94 houve a presença da semivogal. O ditongo [ej] apresentou 266 pronúncias, das 856

possibilidades, na palavra isolada, obtendo 31%; na frase, a pronúncia chegou, também, a 31%, sendo que houve a produção em 253 ocorrências, das 816 possibilidades. O ditongo [ow], na palavra isolada, foi pronunciado em 533 ocorrências, das 1385 possibilidades, totalizando 38%; na frase, a pronúncia alcançou 28% de produção.

4.1.1.1 O ditongo [aj]

4.1.1.1.1 Tonicidade da sílaba

O Quadro 8 apresenta os resultados da variável tonicidade da sílaba. Na sílaba tônica, o ditongo [aj] foi produzido em 47 ocorrências, das 116 possibilidades, o que totaliza 41%, na palavra isolada; na frase, das 109 possibilidades, 54 foram pronunciadas com a preservação da semivogal, totalizando 50% de produção. Na sílaba átona, a produção alcançou 53%, na palavra isolada, sendo realizado em 60 ocorrências, das 113 possibilidades; a produção, na frase, chegou a 37%, sendo que, 41 ocorrências foram pronunciadas com a presença da semivogal, das 110 possibilidades.

Quadro 8 - Ditongo [aj] - Tonicidade da sílaba

	Palavra isolada				Frase			
	Produção	%	Não Produção	%	Produção	%	Não Produção	%
Sílaba tônica	47/116	41	69/116	59	54/109	50	55/109	50
Sílaba átona	60/113	53	53/113	47	41/110	37	69/110	63

Ainda sem considerarmos cálculos estatísticos inferenciais, observamos que, em palavras isoladas, o ditongo é preferencialmente produzido em sílabas átonas; já em frases, a produção da semivogal é mais expressiva na posição tônica.

4.1.1.1.2 Série

No Quadro 9, estão dispostos os resultados da variável Série. Na 1ª série, o ditongo [aj] apresentou, na palavra isolada, 14 ocorrências, das 52 possibilidades de produção, o que totaliza 27%. Na frase foi constatada a presença da semivogal em 13 ocorrências, das 54 possibilidades, constituindo 24%. Na 2ª série, a produção do ditongo, na palavra isolada, alcançou 29%, sendo que das 49 possibilidades de

pronúncia, em 14 delas, a semivogal está presente; na frase, a produção totalizou 35%, sendo que, das 48 possibilidades, em 17 houve a manutenção da semivogal. A produção do ditongo, na 3ª série, alcançou 71%, na palavra isolada, estando presente a semivogal em 48 ocorrências, das 68 possibilidades; na frase, chegou a 62%, sendo que, em 34 ocorrências, a semivogal estava presente, das 55 possibilidades. A 6ª série apresentou 53% de produção do ditongo [aj], na palavra isolada, sendo que, das 60 possibilidades, em 32 houve a presença da semivogal; na frase, alcançou um valor similar de produção, ou seja, 50%, sendo realizado em 30 ocorrências, das 60 possibilidades.

Quadro 9 - Ditongo [aj] - Série

Série	Palavra isolada				Frase			
	Produção	%	Não Produção	%	Produção	%	Não Produção	%
1ª	14/52	27	38/52	73	13/54	24	41/54	76
2ª	14/49	29	35/49	71	17/48	35	31/48	65
3ª	48/68	71	20/68	29	34/55	62	21/55	38
6ª	32/60	53	28/60	47	30/60	50	30/60	50

De acordo com o Quadro 9, observamos que o percentual de produção aumenta de forma significativa a partir da 3ª série, tanto em palavras isoladas quanto em frases.

4.1.1.1.3 Sexo

O Quadro 10 apresenta os resultados da variável sexo.

Quadro 10 - Ditongo [aj] - Sexo

Sexo	Palavra isolada				Frase			
	Produção	%	Não Produção	%	Produção	%	Não Produção	%
Masculino	51/95	54	44/95	46	34/85	40	51/85	60
Feminino	57/134	43	77/134	57	60/132	45	72/132	55

O ditongo [aj] foi produzido pelos meninos, na palavra isolada, em 51 ocorrências, das 95 possibilidades, totalizando 54%; a produção, na frase, chegou a 40%. As meninas produziram a semivogal em 57 ocorrências, das 134 possibilidades,

na palavra isolada, conferindo 43%; na frase, a produção alcançou 45%, sendo que em 60 ocorrências, a semivogal estava presente, das 132 possibilidades.

Observamos, portanto, ainda que os percentuais sejam muito aproximados, uma maior tendência de os meninos preservarem a semivogal em palavras isoladas; já nas frases, há uma pequena diferença percentual em favor das meninas.

4.1.1.2 O ditongo [ej]

4.1.1.2.1 Contexto fonológico seguinte

Os resultados apresentados, no Quadro 11, referem-se à variável contexto fonológico seguinte.

Quadro 11 - Ditongo [ej] - Contexto fonológico seguinte

	Produção				Não Produção			
	Palavra isolada	%	Frase	%	Palavra isolada	%	Frase	%
[j]	88/224	39	67/221	30	136/224	61	154/221	70
[ʒ]	89/229	39	61/209	29	140/229	61	148/209	71
[r]	42/224	19	37/219	17	182/224	81	182/219	83

Na zona urbana, o ditongo [ej] foi produzido em 88 ocorrências, das 224 possibilidades, diante de [j], totalizando 39% de produção, na palavra isolada; na frase, a manutenção da semivogal alcançou 30%, sendo realizado em 67 ocorrências, das 221 possibilidades. Diante de [ʒ], a produção de [ej] totalizou, também, 39%, na palavra isolada, sendo que a semivogal foi preservada em 89 ocorrências, das 229 possibilidades de pronúncia; a produção, na frase, chegou a 29%, sendo realizado em 61 ocorrências, das 209 possibilidades. O ditongo [ej] diante de [r] foi produzido em 42 palavras, das 224 possibilidades de produção, o que totaliza 19%, na palavra isolada; na frase, das 219 possibilidades, a semivogal foi preservada, em 37 delas, conferindo 17%.

4.1.1.2.2 Categoria morfológica

Os resultados da variável categoria morfológica encontram-se no Quadro 12. No radical, o ditongo [ej] foi produzido em 28 palavras, das 71 possibilidades de

pronúncia, o que totaliza uma produção de 39%, na palavra isolada; na frase, das 69 possibilidades, a semivogal foi preservada em 33 delas, alcançando 48% de produção. Na posição de sufixo, 34 palavras foram produzidas com a presença da semivogal, das 110 possibilidades, obtendo 31%, na palavra isolada; na frase, das 109 possibilidades, a semivogal foi mantida, em 26 delas, totalizando 24%.

Quadro 12 - Ditongo [ej] - Categoria morfológica

	Produção				Não Produção			
	Palavra isolada	%	Frase	%	Palavra isolada	%	Frase	%
Radical	28/71	39	33/69	48	43/71	61	36/69	52
Afixos	34/110	31	26/109	24	76/110	69	83/109	76

O ditongo [ej], portanto, é preferencialmente produzido quando ocupa posição no radical da palavra, tanto em palavras isoladas quanto em frases.

4.1.1.2.3 Tonicidade da sílaba

Conforme o Quadro 13, a zona urbana apresentou, na palavra isolada, 346 possibilidades de produção do ditongo [ej], na sílaba tônica, sendo produzido em 120 delas, o que totaliza uma produção de 35%; o ditongo, na frase, foi realizado em 103 ocorrências, das 330 possibilidades, conferindo 31%. Na sílaba átona, o ditongo foi produzido em 100 ocorrências, das 331 possibilidades, na palavra isolada, alcançando 30%; o ditongo [ej], na frase, chegou a 19% de produção, sendo que a semivogal foi preservada em 62 ocorrências, das 318 possibilidades de pronúncia.

Quadro 13 - Ditongo [ej] - Tonicidade da sílaba

	Palavra isolada				Frase			
	Produção	%	Não Produção	%	Produção	%	Não Produção	%
Sílaba tônica	120/346	35	226/346	65	103/330	31	227/330	69
Sílaba átona	100/331	30	231/331	70	62/318	19	256/318	81

Ao contrário do ditongo [aj], o ditongo [ej] apresenta maiores percentuais de produção quando posicionado em sílaba tônica, ainda que, em palavras isoladas, os resultados sejam muito próximos, ou seja, 35% em sílaba tônica e 30% em átona.

4.1.1.2.4 Série

O Quadro 14 apresenta os resultados da variável série. A produção do ditongo [ej], na 1ª série, chegou a 20%, na palavra isolada, sendo que, das 196 possibilidades, a semivogal foi preservada em 39 delas; na frase, o ditongo foi produzido em 23 ocorrências, das 195 possibilidades, o que totaliza 12%. Na 2ª série, a produção alcançou 19%, na palavra isolada, sendo mantida a semivogal em 36 ocorrências, das 190 possibilidades; na frase, a produção totalizou 36%, sendo realizado em 53 ocorrências, das 146 possibilidades. A produção do ditongo, na 3ª série, alcançou 49%, na palavra isolada, sendo que houve a presença da semivogal em 130 ocorrências, das 263 possibilidades; na frase, o ditongo foi realizado em 111 ocorrências, das 235 possibilidades, conferindo 47% de produção. A 6ª série apresentou 29% de realização do ditongo, sendo produzido em 61 ocorrências, das 207 possibilidades; na frase, a produção do ditongo chegou a 28%, sendo pronunciado em 66 ocorrências, das 240 possibilidades de pronúncia.

Quadro 14 - Ditongo [ej] - Série

Série	Palavra isolada				Frase			
	Produção	%	Não Produção	%	Produção	%	Não Produção	%
1ª	39/196	20	157/196	80	23/195	12	172/195	88
2ª	36/190	19	154/190	81	53/146	36	93/146	64
3ª	130/263	49	133/263	51	111/235	47	124/235	53
6ª	61/207	29	146/207	71	66/240	28	174/240	72

4.1.1.2.5 Sexo

Os resultados referentes à variável sexo estão dispostos no Quadro 15. Os meninos produziram o ditongo [ej] em 122 ocorrências, das 361 possibilidades, na palavra isolada, o que totaliza uma produção de 34%; na frase, a produção chegou a 23%, sendo realizado em 79 ocorrências, das 339 possibilidades. As meninas realizaram o ditongo, na palavra isolada, em 178 ocorrências, das 529 possibilidades, totalizando, também, uma produção de 34%; na frase, chegou a 30%, sendo realizado em 158 ocorrências, das 519 possibilidades.

Quadro 15 - Ditongo [ej] - Sexo

Sexo	Palavra isolada				Frase			
	Produção	%	Não Produção	%	Produção	%	Não Produção	%
Masculino	122/361	34	239/361	66	79/339	23	260/339	77
Feminino	178/529	34	351/529	66	158/519	30	361/519	70

4.1.1.3 O ditongo [ow]

4.1.1.3.1 Contexto fonológico seguinte

O Quadro 16 traz os resultados referentes à variável contexto fonológico seguinte. O ditongo [ow] apresentou 162 possibilidades de produção diante de [s] e [z], na palavra isolada, sendo realizado em 101 delas, totalizando 62%; na frase, das 146 possibilidades, foi produzido em 80 delas, alcançando 55%. Diante de [ʃ], o ditongo foi produzido em 46 ocorrências, das 87 possibilidades, o que totaliza 53% de produção, na palavra isolada; na frase, alcançou 45%, sendo realizado em 34 ocorrências, das 75 possibilidades. Das 111 possibilidades de produção, diante de [t] e [d], o ditongo foi produzido em 49 ocorrências, chegando a 44%, na palavra isolada; das 108 possibilidades, na frase, foi pronunciado em 22, obtendo um valor de 20%. Diante de [r], o ditongo [ow] apresentou 224 possibilidades de produção, sendo pronunciado em 91 ocorrências, constituindo 41%, na palavra isolada; na frase, o ditongo [ow] apresentou 210 possibilidades, sendo produzido em 67 delas, somando 32%. Diante de plosiva labial [p] e [b], o ditongo foi produzido em 106 ocorrências, das 281 possibilidades, o que totaliza uma produção de 38%, na palavra isolada; das 262 possibilidades, na frase, 72 foram produzidas com a manutenção da semivogal, chegando a 27%. O ditongo seguido de [v] alcançou 35% de produção, na palavra isolada, sendo realizado em 34 ocorrências, das 97 possibilidades; na frase, foi produzido em 20 ocorrências, das 93 possibilidades, obtendo 22%. O ditongo diante de [k] e [g] foi produzido em 44 ocorrências, das 223 possibilidades, totalizando apenas 20%, na palavra isolada; na frase, apresentou 211 possibilidades, sendo que em 27 delas, a semivogal foi preservada, alcançando 13% de produção.

Quadro 16 - Ditongo [ow] - Contexto fonológico seguinte

	Produção				Não Produção			
	Palavra isolada	%	Frase	%	Palavra isolada	%	Frase	%
[s, z]	101/162	62	80/146	55	61/162	38	66/146	45
[S]	46/87	53	34/75	45	41/87	47	41/75	55
[t, d]	49/111	44	22/108	20	62/111	56	86/108	80
[r]	91/224	41	67/210	32	133/224	59	143/210	68
[p, b]	106/281	38	72/262	27	175/281	62	190/262	73
[v]	34/97	35	20/93	22	63/97	65	73/93	78
[k, g]	44/223	20	27/211	13	179/223	80	184/211	87

Tanto em palavras isoladas quanto em frases, /s/ e /z/ aparecem como motivadores da produção do glide dorsal, o mesmo não ocorrendo com /k/ e /g/, que apresentam as maiores taxas de não realização do ditongo.

4.1.1.3.2 Categoria morfológica

No Quadro 17, estão dispostos os resultados referentes à variável categoria morfológica.

Quadro 17 - Ditongo [ow] - Categoria morfológica

	Produção				Não Produção			
	Palavra isolada	%	Frase	%	Palavra isolada	%	Frase	%
Radical	43/116	37	36/108	33	73/116	63	72/108	67
Afixos	19/85	22	9/77	12	66/85	78	68/77	88

O ditongo [ow], no radical, apresentou 116 possibilidades de ocorrência, na palavra isolada, sendo produzido em 43 delas, totalizando 37%; na frase, apresentou 108 possibilidades, sendo realizado em 36 delas, conferindo 33%. Na posição de sufixo, apresentou 85 possibilidades, sendo produzido em 19 delas, na palavra isolada, somando 22%; na frase, apresentou 77 possibilidades, sendo que em apenas 9 ocorrências, a semivogal foi preservada, chegando a 12% de produção.

4.1.1.3.3 Tonicidade da sílaba

O Quadro 18 apresenta os resultados quanto à variável tonicidade da sílaba. Na sílaba tônica, das 582 possibilidades de produção, 236 foram produzidas com a presença da semivogal, na palavra isolada, totalizando 41%; na frase, o ditongo apresentou 538 possibilidades de pronúncia, sendo realizado em 173 delas, conferindo 32%. Na sílaba menos proeminente, o ditongo foi produzido em 231 ocorrências, das 594 possibilidades, constituindo 39% de produção na palavra isolada; a manutenção da semivogal, na frase, alcançou 26%, sendo que, em 151 ocorrências, a semivogal estava presente, das 570 possibilidades.

Quadro 18 - Ditongo [ow] - Tonicidade da sílaba

	Palavra isolada				Frase			
	Produção	%	Não Produção	%	Produção	%	Não Produção	%
Sílaba tônica	236/582	41	346/582	59	173/538	32	365/538	68
Sílaba átona	231/594	39	363/594	61	151/570	26	419/570	74

4.1.1.3.4 Série

No Quadro 19, estão dispostos os resultados concernentes à variável série. Diferentemente do que ocorreu com os ditongos [aj] e [ej], observamos, em relação às palavras isoladas, um aumento gradual na realização do glide, considerando o avançar das séries.

Quadro 19 - Ditongo [ow] - Série

Série	Palavra isolada				Frase			
	Produção	%	Não Produção	%	Produção	%	Não Produção	%
1^a	78/281	28	203/281	72	38/278	14	240/278	86
2^a	72/287	25	215/287	75	58/277	21	219/277	79
3^a	180/422	43	242/422	57	132/348	38	216/348	62
6^a	203/395	51	192/395	49	139/386	36	247/386	64

Na 1^a série, a produção do ditongo [ow] totalizou 28%, na palavra isolada, sendo realizado em 78 ocorrências, das 281 possibilidades; na frase, a semivogal do ditongo foi mantida em 38 ocorrências, das 278 possibilidades, o que totaliza uma produção de 14%. A produção do ditongo, na 2^a série, alcançou 25%, sendo produzido

em 72 ocorrências, das 287 possibilidades; a produção, na frase, chegou a 21%, sendo preservada a semivogal em 58 ocorrências, das 277 possibilidades. Na 3ª série, o ditongo foi realizado em 180 ocorrências, das 422 possibilidades, conferindo 43% de produção, na palavra isolada; na frase, alcançou 38%, sendo produzido em 132 ocorrências, das 348 possibilidades. A 6ª obteve 51% de produção do ditongo [ow], na palavra isolada, sendo realizado em 203 ocorrências, das 395 possibilidades; a preservação da semivogal, na frase, alcançou 36%, sendo que, das 386 possibilidades, 139 delas, a semivogal estava presente.

4.1.1.3.5 Sexo

O Quadro 20 apresenta os resultados referentes à variável sexo. O ditongo [ow] foi produzido pelos meninos em 195 ocorrências, das 556 possibilidades, totalizando 35% de produção, na palavra isolada; na frase, a produção alcançou 23%, sendo realizado em 112 ocorrências, das 494 possibilidades. As meninas mantiveram a semivogal em 338 ocorrências, das 829 possibilidades, constituindo 41%, na palavra isolada; na frase, alcançou 32%, sendo realizado em 255 ocorrências, das 795 possibilidades.

Quadro 20 - Ditongo [ow] - Sexo

Sexo	Palavra isolada				Frase			
	Produção	%	Não Produção	%	Produção	%	Não Produção	%
Masculino	195/556	35	361/556	65	112/494	23	382/494	77
Feminino	338/829	41	491/829	59	255/795	32	540/795	68

Ao contrário do que foi constatado para os ditongos [aj] e [ej], o percentual de realização do glide foi mais expressivo, para o ditongo [ow], nas produções femininas.

4.1.2 A coleta escrita

Em relação à coleta escrita, o Quadro 21 apresenta os resultados de produção e de não produção dos ditongos orais decrescentes.

Quadro 21 - Ditongos fonéticos na escrita - Zona urbana

	Produção	%	Não Produção	%
ai	186/215	87	29/215	13
ei	711/845	84	134/845	16
ou	899/1376	65	477/1376	35

Com quatro palavras na *amostra* - caixa, caixinha, faixa, faixinha -, o ditongo ‘ai’, das 215 possibilidades de registro, foi grafado em 186 delas, totalizando 87%. O ditongo ‘ei’ com 16 palavras representativas na *amostra*, apresentou um índice de produção similar ao ditongo ‘ai’, ou seja, 84%, das 845 possibilidades, sendo grafado em 711 ocorrências. O ditongo ‘ou’ apresentou 1376 possibilidades de ocorrência e foi produzido em 899, alcançando 65% de produção. Os percentuais obtidos, portanto, são elevados, restando apenas ao ditongo ‘ou’ certa dificuldade no processo de aquisição da escrita. Uma descrição mais pormenorizada, no entanto, faz-se necessária.

4.1.2.1 O ditongo ‘ai’

4.1.2.1.1 Tonicidade da sílaba

Das quatro palavras da *amostra* que contém o ditongo ‘ai’, em duas delas, o ditongo encontra-se em sílaba tônica e nas outras duas, em sílaba átona.

Quadro 22 - Ditongo ‘ai’ - Tonicidade da sílaba

	Produção	%	Não Produção	%
Sílaba tônica	96/110	87	14/110	13
Sílaba átona	93/108	86	15/108	14

O ditongo ‘ai’ apresentou 110 possibilidades de ocorrência, na sílaba tônica, sendo produzido em 96 delas, totalizando 87%. Na sílaba átona, das 108 possibilidades, 93 foram registradas com a presença da semivogal, o que totaliza uma produção de 86%. Conforme o Quadro 22, podemos constatar que há uma diferença mínima de percentual quanto à produção do ditongo ‘ai’. Sendo assim, não podemos indicar a tonicidade da sílaba como um fator relevante para a produção do ditongo ‘ai’.

4.1.2.1.2 Série

Com 13 sujeitos, 7 meninos e 6 meninas, a 1ª série apresentou 51 possibilidades de grafia do ditongo ‘ai’, sendo que, destas, 40 foram registradas com a manutenção da semivogal anterior, obtendo 78% de produção. A 2ª série, com 12 sujeitos, apresentou 48 possibilidades, com a presença da semivogal em 40 ocorrências, totalizando 83% de manutenção do ditongo ‘ai’. Na 3ª série, houve a participação de 14 sujeitos e esta série apresentou 56 possibilidades, com 89% de preservação da semivogal. A 6ª série, com a participação de 15 sujeitos, apresentou 60 possibilidades de ocorrência, sendo que 56 foram escritas com o registro desse ditongo, alcançando um percentual de 93%. Conforme o Quadro 23, podemos constatar que o valor percentual de produção foi aumentando à medida que as séries avançaram.

Quadro 23 - Ditongo ‘ai’ - Série

Série	Produção	%	Não Produção	%
1ª	40/51	78	11/51	22
2ª	40/48	83	8/48	17
3ª	50/56	89	6/56	11
6ª	56/60	93	4/60	7

Diferentemente dos dados da oralidade, os percentuais de produção são elevados e mostram, de forma inquestionável, o papel da escola na apropriação da forma escrita dos ditongos decrescentes.

4.1.2.1.3 Sexo

O Quadro 24 apresenta os valores percentuais relativos à produção e ao apagamento da semivogal do ditongo ‘ai’ quanto à variável sexo.

Quadro 24 - Ditongo ‘ai’ - Sexo

Sexo	Produção	%	Não Produção	%
Masculino	70/84	83	14/84	17
Feminino	116/131	89	15/131	11

Os meninos apresentaram 70 registros com a presença da semivogal, das 84 possibilidades, obtendo um valor de 83% de produção. 116 ocorrências com o ditongo

‘ai’ foram registradas pelas meninas, das 131 possibilidades, alcançando um índice de 89%. A diferença percentual é mínima, por isso, não podemos confirmar, exatamente, os resultados de Adamoli (2006), que chegou à conclusão, em seu estudo, que os meninos são os que mais cometem erros quanto à preservação da semivogal em suas primeiras produções escritas.

4.1.2.2 O ditongo ‘ei’

4.1.2.2.1 Contexto fonológico seguinte

Conforme o Quadro 25, o ditongo ‘ei’ apresentou 187 registros diante do contexto [j], das 214 possibilidades, alcançando 87%. Diante de [z], das 210 possibilidades, o ditongo ‘ei’ foi grafado em 181 delas, o que totaliza 86%. O ditongo ‘ei’ diante de [r] apresentou um percentual de 81% de produção, sendo que foram constatados 172 registros desse ditongo, das 212 possibilidades. Os valores percentuais de produção do ditongo ‘ei’ são similares, por isso, não podemos afirmar qual desses contextos favorece mais a manutenção da semivogal.

Quadro 25 - Ditongo ‘ei’ - Contexto fonológico seguinte

	Produção	%	Não Produção	%
[j]	187/214	87	27/214	13
[z]	181/210	86	29/210	14
[r]	172/212	81	40/212	19

4.1.2.2.2 Categoria morfológica

Conforme o Quadro 26, quando o ditongo encontra-se na posição de afixo está mais sujeito à produção do que quando faz parte do radical.

Quadro 26 - Ditongo ‘ei’ - Categoria morfológica

	Produção	%	Não Produção	%
Radical	56/78	72	22/78	28
Afixos	88/103	85	15/103	15

Das 78 possibilidades de grafia do ditongo ‘ei’, em 56 delas, a semivogal foi preservada, na posição de radical, conferindo 72%. 88 ocorrências foram registradas com a semivogal, das 103 possibilidades, quando o ditongo encontra-se no afixo, o que totaliza 85%.

4.1.2.2.3 Tonicidade da sílaba

Em sílaba tônica, das 314 possibilidades de grafia desse ditongo, 280 foram registradas com a presença da semivogal, alcançando 89%. Em sílaba átona, esse ditongo foi grafado em 253 ocorrências, das 309 possibilidades, chegando a 82%.

Quadro 27 - Ditongo ‘ei’ - Tonicidade da sílaba

	Produção	%	Não Produção	%
Sílaba tônica	280/314	89	34/314	11
Sílaba átona	253/309	82	56/309	18

Quanto à tonicidade da sílaba, conforme o Quadro 27, o ditongo ‘ei’ foi mais produzido quando o ditongo encontra-se em uma sílaba forte.

4.1.2.2.4 Série

Conforme o Quadro 28, os 13 sujeitos da 1ª série apresentaram, 196 possibilidades de registro do ditongo ‘ei’, sendo que, destas, 145 foram grafadas com a presença da semivogal, obtendo 74% de produção. A 2ª série apresentou 190 possibilidades de ocorrência, com a manutenção da semivogal em 160, totalizando 84%. A 3ª série, com a participação de 14 sujeitos, apresentou 220 possibilidades, sendo que em 181 registros, a semivogal estava presente, conferindo 82%. Os 15 sujeitos da 6ª série apresentaram 239 possibilidades, sendo grafado em 225 ocorrências, constituindo 94% de produção.

Quadro 28 - Ditongo 'ei' - Série

Série	Produção	%	Não Produção	%
1^a	145/196	74	51/196	26
2^a	160/190	84	30/190	16
3^a	181/220	82	39/220	18
6^a	225/239	94	14/239	6

4.1.2.2.5 Sexo

O Quadro 29 apresenta os valores percentuais relativos à produção e à omissão da semivogal do ditongo 'ei' quanto à variável sexo. Os meninos grafaram o ditongo 'ei' em 265 ocorrências, alcançando 82% de produção. As meninas, das 521 possibilidades de grafia, registraram esse ditongo em 446 ocorrências, obtendo um percentual de 86% de manutenção da semivogal. Os valores percentuais relativos à produção são similares, por isso, não podemos indicar qual sexo produziu mais o ditongo 'ei'.

Quadro 29 - Ditongo 'ei' - Sexo

Sexo	Produção	%	Não Produção	%
Masculino	265/324	82	59/324	18
Feminino	446/521	86	75/521	14

4.1.2.3 O ditongo 'ou'

4.1.2.3.1 Contexto fonológico seguinte

Conforme o Quadro 30, o ditongo 'ou' apresentou 82 ocorrências de produção diante do contexto [t] e [d], das 104 possibilidades, alcançando 79%. Diante de [s] e [z], das 173 possibilidades, o ditongo 'ou' foi grafado em 131 delas, o que totaliza 76%. O ditongo 'ou' diante de [r] apresentou um percentual de 71% de produção, sendo que foram constatados 151 registros desse ditongo, das 212 possibilidades. O mesmo valor percentual, esse ditongo alcançou diante de [j], sendo que das 102 possibilidades de registro, 72 palavras foram grafadas com esse ditongo. O ditongo 'ou' diante de [p] e [b], das 266 possibilidades, 187 foram escritas com a presença da semivogal, o que

totaliza 70%. O contexto [v] após o ditongo alcançou 64% de produção. Dentre os contextos, o [k] e [g] foi o que apresentou o valor percentual mais baixo, ou seja, apenas 37% das possibilidades foram registradas com a manutenção da semivogal posterior.

Quadro 30 - Ditongo 'ou' - Contexto fonológico seguinte

	Produção	%	Não Produção	%
[t, d]	82/104	79	22/104	21
[s, z]	131/173	76	42/173	24
[r]	151/212	71	61/212	29
[j]	72/102	71	30/102	29
[p, b]	187/266	70	79/266	30
[v]	68/107	64	39/107	36
[k, g]	78/210	37	132/210	63

4.1.2.3.2 Categoria morfológica

O Quadro 31 traz os índices percentuais concernentes à manutenção e ao apagamento da semivogal do ditongo 'ou' no que diz respeito à variável categoria morfológica.

Quadro 31 - Ditongo 'ou' - Categoria morfológica

	Produção	%	Não Produção	%
Radical	81/106	76	25/106	24
Afixos	44/104	42	60/104	58

Quando o ditongo 'ou' faz parte do radical da palavra, conforme o Quadro 31, o ditongo apresentou 106 possibilidades, sendo produzido em 81 delas, conferindo 76%. Já quando o ditongo está em afixo, a grafia com a presença da semivogal desse ditongo alcançou um valor de 42%, sendo realizado em 44 ocorrências, das 104 possibilidades. Esses valores indicam que quando o ditongo 'ou' está no radical está mais propício à produção do que quando se encontra na posição de afixo.

4.1.2.3.3 Tonicidade da sílaba

O Quadro 32 apresenta os resultados da variável tonicidade da sílaba. Em relação à produção da semivogal do ditongo ‘ou’, o ditongo em sílaba tônica apresentou um valor de 66%; quanto à não produção, o valor alcançou 34%.

O ditongo em sílaba átona apresentou um valor percentual de 67% de produção, contra 33% de apagamento.

Quadro 32 - Ditongo [ow] - Tonicidade da sílaba

	Produção	%	Não Produção	%
Sílaba tônica	370/563	66	193/563	34
Sílaba átona	401/598	67	197/598	33

Os valores de produção e de não produção são similares, por isso, não podemos indicar se a presença do ditongo em sílaba forte ou fraca favorece a produção do ditongo ‘ou’.

4.1.2.3.4 Série

A 1ª série apresentou 327 possibilidades de produção do ditongo ‘ou’, sendo que, destas, 158 foram grafadas com a semivogal, obtendo 48% de manutenção. A 2ª série apresentou 303 possibilidades de ocorrência, sendo que 159 foram registradas com a preservação da semivogal, o que totaliza 52%. Os 14 sujeitos da 3ª série apresentaram 352 possibilidades, sendo que 235 tiveram a presença da semivogal, alcançando 67%. A 6ª série apresentou 394 possibilidades de ocorrência do ditongo ‘ou’, destas, 347 foram escritas com a semivogal, conferindo 88%.

Quadro 33 - Ditongo ‘ou’ - Série

Série	Produção	%	Não Produção	%
1ª	158/327	48	169/327	52
2ª	159/303	52	144/303	48
3ª	235/352	67	117/352	33
6ª	347/394	88	47/394	12

4.1.2.3.5 Sexo

No Quadro 34 estão dispostos os resultados referentes à variável sexo. Os meninos grafaram a semivogal posterior em 316 palavras, das 527 possibilidades, totalizando 60% de produção. Quanto ao sexo feminino, a preservação da semivogal na grafia das meninas alcançou um valor de 69%, sendo que das 850 possibilidades de registro, elas mantiveram a semivogal em 583 ocorrências.

Quadro 34 - Ditongo 'ou' - Sexo

Sexo	Produção	%	Não Produção	%
Masculino	316/527	60	211/527	40
Feminino	583/850	69	267/850	31

Pode-se constatar, portanto, que houve uma maior produção do ditongo 'ou' pelas meninas do que pelos meninos, apesar de a diferença de percentual ser mínima.

4.2 Zona rural

4.2.1 A coleta oral

A zona rural está representada por uma escola municipal, localizada no 1º Distrito de São José do Norte, e por 47 sujeitos, alunos da 1ª, 2ª, 3ª e 6ª séries. A produção dos ditongos fonéticos foi similar na palavra isolada e em frases.

Quadro 35 - Ditongos fonéticos na oralidade - Zona rural

	Produção				Não Produção			
	Palavra isolada	%	Frase	%	Palavra isolada	%	Frase	%
aj	80/176	45	79/176	45	96/176	55	97/176	55
ej	248/716	35	213/729	29	468/716	65	516/729	71
ow	314/1018	31	241/1008	24	704/1018	69	767/1008	76

Nessa zona, conforme o Quadro 35, o ditongo [aj], das 176 possibilidades de pronúncia, foi realizado em 80 delas, na palavra isolada, alcançando 45%; 79 ocorrências foram pronunciadas, na frase, o que totaliza 45%. O ditongo [ej] apresentou 248 pronúncias, na palavra isolada, obtendo 35%; na frase, a pronúncia chegou a 29%, sendo que houve a produção em 213 ocorrências, das 729 possibilidades. Na palavra

isolada, o ditongo [ow] foi pronunciado 314 vezes, totalizando 31%; na frase, a pronúncia apresentou um valor de 24% de produção.

Em termos gerais, os percentuais são muito similares aos da zona urbana, com uma leve tendência a taxas de produção dos ditongos ainda menores.

4.2.1.1 O ditongo [aj]

4.2.1.1.1 Tonicidade da sílaba

O Quadro 36 apresenta os resultados de produção e de não produção quanto à variável Tonicidade da sílaba.

Quadro 36 - Ditongo [aj] - Tonicidade da sílaba

	Produção	%	Não Produção	%	Produção	%	Não Produção	%
Sílaba tônica	33/88	38	55/88	62	35/90	39	55/90	61
Sílaba átona	47/88	53	41/88	47	45/87	52	42/87	48

Na sílaba tônica, houve 33 produções do ditongo [aj], das 88 possibilidades, totalizando 38%, na palavra isolada; na frase, das 90 possibilidades, 35 foram pronunciadas com a presença da semivogal, alcançando 39%. Na sílaba fraca, a produção do ditongo [aj] chegou a 53%, na palavra isolada, sendo que houve a produção em 47 ocorrências, das 88 possibilidades; na frase, a produção do ditongo obteve 52%.

4.2.1.1.2 Série

Os resultados da variável série encontram-se no Quadro 37. Na 1ª série, o ditongo [aj] apresentou 10 ocorrências, das 48 possibilidades de produção, chegando a 21%. Das 48 possibilidades na frase, 9 foram produzidas com a preservação da semivogal, totalizando 19%. A produção do ditongo, na 2ª série, alcançou 38%, sendo que das 29 possibilidades, em 11 foram registradas o ditongo; na frase, o valor percentual obtido foi 47%, sendo que, das 30 possibilidades, 14 houve a manutenção da semivogal. Na 3ª série, a produção do ditongo [aj] alcançou 64%, sendo que, das 42

possibilidades, em 27 houve a presença da semivogal, na pronúncia da palavra isolada; a produção do ditongo, na frase, chegou a 67%, sendo que em 28 ocorrências, a semivogal estava presente. A 6ª série, com 14 sujeitos, apresentou 56% de produção do ditongo [aj], sendo que em 32 ocorrências, a semivogal foi mantida, das 57 possibilidades, na pronúncia da palavra isolada; a produção do ditongo, na frase, alcançou 50%, sendo realizado em 28 ocorrências, das 56 possibilidades.

Quadro 37 - Ditongo [aj] - Série

Série	Palavra isolada				Frase			
	Produção	%	Não Produção	%	Produção	%	Não Produção	%
1ª	10/48	21	38/48	79	9/48	19	39/48	81
2ª	11/29	38	18/29	62	14/30	47	16/30	53
3ª	27/42	64	15/42	36	28/42	67	14/42	33
6ª	32/57	56	25/57	44	28/56	50	28/56	50

Conforme o Quadro 37, podemos constatar que os valores percentuais foram similares na palavra isolada e na frase nas quatro turmas investigadas.

4.2.1.1.3 Sexo

O Quadro 38 apresenta os resultados da variável sexo. O ditongo [aj] foi produzido pelos meninos, em 15 ocorrências, das 67 possibilidades, conferindo 22%, na pronúncia da palavra isolada; a produção, na frase, chegou a 26%. As meninas, das 109 possibilidades, mantiveram a semivogal em 65 delas, o que totaliza 60% de produção, na palavra isolada. Na frase, as meninas produziram a semivogal em 61 ocorrências, alcançando 56%.

Quadro 38 - Ditongo aj - Sexo

	Palavra isolada				Frase			
	Produção	%	Não Produção	%	Produção	%	Não Produção	%
Masculino	15/67	22	52/67	78	18/68	26	50/68	74
Feminino	65/109	60	44/109	40	61/108	56	47/108	44

Na oralidade, conforme o resultado do Quadro 38, as meninas preservaram mais a semivogal do que os meninos.

4.2.1.2 O ditongo [ej]

4.2.1.2.1 Contexto fonológico seguinte

No Quadro 39, os resultados apresentados referem-se à variável contexto fonológico seguinte. Observamos a produção do ditongo [ej] diante dos seguintes contextos: tepe [r], fricativa palatal surda [ʃ] e fricativa palatal sonora [ʒ]. O ditongo [ej] foi produzido diante de [ʃ] em 85 ocorrências, das 184 possibilidades de pronúncia, na palavra isolada, totalizando 46%; na frase, a produção do ditongo alcançou 44%, sendo que, das 189 possibilidades, 83 foram pronunciadas com a manutenção da semivogal. O ditongo [ej] diante de [ʒ] foi produzido em 66 palavras, das 179 possibilidades de pronúncia, o que totaliza 37%; das 181 possibilidades, na frase, a semivogal foi preservada, em 51 delas, alcançando 28%. Diante de [r], 40 palavras foram produzidas com a semivogal, das 182 possibilidades, conferindo 22%; na frase, a pronúncia do ditongo [ej] chegou a 16%, sendo que, das 182 possibilidades, 29 foram pronunciadas com a manutenção da semivogal.

Quadro 39 - Ditongo ej - Contexto fonológico seguinte

	Produção				Não Produção			
	Palavra isolada	%	Frase	%	Palavra isolada	%	Frase	%
[ʃ]	85/184	46	83/189	44	99/184	54	106/189	56
[ʒ]	66/179	37	51/181	28	113/179	63	130/181	72
[r]	40/182	22	29/182	16	142/182	78	153/182	84

Conforme o Quadro 39, o ditongo [ej] foi mais produzido diante da fricativa palatal surda [ʃ] e menos produzido diante de tepe [r].

4.2.1.2.2 Categoria morfológica

O Quadro 40 traz os resultados referentes à variável categoria morfológica. O ditongo [ej], no radical, foi produzido em 25 palavras, das 67 possibilidades, obtendo índices percentuais de 37%; das 67 possibilidades de pronúncia do ditongo, na frase, 20 foram pronunciadas com a manutenção da semivogal, apresentando 30%. Na posição de sufixo, a pronúncia do ditongo, na palavra isolada, apresentou 30%, sendo que houve a

realização do ditongo em 28 ocorrências, das 92 possibilidades; na frase, houve 27 produções do ditongo, das 94 possibilidades de pronúncia, totalizando 29%.

Quadro 40 - Ditongo ej - Categoria morfológica

	Produção				Não Produção			
	Palavra isolada	%	Frase	%	Palavra isolada	%	Frase	%
Radical	25/67	37	20/67	30	42/67	63	47/67	70
Afixos	28/92	30	27/94	29	64/92	70	67/94	71

4.2.1.2.3 Tonicidade da sílaba

A zona rural apresentou, na palavra isolada, 268 possibilidades de produção do ditongo [ej], na sílaba tônica, com 97 ocorrências, o que totaliza 36%; o ditongo, na frase, foi produzido em 84 ocorrências, das 273 possibilidades, alcançando 31%. O ditongo [ej], na sílaba átona, foi realizado em 80 ocorrências, das 261 possibilidades, totalizando 31%, na palavra isolada. Na frase, conforme o Quadro 41, o ditongo [ej] apresentou 273 possibilidades de ocorrência, sendo produzido em 61 delas, o que totaliza uma produção de 22%, em sílaba fraca.

Quadro 41 - Ditongo ej - Tonicidade da sílaba

	Palavra isolada				Frase			
	Produção	%	Não Produção	%	Produção	%	Não Produção	%
Sílaba tônica	97/268	36	171/268	64	84/273	31	189/273	69
Sílaba átona	80/261	31	181/261	69	61/273	22	212/273	78

4.2.1.2.4 Série

Os resultados apresentados, no Quadro 42, referem-se à variável série. Na 1ª série, o ditongo [ej] apresentou 199 possibilidades de ocorrência, sendo produzido em 25 delas, conferindo 13%, na palavra isolada. Na frase, o ditongo apresentou 198 possibilidades de pronúncia, sendo realizado em 23 delas, totalizando 12%. A produção do ditongo, na 2ª série, alcançou 31%, sendo que das 121 possibilidades, em 38 foram produzidas com a semivogal, na palavra isolada; na frase, o valor percentual obtido foi 27%, sendo que das 124 possibilidades, 33 houve a preservação da semivogal. Na 3ª

série, a produção do ditongo [ej] alcançou 53%, na palavra isolada, sendo que, foi realizado em 91 ocorrências, das 173 possibilidades; a produção do ditongo, na frase, obteve 42%, sendo produzido em 76 ocorrências, das 181 possibilidades. A 6ª série apresentou 217 possibilidades de produção, na palavra isolada, sendo que em 82 delas, houve a presença da semivogal, constituindo 38%. Na frase, a produção do ditongo chegou a 29%, sendo que das 221 possibilidades, 65 foram produzidas com a manutenção da semivogal.

Quadro 42 - Ditongo ej - Série

Série	Palavra isolada				Frase			
	Produção	%	Não Produção	%	Produção	%	Não Produção	%
1ª	25/199	13	174/199	87	23/198	12	175/198	88
2ª	38/121	31	83/121	69	33/124	27	91/124	73
3ª	91/173	53	82/173	47	76/181	42	105/181	58
6ª	82/217	38	135/217	62	65/221	29	156/221	71

4.2.1.2.5 Sexo

O Quadro 43 apresenta os resultados da variável sexo. Na zona rural, o sexo masculino apresentou 268 possibilidades de produção do ditongo [ej], na palavra isolada, sendo produzido em 61 delas, constituindo 23%. Na frase, o ditongo apresentou 279 possibilidades, sendo que em 52 houve a manutenção da semivogal, totalizando 19%. As meninas apresentaram 448 possibilidades de pronúncia do ditongo, sendo produzido em 187 delas, na palavra isolada, conferindo 42% de produção. Das 450 possibilidades, na frase, houve a produção do ditongo [ej], em 161 delas, o que totaliza 36%.

Quadro 43 - Ditongo ej - Sexo

	Palavra isolada				Frase			
	Produção	%	Não Produção	%	Produção	%	Não Produção	%
Masculino	61/268	23	207/268	77	52/279	19	227/279	81
Feminino	187/448	42	261/448	58	161/450	36	289/450	64

4.2.1.3 O ditongo [ow]

4.2.1.3.1 Contexto fonológico seguinte

O Quadro 44 apresenta os resultados referentes à variável contexto fonológico seguinte. O ditongo [ow] apresentou, na palavra isolada, 103 possibilidades de produção diante de [s] e [z], sendo produzido em 56 delas, totalizando 54%; na frase, apresentou 99 possibilidades, sendo que destas, 45 foram produzidas com a presença da semivogal, o que totaliza 45%. Diante de [j], o ditongo apresentou 41 possibilidades, sendo pronunciado em 17 delas, constituindo 41% de produção; apresentou, na frase, 14 ocorrências, das 41 possibilidades, alcançando 34%. Das 158 possibilidades de produção, diante de [r], o ditongo foi produzido em 60 ocorrências, chegando a 38%; das 160 possibilidades, na frase, foi pronunciado em 42, obtendo um valor de 26%. Diante de fricativa labial [v], o ditongo [ow] apresentou 80 possibilidades de produção, sendo pronunciado em 27 ocorrências, constituindo 34%; na frase, diante de [v], o ditongo [ow] apresentou 81 possibilidades, sendo produzido em 17 delas, somando 21%. O ditongo seguido de [t] e [d] alcançou 33% de produção, sendo produzido em 30 ocorrências, das 92 possibilidades; na frase, foi pronunciado em 15 ocorrências, obtendo 16%. Diante de plosiva labial [p] e [b], o ditongo foi produzido em 54 ocorrências, das 205 possibilidades, o que totaliza uma produção de 26%; das 210 possibilidades, na frase, 45 foram produzidas com a manutenção da semivogal, chegando a 21%. Diante de [k] e [g], o ditongo foi menos produzido, totalizando apenas 12%, sendo que em 21 ocorrências, a semivogal foi preservada, das 170 possibilidades; na frase, apresentou 172 possibilidades, sendo que em 28 ocorrências, a semivogal foi mantida.

Quadro 44 - Ditongo [ow] - Contexto fonológico seguinte

	Produção				Não Produção			
	Palavra isolada	%	Frase	%	Palavra isolada	%	Frase	%
[s, z]	56/103	54	45/99	45	47/103	46	54/99	55
[j]	17/41	41	14/41	34	24/41	59	27/41	66
[r]	60/158	38	42/160	26	98/158	62	118/160	74
[v]	27/80	34	17/81	21	53/80	66	64/81	79
[t, d]	30/92	33	15/92	16	62/92	67	77/92	84
[p, b]	54/205	26	45/210	21	151/205	74	165/210	79
[k, g]	21/170	12	28/172	16	149/170	88	144/172	84

4.2.1.3.2 Categoria morfológica

O Quadro 45 apresenta os resultados referentes à variável categoria morfológica. O ditongo [ow], no radical, apresentou 91 possibilidades de ocorrência, na palavra isolada, sendo produzido em 31 delas, totalizando 34%; na frase, apresentou 91 possibilidades, sendo que destas, 21 tiveram a presença da semivogal, conferindo 23%. Na posição de sufixo, das 59 possibilidades de ocorrência, 8 foram pronunciadas com a manutenção da semivogal, chegando a 14%, na palavra isolada; na frase, apresentou 56 possibilidades de pronúncia, sendo que em apenas 2 ocorrências, a semivogal foi preservada, alcançando 4%.

Quadro 45 - Ditongo ow - Categoria morfológica

	Produção				Não Produção			
	Palavra isolada	%	Frase	%	Palavra isolada	%	Frase	%
Radical	31/91	34	21/91	23	60/91	66	70/91	77
Afixos	8/59	14	2/56	4	51/59	86	54/56	96

4.2.1.3.3 Tonicidade da sílaba

O Quadro 46 traz os resultados quanto à variável tonicidade da sílaba. Na sílaba tônica, das 439 possibilidades de produção, 134 foram pronunciadas com a manutenção da semivogal posterior, totalizando 31%, na palavra isolada; na frase, o ditongo [ow] apresentou 417 possibilidades de ocorrência, sendo produzido em 106 delas, constituindo 25%. Na sílaba átona, o ditongo foi produzido em 134 ocorrências, das 418 possibilidades, chegando a 32% de produção, na palavra isolada; na frase, a produção do ditongo alcançou 22%, sendo que, das 426 possibilidades, a semivogal foi preservada em 95 delas.

Quadro 46 - Ditongo ow - Tonicidade da sílaba

	Palavra isolada				Frase			
	Produção	%	Não Produção	%	Produção	%	Não Produção	%
Sílaba tônica	134/439	31	305/439	69	106/417	25	311/417	75
Sílaba átona	134/418	32	284/418	68	95/426	22	331/426	78

4.2.1.3.4 Série

No Quadro 47, encontramos os resultados da variável série. Na 1ª série, o ditongo [ow] apresentou 256 possibilidades de produção, sendo realizado em 42 delas, totalizando 16%, na palavra isolada; na frase, apresentou 248 possibilidades, sendo que, em 29 ocorrências, a semivogal foi preservada, alcançando 12%. A produção do ditongo, na 2ª série, alcançou 26%, sendo que, das 170 possibilidades, 44 foram pronunciadas com a presença da semivogal, na palavra isolada; na frase, o valor percentual de produção foi 20%, sendo produzido em 33 ocorrências, das 169 possibilidades. Na 3ª série, o ditongo [ow] apresentou 254 possibilidades de ocorrência, sendo produzido em 109 delas, o que totaliza 43% de produção, na palavra isolada; a produção do ditongo, na frase, chegou a 32%, sendo que em 80 ocorrências, a semivogal estava presente. A 6ª série apresentou, na palavra isolada, 338 possibilidades de ocorrência, sendo realizado em 119 delas, totalizando 35% de produção; na frase, alcançou 29% de manutenção da semivogal, sendo que, das 340 possibilidades, a semivogal estava presente em 99 delas.

Quadro 47 - Ditongo ow - Série

Série	Palavra isolada				Frase			
	Produção	%	Não Produção	%	Produção	%	Não Produção	%
1ª	42/256	16	214/256	84	29/248	12	219/248	88
2ª	44/170	26	126/170	74	33/169	20	136/169	80
3ª	109/254	43	145/254	57	80/251	32	171/251	68
6ª	119/338	35	219/338	65	99/340	29	241/340	71

4.2.1.3.5 Sexo

O Quadro 48 traz os resultados da variável sexo. Quanto ao sexo masculino, o ditongo [ow] apresentou 359 possibilidades de produção, na palavra isolada, sendo que destas, 68 foram pronunciadas com a presença da semivogal, totalizando 19%. Na frase, os meninos produziram a semivogal em 57 ocorrências, das 357 possibilidades, constituindo 16% de manutenção. Em relação ao sexo feminino, o ditongo apresentou, na palavra isolada, 659 possibilidades de pronúncia, sendo realizado em 246 ocorrências, conferindo 37%; na frase, o ditongo apresentou 184 ocorrências com presença da semivogal, das 651 possibilidades, o que totaliza 28% de produção.

Quadro 48 - Ditongo ow - Sexo

	Palavra isolada				Frase			
	Produção	%	Não Produção	%	Produção	%	Não Produção	%
Masculino	68/359	19	291/359	81	57/357	16	300/357	84
Feminino	246/659	37	413/659	63	184/651	28	467/651	72

Conforme o Quadro 48, as meninas produziram mais o ditongo [ow] do que os meninos.

4.2.2 A coleta escrita

Na coleta escrita, o ditongo ‘ai’, das 185 possibilidades, foi realizado em 148 delas, totalizando 80% de produção. O ditongo ‘ei’ apresentou, assim como a zona urbana, um índice de produção similar ao ditongo ‘ai’, ou seja, 81%, das 725 possibilidades de grafia, sendo produzido em 590 delas. Conforme o Quadro 48, o ditongo ‘ou’ apresentou 1181 possibilidades de ocorrência e foi produzido em 631, alcançando 53% de preservação da semivogal presente nesse ditongo.

Quadro 49 - Ditongos fonéticos na escrita - Zona rural

	Produção	%	Não Produção	%
ai	148/185	80	37/185	20
ei	590/725	81	135/725	19
ou	631/1181	53	550/1181	47

4.2.2.1 O ditongo ‘ai’

4.2.2.1.1 Tonicidade da sílaba

O Quadro 50 traz os valores relativos à produção e à omissão da semivogal do ditongo ‘ai’ quanto à variável tonicidade da sílaba. O ditongo em sílaba tônica

apresentou um valor de 79% de produção, das 94 possibilidades, 74 foram grafadas com a semivogal; quanto à não produção, o valor alcançou 21%.

O ditongo em sílaba átona apresentou um valor percentual de 81%, com a presença da semivogal, contra 19% de omissão desse segmento.

Quadro 50 - Ditongo 'ai' - Tonicidade da sílaba

	Produção	%	Não Produção	%
Sílaba tônica	74/94	79	20/94	21
Sílaba átona	74/91	81	17/91	19

Conforme o Quadro 50, os valores de produção e de apagamento da semivogal são similares, por isso, não podemos indicar se a tonicidade é favorável à produção do ditongo 'ou'.

4.2.2.1.2 Série

A 1ª série, com 13 sujeitos, apresentou 51 possibilidades de produção do ditongo 'ai', sendo que destas, 37 foram registradas com a presença da semivogal, obtendo 76% de produção. A 2ª série, com 8 sujeitos, apresentou 32 possibilidades de ocorrência, sendo que 18 foram grafadas com a manutenção da semivogal, totalizando 56%. Os 12 sujeitos da 3ª série apresentaram 48 possibilidades, sendo que em 38 ocorrências a semivogal estava presente, alcançando 79%. Conforme o Quadro 51, os 14 sujeitos da 6ª série apresentaram 56 possibilidades de ocorrência do ditongo 'ai', destas 55 foram escritas com a semivogal, chegando a um percentual de 98%.

Quadro 51 - Ditongo 'ai' - Série

Série	Produção	%	Não Produção	%
1ª	37/49	76	12/49	24
2ª	18/32	56	14/32	44
3ª	38/48	79	10/48	21
6ª	55/56	98	1/56	2

4.2.2.1.3 Sexo

O Quadro 52 apresenta os valores referentes à produção e à omissão da semivogal do ditongo ‘ai’ quanto à variável sexo.

Quanto à manutenção da semivogal, no Quadro 52, o sexo feminino obteve um percentual de 81% contra 68% do sexo masculino. Em relação ao apagamento dessa semivogal, o sexo masculino alcançou 32%, enquanto as mulheres obtiverem um índice de 19%.

Quadro 52 - Ditongo ‘ai’ - Sexo

Sexo	Produção	%	Não Produção	%
Masculino	47/69	68	22/69	32
Feminino	101/124	81	23/124	19

No Quadro 52, os resultados referentes à produção da semivogal são significativos, por isso, podemos constatar que o sexo feminino preserva mais a semivogal do que os meninos, confirmando os resultados de Adamoli (2006) que afirma que os meninos cometem mais erros de apagamentos desse constituinte silábico do que as meninas, nas primeiras produções escritas.

4.2.2.2 O ditongo ‘ei’

4.2.2.2.1 Contexto fonológico seguinte

Na zona rural, o ditongo ‘ei’ apresentou, conforme o Quadro 53, 181 possibilidades de ocorrência diante do contexto [j], sendo que destas, 155 foram realizadas com a manutenção da semivogal anterior, alcançando 86% de produção. Diante de [z], os sujeitos registraram 153 ocorrências preservando a semivogal, das 184 possibilidades de grafia, totalizando 83%. O ditongo ‘ei’ diante de [r] apresentou um percentual de 79% de produção, sendo que foram constatados 142 registros desse ditongo, das 180 possibilidades. Esses valores percentuais de produção foram similares aos valores obtidos pelos alunos da zona urbana.

Quadro 53 - Ditongo 'ei' - Contexto fonológico seguinte

	Produção	%	Não Produção	%
[j]	155/181	86	26/181	14
[z]	153/184	83	31/184	17
[r]	142/180	79	38/180	21

4.2.2.2.2 Categoria morfológica

O Quadro 54 apresenta os valores de produção e de não produção da semivogal do ditongo 'ei' quanto à variável categoria morfológica. Quando o ditongo 'ei' faz parte do radical da palavra, das 81 possibilidades, 61 foram registradas com a semivogal, obtendo 75%. Já quando o ditongo está em afixo, a grafia com a manutenção da semivogal desse ditongo alcançou um valor de 80%.

Quadro 54 - Ditongo 'ei' - Categoria morfológica

	Produção	%	Não Produção	%
Radical	61/81	75	20/81	25
Afixos	73/91	80	18/91	20

Os resultados, conforme o Quadro 54, são similares, mas podemos sugerir que a produção do ditongo 'ei' está mais sujeita a ocorrer quando o mesmo se encontra no sufixo das palavras do que quando está no radical.

4.2.2.2.3 Tonicidade da sílaba

O Quadro 55 apresenta os resultados obtidos quanto à variável tonicidade da sílaba. Na sílaba tônica, o ditongo 'ei' apresentou 270 possibilidades de grafia, sendo realizado em 232 delas, o que totaliza uma produção de 86%. Na sílaba fraca, o ditongo apresentou 267 possibilidades, sendo grafado em 213 delas, constituindo 80% de produção.

Quadro 55 - Ditongo 'ei' - Tonicidade da sílaba

	Produção	%	Não Produção	%
Sílaba tônica	232/270	86	38/270	14
Sílaba átona	213/267	80	54/267	20

Os resultados são similares, mas podemos apontar a sílaba tônica como a favorecedora da preservação da semivogal, que chegou a índices de 86%, contra 80% da sílaba átona.

4.2.2.2.4. Série

Na zona rural, a 1ª série apresentou 186 possibilidades de grafia do ditongo 'ei', sendo que destas, 121 foram registradas com a manutenção da semivogal, obtendo 65% de produção. A 2ª série apresentou 127 possibilidades de ocorrência, sendo que 93 foram grafadas com a presença da semivogal, totalizando 73%. A 3ª série apresentou 188 possibilidades, sendo que em 161 ocorrências, a semivogal estava presente, alcançando 86%. Conforme o Quadro 56, os 14 sujeitos da 6ª série apresentaram 224 possibilidades de ocorrência, destas 215 foram escritas com a semivogal, chegando a um percentual de 96%.

Quadro 56 - Ditongo 'ei' - Série

Série	Produção	%	Não Produção	%
1ª	121/186	65	65/186	35
2ª	93/127	73	34/127	27
3ª	161/188	86	27/188	14
6ª	215/224	96	9/224	4

Segundo o Quadro 56, a cada série que avança, há um aumento no valor percentual de produção do ditongo 'ei'.

4.2.2.2.5 Sexo

Quanto à variável sexo, conforme o Quadro 57, o sexo masculino obteve um percentual de 67% de manutenção da semivogal e o sexo feminino obteve um percentual de 90%. Em relação ao apagamento dessa semivogal, o sexo masculino alcançou 33%, enquanto as mulheres obtiverem um índice de 10%.

Quadro 57 - Ditongo 'ei' - Sexo

Sexo	Produção	%	Não Produção	%
Masculino	175/263	67	88/263	33
Feminino	415/462	90	47/462	10

Conforme os valores percentuais apresentados no Quadro 57, tanto em relação ao apagamento dessa semivogal quanto à manutenção desse constituinte silábico, podemos constatar que o sexo feminino preserva mais a semivogal [j], devido à diferença de percentual ser de 23%.

4.2.2.3 O ditongo 'ou'

4.2.2.3.1 Contexto fonológico seguinte

O Quadro 58 apresenta os valores relativos à produção e à não produção da semivogal do ditongo 'ou' quanto à variável contexto fonológico seguinte. O ditongo 'ou' apresentou 91 possibilidades de grafia, preservando a semivogal em 61 delas, diante dos contextos [t] e [d], alcançando 67% de produção. Diante de [r], das 182 possibilidades de grafia, o ditongo 'ou' foi grafado em 120 delas, totalizando 66%. O ditongo 'ou' diante de [s] e [z] apresentou um percentual de 64% de produção, sendo que a presença da semivogal foi constatada em 90 ocorrências, das 141 possibilidades. Das 225 possibilidades de produção do ditongo 'ou', diante de [p] e [b], 133 registros apresentaram a manutenção da semivogal, o que totaliza 59%. O contexto [v] após o ditongo alcançou 57% de produção, sendo que 51 palavras foram registradas com a presença da semivogal, das 89 possibilidades de grafia. O ditongo 'ou' diante de [j], das 89 possibilidades, 39 foram escritas com a preservação da semivogal, alcançando 44% de produção. Diante dos contextos [k] e [g], a produção do ditongo 'ou' foi a menor, totalizando 25%, sendo que 44 palavras foram registradas com a presença da semivogal, das 176 possibilidades de grafia.

Quadro 58 - Ditongo 'ou' - Contexto fonológico seguinte

	Produção	%	Não Produção	%
[t, d]	61/91	67	30/91	33
[r]	120/182	66	62/182	34
[s, z]	90/141	64	51/141	36
[p, b]	133/225	59	92/225	41
[v]	51/89	57	38/89	43
[j]	39/89	44	50/89	56
[k, g]	44/176	25	132/176	75

4.2.2.3.2 Categoria morfológica

O Quadro 59 apresenta os resultados referentes à variável categoria morfológica. Quando o ditongo encontra-se no radical está mais sujeito à produção do que quando faz parte do afixo. Das 91 possibilidades de grafia do ditongo 'ou', no radical, em 62 delas, a semivogal foi preservada, totalizando 68%. Das 89 possibilidades, 29 ocorrências foram registradas com a manutenção da semivogal, conferindo 33%, quando o ditongo encontra-se no afixo.

Quadro 59 - Ditongo 'ou' - Categoria morfológica

	Produção	%	Não Produção	%
Radical	62/91	68	29/91	32
Afixos	29/89	33	60/89	67

4.2.2.3.3 Tonicidade da sílaba

No Quadro 60, estão dispostos os resultados referentes à variável tonicidade da sílaba quanto à produção e ao apagamento da semivogal do ditongo 'ou'.

Em relação à produção da semivogal, o ditongo em sílaba tônica, conforme o Quadro 60, apresentou um valor de 52%; quanto à não produção, o valor alcançou 48%.

O ditongo em sílaba átona apresentou um valor percentual de 57%, com a presença da semivogal, contra 43%, sem a presença desse segmento.

Os resultados percentuais parecem indicar que, quando o ditongo 'ou' se encontra em sílaba átona (57%), está mais sujeito à produção do que ao apagamento da semivogal (43%). Vão, portanto, ao encontro aos de Cabreira (1996) quanto à variável

tonicidade da sílaba do ditongo ‘ou’. Conforme o autor, esse ditongo está mais sujeito ao apagamento da semivogal quando se encontra em sílaba forte.

Quadro 60 - Ditongo ‘ou’ - Tonicidade da sílaba

	Produção	%	Não Produção	%
Sílaba tônica	254/490	52	236/490	48
Sílaba átona	285/499	57	214/499	43

4.2.2.3.4 Série

O Quadro 61 apresenta os resultados da variável série quanto à produção e ao apagamento da semivogal do ditongo ‘ou’. Na zona rural, a 1ª série apresentou 306 possibilidades de registro do ditongo, sendo que destas, 102 foram grafadas com a presença da semivogal, obtendo 33% de produção. A 2ª série apresentou 203 possibilidades de ocorrência, sendo que 70 foram registradas com a manutenção da semivogal, totalizando 34% de produção. A 3ª série apresentou 308 possibilidades, sendo que em 162 ocorrências, a semivogal estava presente, conferindo 53%. Conforme o Quadro 61, a 6ª série apresentou 364 possibilidades de ocorrência, destas 297 foram escritas com a preservação da semivogal, alcançando 82%.

Quadro 61 - Ditongo ‘ou’ - Série

Série	Produção	%	Não Produção	%
1ª	102/306	33	204/306	67
2ª	70/203	34	133/203	66
3ª	162/308	53	146/308	47
6ª	297/364	82	67/364	18

4.2.2.3.5 Sexo

O Quadro 62 traz os resultados de manutenção e de apagamento da semivogal do ditongo ‘ou’ quanto à variável sexo. Em relação ao sexo masculino, o Quadro 62 apresenta 38% de produção e 62% de omissão da semivogal. Quanto ao sexo feminino, obteve 63% de manutenção e 37% de apagamento.

Quadro 62 - Ditongo 'ou' - Sexo

Sexo	Produção	%	Não Produção	%
Masculino	166/442	38	276/442	62
Feminino	465/739	63	274/739	37

Os resultados apresentados, no Quadro 62, indicam que as meninas produzem muito mais o ditongo 'ou' do que os meninos. Portanto, podemos sugerir que os meninos são mais descuidados com as prescrições tradicionais.

No próximo capítulo, apresentaremos a análise dos dados, considerando as produções orais e escritas dos alunos da zona urbana e rural, sendo realizada por meio da aplicação do programa SPSS v. 17.0.

5. ANÁLISE DOS DADOS

Neste capítulo, retomamos os dados descritos no capítulo anterior, porém, agora, apresentamos os resultados de produção dos ditongos [aj], [ej] e [ow] de forma geral, ou seja, considerando as produções realizadas pelos alunos da zona urbana e da zona rural de São José do Norte/RS. Assim, dividimos o capítulo em três seções principais, distribuídas da seguinte maneira: em 5.1, apresentamos os resultados de produção dos ditongos [aj], [ej] e [ow] relativos à oralidade; em 5.2, apresentamos os resultados de realização dos ditongos ‘ai’, ‘ei’ e ‘ou’ quanto à escrita; em 5.3, apresentamos uma comparação entre a produção oral e a produção escrita. No transcorrer do capítulo, estabeleceremos comparações entre os resultados aqui encontrados e àqueles já referidos pela literatura.

5.1 Os ditongos na oralidade

5.1.1 Produção oral dos ditongos [aj], [ej] e [ow]

Apresentamos o resultado total de produção dos ditongos [aj], [ej] e [ow] na oralidade, conforme o Gráfico 1. Esse resultado é a soma total de produção, sendo considerada a produção na palavra isolada e em frase pelos alunos das turmas de 1ª, 2ª, 3ª e 6ª série da zona urbana e da zona rural de São José do Norte.

Ao compararmos a realização total dos ditongos [aj], [ej] e [ow], percebemos uma produção mais expressiva do ditongo [aj] e uma igualdade de produção dos ditongos [ej] e [ow].

Em relação ao ditongo [aj], os resultados mostram que em 45% das produções, a semivogal estava presente, lembrando que apenas 4 palavras com esse ditongo são representativas da *amostra*.

No que diz respeito à produção oral dos ditongos [ej] e [ow], conforme o Gráfico 1, a semivogal foi preservada em 31% das ocorrências. Para Cabreira (1996), o ditongo [ow] é o que mais sofre o processo de monotongação e, ainda, frente a todos os ambientes, ou seja, independente de variáveis contextuais. Conforme as pesquisas variacionistas (Cabreira, op. cit), a monotongação de [ow] é uma mudança praticamente consumada.

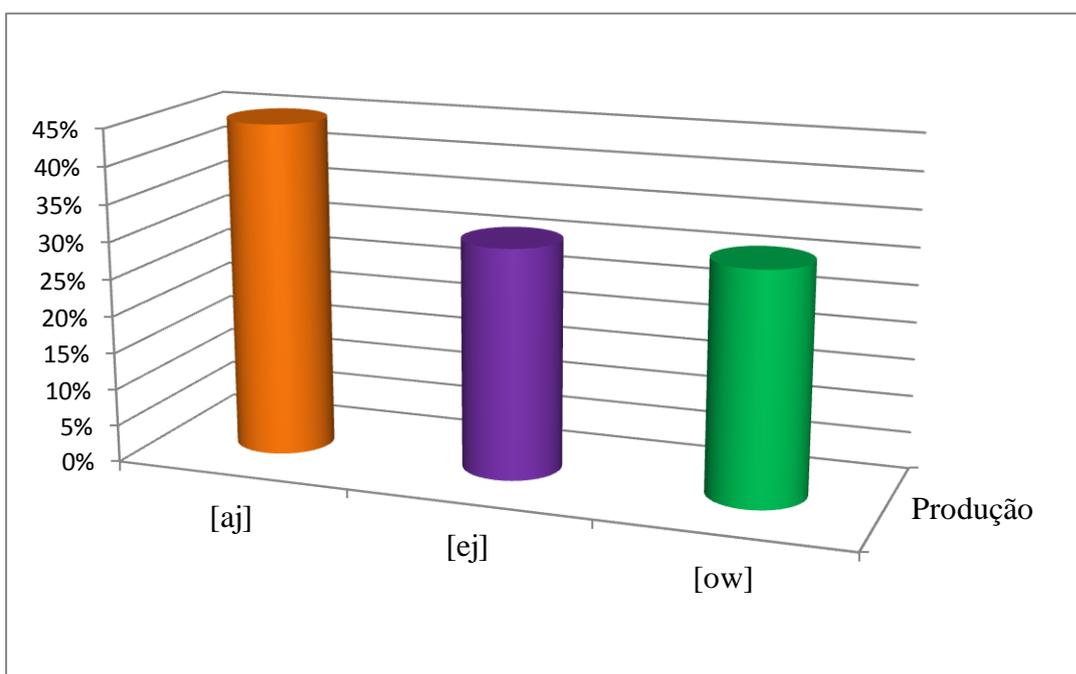


Gráfico 1 - Produção oral dos ditongos fonéticos

Segundo Cabreira (1996), entre os ditongos fonéticos, o ditongo [aj] é o que menos sofre o processo de apagamento da semivogal. Considerando o número restrito de palavras que apresentam contexto para a monotongação de [aj], é possível considerarmos que o ditongo [aj] é o mais produzido justamente pelo papel da aprendizagem da escrita. Partimos da hipótese de que, no processo de aquisição da fonologia, formas como *caixa* [‘ka.Sa], por exemplo, são constituídas apenas pela vogal baixa na representação fonológica, tendo em vista os resultados de Bonilha (2000) já referidos no Cap. 2 da presente dissertação. Com o desenvolvimento da escrita, no entanto, a vogal alta passa a fazer parte da representação, portanto, produções como [‘ka.Sa], agora, passam a ser vistas como reduções de ditongos decrescentes. O percentual mais elevado da produção do ditongo [aj] pode estar, então, relacionado à apropriação da escrita de determinadas palavras, o que acaba por motivar a inserção do glide nas produções orais. Adamoli (2013) constatou resultado semelhante em sua investigação, ainda que com taxas mais elevadas, uma vez que o ditongo [aj] alcançou 46% de produção já na 2ª série.

Ao compararmos as produções dos ditongos [ej] e [ow], percebemos que as taxas de realização desses ditongos são iguais, ou seja, em 31% das ocorrências, o ditongo [ej] foi produzido, assim como o ditongo [ow]. Adamoli (op. cit), na 3ª

observação oral, que foi realizada na 2ª série, encontrou índices mais elevados para o ditongo [ej], com 61% de manutenção da semivogal. Outra razão para afirmarmos que a produção de [ej], nesta pesquisa, é baixa, deve-se ao fato de o ditongo [ow] sofrer, conforme indicou Cabreira (1996), mais apagamento da semivogal do que o ditongo [ej]. Desta forma, esperaríamos que [ow] apresentasse uma taxa de produção mais baixa do que aquela apresentada por [ej], o que não ocorreu nos nossos dados.

5.1.2 Produção oral dos ditongos [aj], [ej] e [ow] na palavra isolada e em frase

Ao focalizarmos a produção dos ditongos [aj], [ej] e [ow] na palavra isolada e em frases, percebemos uma produção mais expressiva na palavra isolada, ainda que a diferença de percentual seja mínima, do que em frases, conforme o Gráfico 2.

Ao compararmos a produção de [aj] na palavra isolada e na frase, observamos a realização do ditongo em 46% das ocorrências, na palavra isolada; na frase, a produção alcançou 44%.

Quanto ao ditongo [ej], a produção da semivogal, na palavra isolada, conferiu 33% e, na frase, 28%.

O ditongo [ow] apresentou 33% de manutenção da semivogal na palavra isolada e 25% de realização na frase.

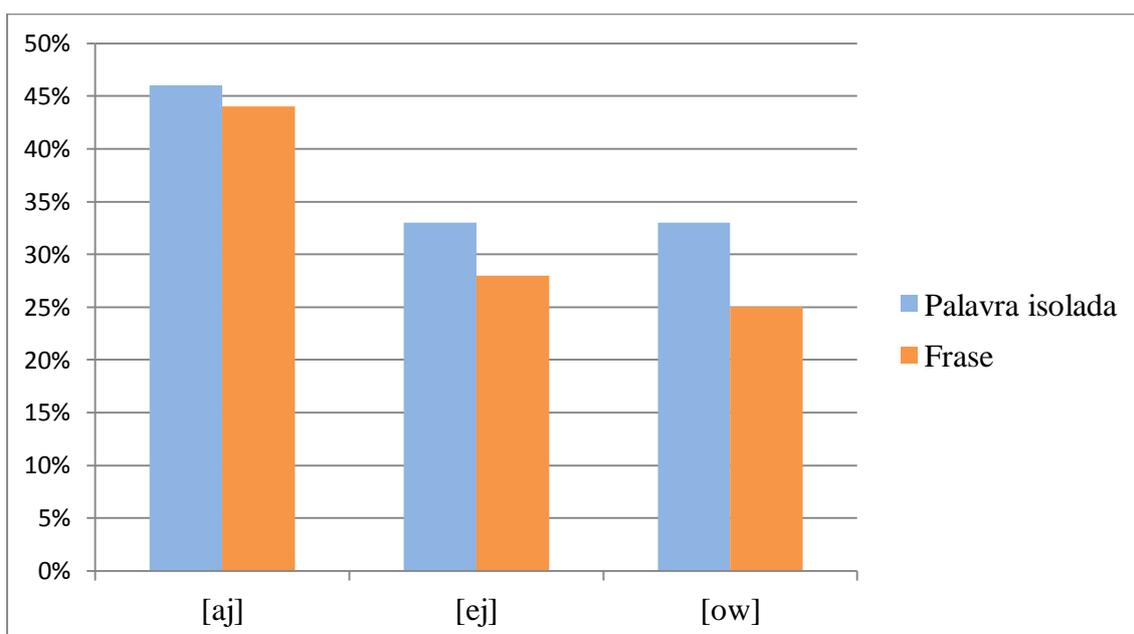


Gráfico 2 - Produção oral dos ditongos fonéticos na palavra isolada e em frase

Na produção de [aj], não houve diferenças expressivas entre as produções das palavras isoladas e em frase. Já os ditongos [ej] e [ow] apresentaram diferenças significativas. A aplicação do teste estatístico Wilcoxon, tendo em vista a amostra ser irregular, evidenciou que o ditongo [ej] emerge principalmente quando realizado em palavra isolada ($Z = - 3,68$, $p = 0,00$); o mesmo pode ser considerado em relação ao ditongo [ow], preferencialmente realizado no mesmo contexto ($Z = - 6,16$, $p = 0,00$).

O Quadro 63 apresenta os resultados do teste estatístico aplicado.

Quadro 63 - Teste estatístico Wilcoxon - Palavra isolada e frase

Ditongo	Teste Estatístico	Z	p	Diferença significativa
[aj]	Wilcoxon	- 0,85	> 0,05	NÃO
[ej]		- 3,68	0,00	SIM
[ow]		- 6,16	0,00	SIM

5.1.3 Produção oral dos ditongos [aj], [ej] e [ow] na zona urbana e na zona rural

Ao compararmos a produção oral dos ditongos [aj], [ej] e [ow] na zona urbana e na zona rural da cidade investigada, percebemos uma similaridade na realização dos ditongos, de acordo com o Gráfico 3.

A zona urbana e a zona rural apresentaram o mesmo valor de produção da semivogal do ditongo [aj], ou seja, 45%.

O ditongo [ej] apresentou um desempenho de produção muito similar nas zonas escolares, ou seja, uma realização do ditongo em 31% das ocorrências, na zona urbana; na zona rural, a produção da semivogal alcançou 32%.

Quanto à produção de [ow] nas zonas das escolas, observamos, ainda que os percentuais sejam muito aproximados, uma produção mais expressiva dos alunos da zona urbana, ou seja, em 34% das ocorrências, a semivogal estava presente; já dos alunos da zona rural, a produção conferiu 27%.

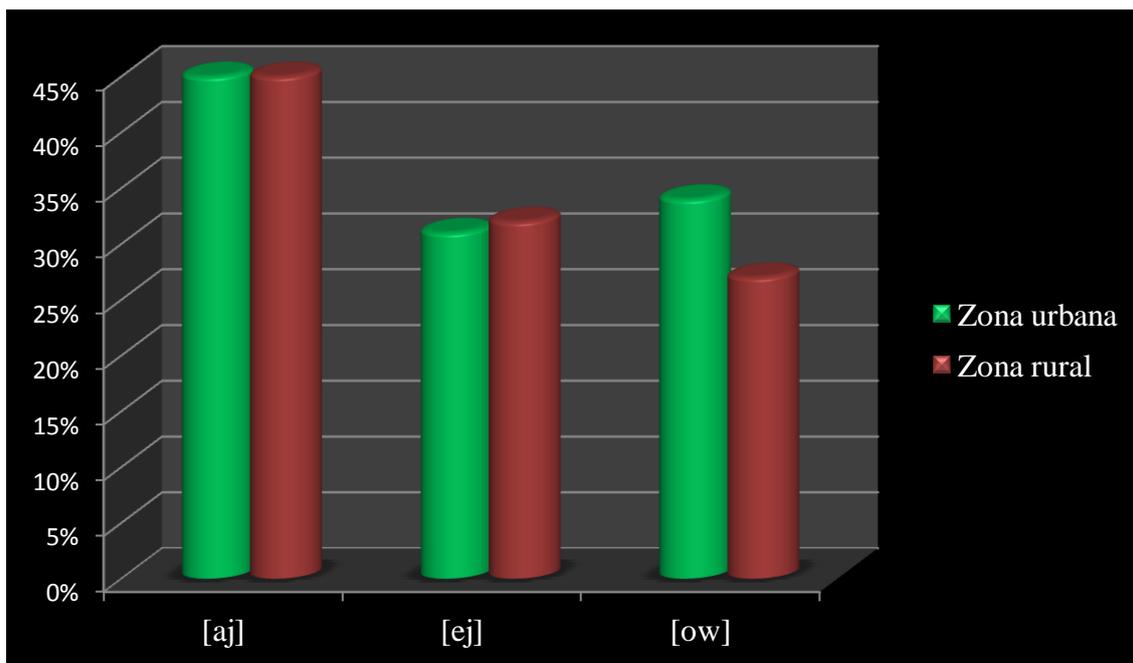


Gráfico 3 - Produção oral dos ditongos fonéticos - Zona da escola

Ao focarmos a produção dos ditongos [aj], [ej] e [ow], nas zonas escolares, percebemos que as produções foram muito similares. A aplicação do teste estatístico Kruskal-Wallis indicou que a zona de localização da escola, urbana ou rural, não interfere de forma significativa na produção dos ditongos ($p > 0,05$). Devido ao conservadorismo de regiões isoladas e a consequente linguagem com características próprias da zona rural (AMARAL, 2000), esperávamos uma maior diferença entre as produções dos dois grupos e não taxas de realização tão próximas.

5.1.4 Produção oral dos ditongos [aj], [ej] e [ow] quanto à série

Em relação à produção oral dos ditongos [aj], [ej] e [ow], nas séries investigadas, conforme o Gráfico 4, observamos que o ditongo [aj] foi o mais realizado, lembrando que tínhamos apenas 4 palavras com esse grupo vocálico na amostra.

O ditongo [aj] foi produzido, na 1ª série, em 23% das ocorrências; na 2ª série, o ditongo [aj] apresentou 36% de preservação da semivogal; a 3ª série totalizou 66% de realização do ditongo; já a 6ª série, alcançou 52% de produção. A aplicação do teste não paramétrico Kruskal-Wallis apontou para diferenças significativas entre as séries ($X^2 = 22,87$, em palavras isoladas, e 21,20 em frases, com $p = 0,00$). O teste de Mann-Whitney apontou diferenças significativas na produção do ditongo [aj] entre a 1ª e a 3ª

séries ($Z = -4,13$, $p = 0,00$ em palavras isoladas; $Z = -4,71$, $p = 0,00$ em frases). Entre a 1ª e a 2ª séries, houve diferença significativa para a produção de [aj] apenas no contexto de frases ($Z = -2,00$, $p = 0,045$). Entre a 3ª e a 6ª séries o teste não paramétrico não apontou diferenças significativas ($p > 0,05$).

Ao focalizarmos o ditongo [ej], percebemos que a produção, na 1ª série, alcançou 15%; já a 2ª série, apresentou 29% de preservação da semivogal; na 3ª série, a produção conferiu 49%; a 6ª série totalizou 31% de realização do ditongo. A aplicação do teste não paramétrico Kruskal-Wallis novamente apontou para diferenças significativas entre as séries ($X^2 = 23,94$, em palavras isoladas, e 25,22 em frases, com $p = 0,00$). Assim como com o ditongo [aj], o teste de Mann-Whitney apontou diferenças significativas na produção do ditongo [ej] entre a 1ª e a 3ª séries ($Z = -4,52$, $p = 0,00$ em palavras isoladas; $Z = -4,48$, $p = 0,00$ em frases). Entre a 1ª e a 2ª séries, houve diferença significativa para a produção de [ej] apenas no contexto de frases ($Z = -2,27$, $p = 0,023$). Para a produção de [ej], chama a atenção o decréscimo significativo entre as realizações da 3ª e da 6ª séries no contexto de frases ($Z = -2,66$, $p = 0,008$).

O ditongo [ow] foi realizado em 18% das ocorrências, na 1ª série; a 2ª série apresentou uma produção de 23%; na 3ª série, a preservação da semivogal alcançou 39%; já na 6ª série, em 38% das ocorrências, a semivogal estava presente. O teste Kruskal-Wallis apontou diferenças significativas entre as séries ($X^2 = 22,42$, em palavras isoladas, e 24,94 em frases, $p = 0,00$). A aplicação do teste de Mann-Whitney, na sequência, indicou diferenças significativas na produção do ditongo [ow] apenas entre a 1ª e a 3ª séries ($Z = -3,70$, $p = 0,00$ em palavras isoladas; $Z = -4,05$, $p = 0,00$ em frases).

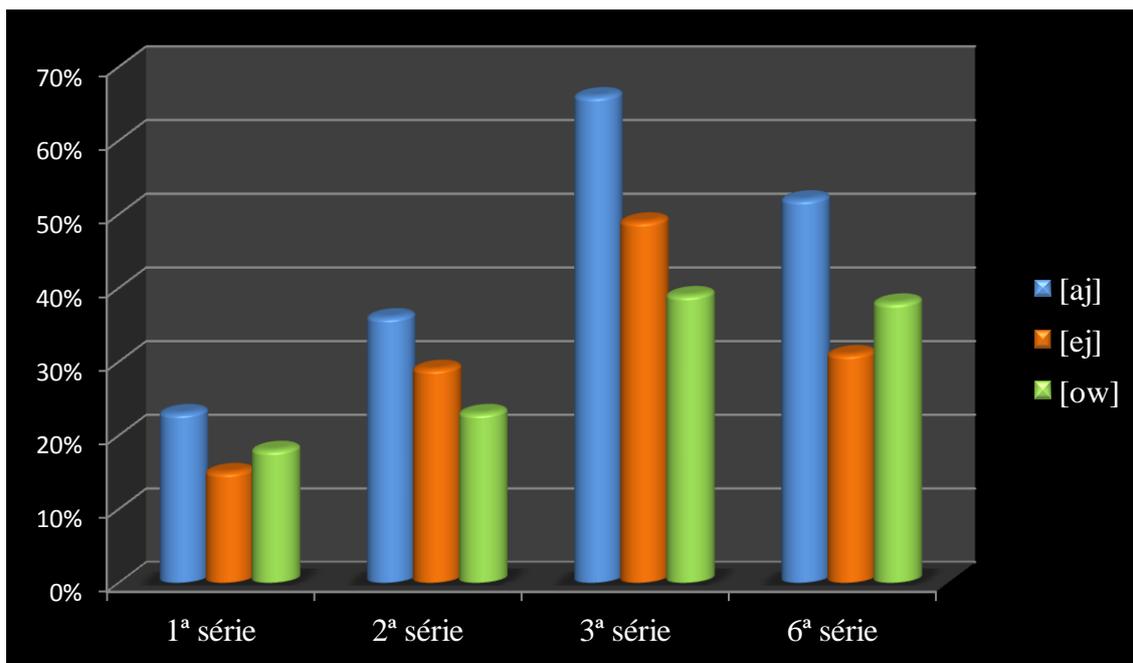


Gráfico 4 - Produção oral dos ditongos fonéticos - Série

De acordo com o Gráfico 4, observamos que a 1ª série apresentou os índices mais baixos de produção do que as outras turmas e, ainda, o percentual de produção aumenta de forma significativa na 3ª série. Esse parece o momento crucial em relação à influência da escrita na produção oral dos ditongos [aj], [ej] e [ow].

Em Adamoli (2013), os índices de produção do ditongo [aj] alcançaram 5,5% e 6,6%, nas coletas realizadas no início e ao término da 1ª série. Na 2ª série, os alunos preservaram a semivogal em 46% das ocorrências. Quanto à produção oral do ditongo [ej], a pesquisa de Adamoli (op. cit) apontou 5% e 6,6% de realização do ditongo, na 1ª série; na 2ª série, a manutenção da semivogal conferiu 61%.

Os resultados de produção dos ditongos [aj] e [ej], na pesquisa de Adamoli (2013), aumentaram significativamente, conforme o avanço escolar, ou seja, da 1ª para a 2ª série. Chamam a atenção os índices tão baixos de produção dos ditongos na 1ª série, por volta de 6%, se comparados aos encontrados no presente trabalho, ou seja, 23% para [aj] e 15% para [ej]. Os altos índices apresentados pelos sujeitos de Adamoli (op. cit) na 2ª série também chamam a atenção, principalmente se compararmos a produção do ditongo [ej], 29% nos dados de São José do Norte e 61% nos dados de Pelotas. As diferenças encontradas podem estar relacionadas a diferenças regionais ou ao recorte longitudinal dado pelo autor. Cabe referir também que os altos índices constatados por Adamoli (op. cit) podem estar relacionados a aspectos metodológicos relativos à coleta

de dados, pois os alunos receberam, antes da coleta oral realizada na 2ª série, a instrução de que deveriam se comportar como um professor. Tal comando pode ser responsável pela diferença expressiva encontrada entre os grupos das duas localidades.

Cabe referir ainda que as duas turmas da 6ª série apresentaram índices percentuais de produção dos ditongos [aj], [ej] e [ow] mais baixos do que as duas turmas da 3ª série. Isso provavelmente ocorre porque, na 3ª série, com a apropriação dos ditongos, na escrita, as taxas de produção são elevadas, ocorrendo, assim, uma reestruturação da representação fonológica e a consequente inserção do glide. Na 6ª série, ao contrário, os alunos já estão aplicando a regra de monotongação, por isso os índices percentuais são mais baixos do que os das turmas da 3ª série.

O Quadro 64 apresenta os resultados do teste estatístico aplicado em relação à variável série.

Quadro 64 - Teste estatístico Kruskal-Wallis - Série

Ditongo	Teste Estatístico	Diferença significativa	Palavras isoladas	Frases	p
[aj]	Kruskal-Wallis	SIM	$X^2 = 22, 87$	$X^2 = 21, 20$	0, 00
[ej]		SIM	$X^2 = 23, 94$	$X^2 = 25, 22$	
[ow]		SIM	$X^2 = 22, 42$	$X^2 = 24, 94$	

O Quadro 65 apresenta os resultados do teste Mann-Whitney, aplicado para averiguar a diferença significativa entre as séries.

Quadro 65 - Teste estatístico Mann-Whitney - Série

Ditongo	Teste Estatístico	Diferença significativa entre as séries	Palavras isoladas	p	Frases	p
[aj]	Mann-Whitney	1ª e a 3ª	Z = - 4, 13	0, 00	Z = - 4, 71	0, 00
		1ª e a 2ª	Z = -1,36	0, 173	Z = - 2, 00	0, 045
		3ª e a 6ª	Z = - 1,53	0,125	Z = - 1,30	0,192
[ej]		1ª e a 3ª	Z = - 4, 52	0, 00	Z = - 4, 48	0, 00
		1ª e a 2ª	Z = -1,26	0, 207	Z = - 2, 27	0, 023
		3ª e a 6ª	Z = - 1,63	0, 102	Z = - 2, 66	0, 008
[ow]		1ª e a 3ª	Z = - 3, 70	0,00	Z = - 4, 05	0,00

5.1.5 Produção oral dos ditongos [aj], [ej] e [ow] quanto ao sexo

Ao compararmos a produção oral dos ditongos [aj], [ej] e [ow] quanto à variável sexo, observamos que tanto o sexo masculino quanto o feminino produziram mais o ditongo [aj] do que os ditongos [ej] e [ow], conforme o Gráfico 5.

Em relação à produção oral de [aj], constatamos 37% de realização do ditongo pelos meninos e 50% de preservação da semivogal pelas meninas.

O ditongo [ej] foi produzido em 25% das ocorrências pelos meninos e as meninas realizaram esse grupo vocálico em 35% das ocorrências.

Quanto à produção de [ow], os meninos alcançaram 28% de realização desse ditongo e as meninas mantiveram a semivogal em 35% das ocorrências.

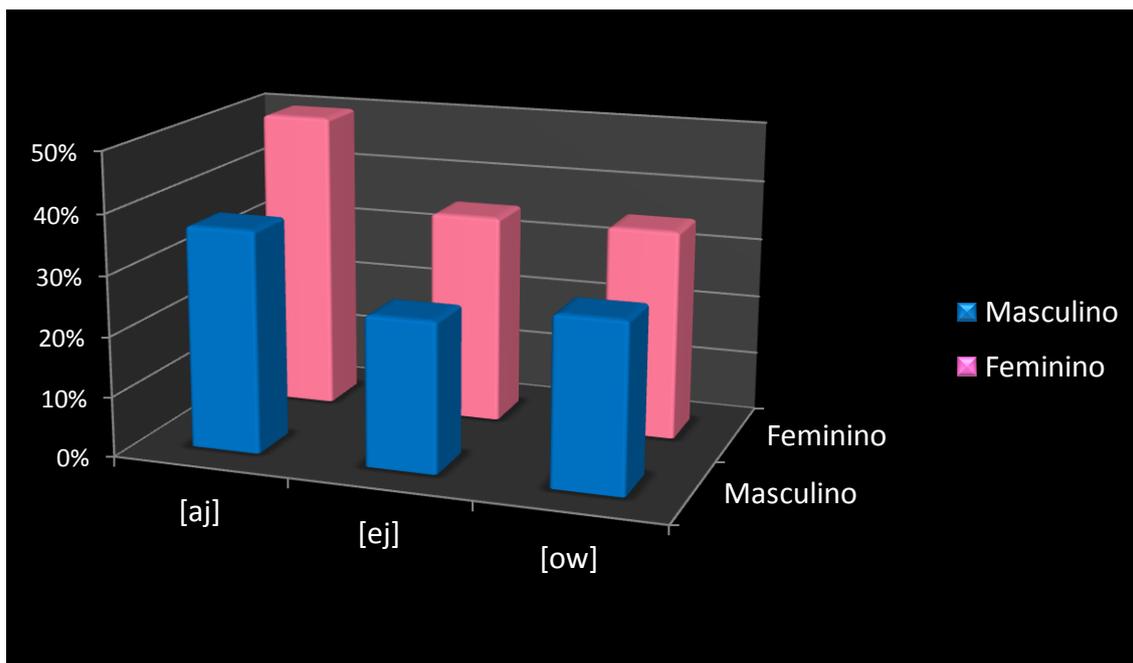


Gráfico 5 - Produção oral dos ditongos fonéticos - Sexo

De acordo com o Gráfico 5, as meninas produziram mais os ditongos [aj], [ej] e [ow] do que os meninos. A aplicação do teste não paramétrico Mann-Whitney revelou, no entanto, que para o ditongo [ow] existem diferenças significativas entre a produção de meninos e meninas ($Z = - 2,61$, $p = 0,009$ em palavras isoladas; $Z = - 2,96$, $p = 0,003$ em frases). Já para o ditongo [aj], as meninas produzem o glide nos dois contextos em percentuais maiores do que os meninos, porém, apenas no contexto de frases a diferença é significativa ($Z = - 2,38$, $p = 0,017$). No caso de [ej], a diferença significativa também ocorre apenas no contexto de frases ($Z = - 2,24$, $p = 0,025$).

Os estudos sociolinguísticos têm mostrado que o papel da variável sexo depende do tipo de variação em análise. Assim, apontam que a tendência é as mulheres utilizarem a forma inovadora quando se trata de uma mudança linguística; quando não há uma mudança em andamento, a tendência é as mulheres utilizarem mais a forma padrão do que os homens (CHAMBERS & TRUDGILL, 1980, apud CABREIRA, 1996).

Com relação ao comportamento do ditongo [ej] seguido por [r], a pesquisa de Cabreira (1996) concluiu que as mulheres (0,64) monotongam mais do que os homens (0,38). O autor parte do princípio de que a forma padrão é a manutenção do ditongo, sendo assim, os homens utilizaram mais a forma padrão do que as mulheres, indicando um fenômeno que está em mudança linguística, conforme o resultado de sua pesquisa.

Na presente pesquisa, assim como Cabreira (op. cit), partimos do principio de que a realização dos ditongos seja a forma padrão, mas apenas a partir da militância do papel da escrita nas produções, ou seja, a partir da 3ª série, tendo em vista os resultados apontados pelo gráfico 4. Desta forma, a preservação da semivogal pelas meninas indica que a monotongação de [aj], [ej] e [ow] não se trata de uma mudança em andamento.

Interessante ainda referir que, ao considerarmos o comportamento de meninas e meninos por séries distintas, os resultados apontam diferenças significativas apenas para o ditongo [ow] na produção dos alunos da 2ª série ($Z = - 2,02$, $p = 0,043$ em palavras isoladas; $Z = - 2,18$, $p = 0,029$ em frases) e para os ditongos [ow] e [ej], em contexto de frases, na produção dos alunos da 6ª série ($Z = - 2,04$, $p = 0,041$ para [ow]; $Z = - 2,00$, $p = 0,046$ para [ej]). Na 1ª e na 3ª séries, não há diferenças significativas entre as produções dos meninos e das meninas no que concerne à produção do glide. Acreditamos que, nessas séries, não houve uma diferença expressiva no percentual de produção oral dos ditongos pelos meninos e pelas meninas, pois a 1ª série é o ponto de partida em direção à apropriação dos ditongos, na escrita; quanto à 3ª série, parece ser o momento decisivo quanto à influência da escrita na produção oral dos ditongos [aj], [ej] e [ow] e, ainda, parece ser o momento em que ocorre a reestruturação da representação fonológica, com a inserção da semivogal.

Os resultados do teste estatístico Mann-Whitney referente à variável sexo, estão dispostos no Quadro 66.

Quadro 66 - Teste estatístico Mann-Whitney - Sexo

Ditongo	Teste Estatístico	Palavras isoladas	Frases
[aj]	Mann-Whitney	$Z = - 2,00$ $p = 0, 045$	$Z = - 2, 38$ $p = 0, 017$
[ej]		$Z = - 1, 48$ $p = 0, 137$	$Z = - 2, 24$ $p = 0, 025$
[ow]		$Z = - 2, 61$ $p = 0, 009$	$Z = - 2, 96$ $p = 0, 003$

5.1.6 Produção oral dos ditongos [ej] e [ow] quanto à categoria morfológica

Em relação à variável categoria morfológica, observamos uma expressiva produção dos ditongos [ej] e [ow] quando se encontram no radical.

O ditongo [ej] foi realizado em 39% das ocorrências, no radical; na posição de sufixo, a semivogal foi preservada em 28% das ocorrências.

A manutenção da semivogal do ditongo [ow] alcançou 32%, no radical; já na posição de sufixo, o ditongo [ow] foi realizado em 14% das ocorrências.

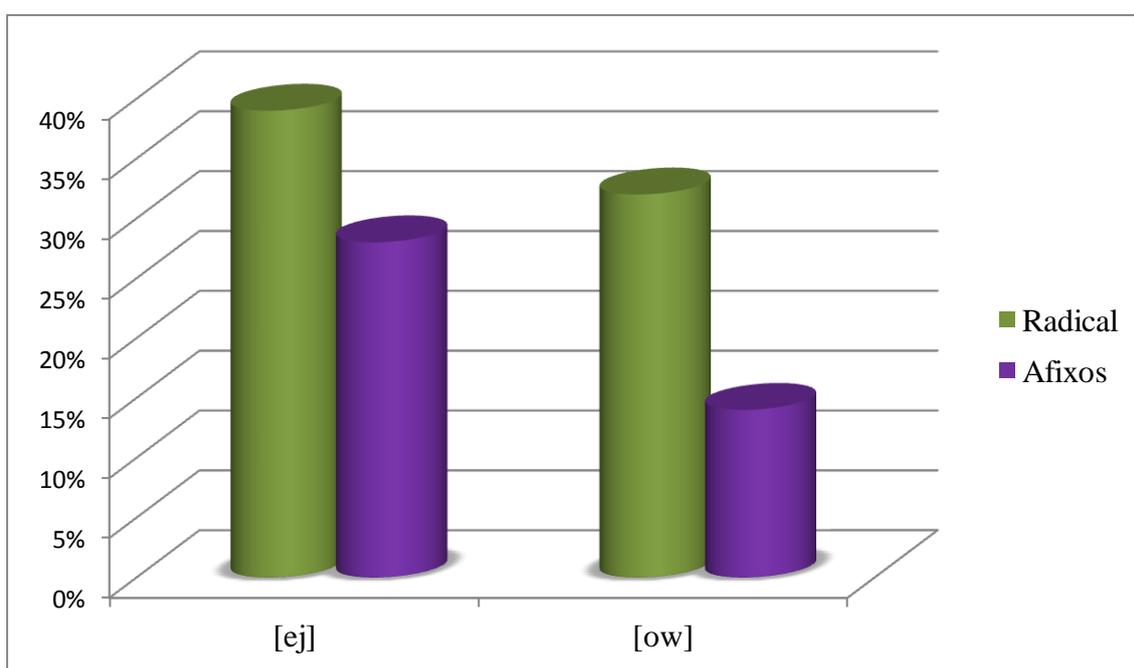


Gráfico 6 - Produção oral dos ditongos ej e ow - Categoria morfológica

De acordo com o Gráfico 6, portanto, os alunos da zona urbana e da zona rural preferiram produzir os ditongos [ej] e [ow] quando estes estão posicionados no radical da palavra. Os resultados estatísticos apontam para diferenças significativas apenas na produção de [ow], com a predominância da manutenção do glide no radical da palavra ($Z = -4,56$, $p = 0,000$ em palavras isoladas; $Z = -5,10$, $p = 0,000$ em frases).

Cabreira (1996), em sua pesquisa, também investigou o papel da natureza morfológica, porém, analisou separadamente o ditongo [ej] seguido pela consoante lateral /r/ daquele seguido pelas palatais /j/ e /ʒ/. O autor concluiu que, quando o ditongo está posicionado no radical, seguido por ambos os contextos investigados, a tendência é o ditongo sofrer o apagamento da semivogal.

Ao contrário do que encontrou Cabreira (op. cit), nosso resultado apontou a posição de radical favorável à produção do ditongo [ow] na oralidade.

5.1.7 Produção oral dos ditongos [aj], [ej] e [ow] quanto à tonicidade da sílaba

Com relação à variável tonicidade da sílaba, observamos, ainda que os percentuais sejam similares, uma produção mais expressiva do ditongo [aj] quando se encontra em sílaba com menor proeminência, ao contrário dos ditongos [ej] e [ow] que apresentam índices mais elevados de realização quando estão posicionados em sílaba tônica.

A semivogal do ditongo [aj] foi mantida em 42% das ocorrências em sílaba tônica; já em sílaba átona, esse grupo vocálico foi realizado em 48% das ocorrências.

O ditongo [ej] apresentou uma produção de 33% quando está posicionado em sílaba forte; em sílaba fraca, a semivogal foi preservada em 26% das ocorrências.

A produção do ditongo [ow] alcançou 32% em sílaba tônica; a realização desse ditongo totalizou 30%, em sílaba átona.

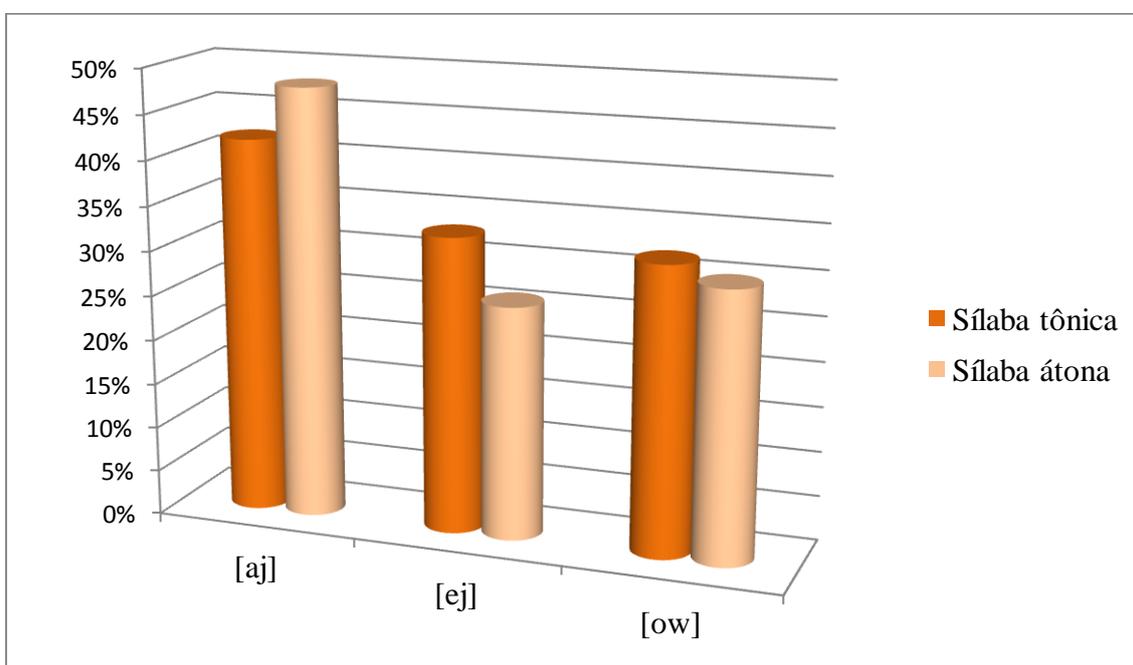


Gráfico 7 - Produção oral dos ditongos fonéticos - Tonicidade da sílaba

Cabreira (1996) também investigou a influência da variável tonicidade da sílaba sobre o processo de monotongação de [aj] e [ej] e constatou que, quando o ditongo está

posicionado na sílaba tônica, está mais propenso ao apagamento da semivogal do que em sílaba átona.

Com relação ao ditongo [aj], ainda que os percentuais sejam próximos, o ditongo foi mais produzido quando se encontra em sílaba átona. Esperávamos uma maior realização do ditongo em sílaba tônica, pois a sílaba forte é produzida com uma maior força expiratória do que as fracas. Porém, o resultado corrobora o de Cabreira (1996). A diferença entre produções átonas e tônicas tem relevância estatística apenas no contexto de palavra isolada ($Z = - 3,22$, $p = 0,001$).

Os ditongos [ej] e [ow] foram mais produzidos pelos alunos quando estão posicionados na sílaba tônica, apesar de o percentual de realização desses ditongos ser similar. Quanto ao ditongo [ej], nosso resultado vai ao encontro de Amaral (2005). Em relação ao ditongo [ow], nossos dados também mostram um posicionamento contrário ao de Cabreira (op. cit), que constatou uma maior realização do glide em sílaba átona. Estatisticamente, a produção preponderante de [ej] em sílaba tônica é significativa apenas no contexto de frases ($Z = - 3,82$, $p = 0,000$); o mesmo pode ser considerado em relação a [ow] ($Z = - 2,29$, $p = 0,022$).

Para a variável tonicidade da sílaba, aplicamos o teste Mann-Whitney e os resultados alcançados estão dispostos no Quadro 67.

Quadro 67 - Teste estatístico Mann-Whitney - Tonicidade da sílaba

Ditongo	Teste Estatístico	Palavras isoladas	Frases
[aj]	Mann-Whitney	$Z = - 3,22$ $p = 0,001$	$Z = - 2,92$ $p = 0, 771$
[ej]		$Z = - 1,44$ $p = 0,148$	$Z = - 3,82$ $p = 0, 000$
[ow]		$Z = - 0,17$ $p = 0, 852$	$Z = - 2,29$ $p = 0, 022$

5.1.8 Produção oral do ditongo [ej] quanto ao contexto fonológico seguinte

Os resultados de produção oral do ditongo [ej] em relação à variável contexto seguinte estão dispostos no Gráfico 8.

Ao observarmos os contextos [j], [ʒ] e [r], investigados devido às pesquisas existentes na literatura (CABREIRA, 1996; TASCA, 2002; AMARAL, 2005) os indicarem como ambientes mais propiciadores ao apagamento da semivogal do ditongo [ej], constatamos uma produção mais significativa desse grupo vocálico diante de [j] e [ʒ].

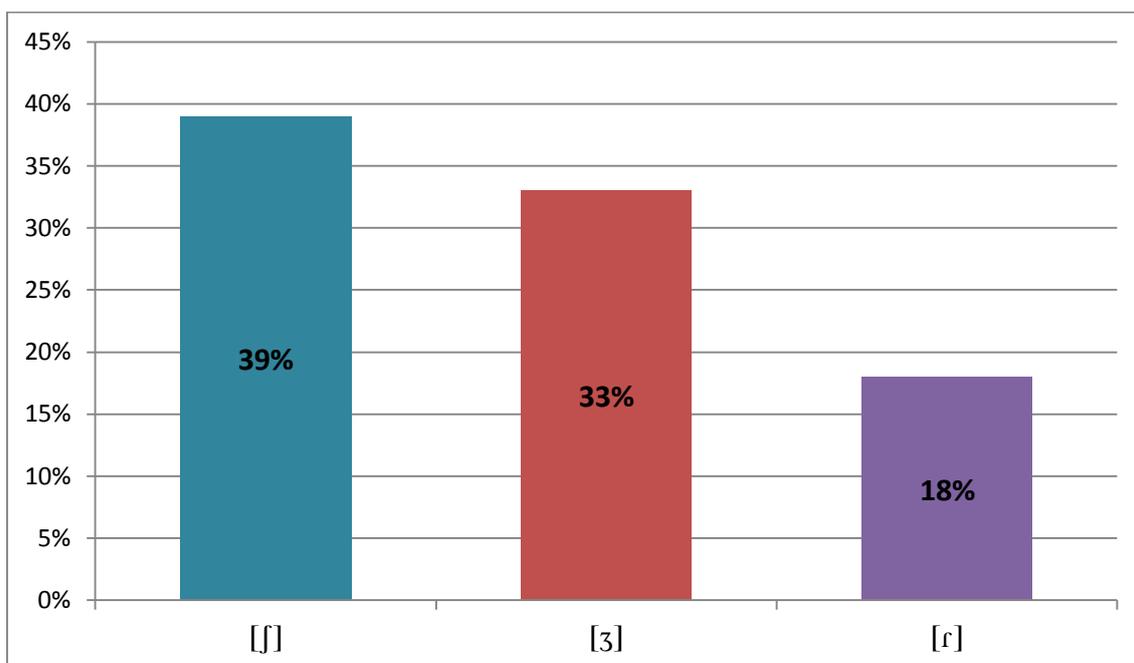


Gráfico 8 - Produção oral do ditongo ej - Contexto fonológico seguinte

Conforme o Gráfico 8, as crianças produziram mais o ditongo [ej], diante de [j], sendo que de 100% de produção correta desse ditongo, 39% foi relativa a esse contexto; diante de [ʒ], os alunos realizaram o ditongo em 33% das ocorrências, de 100% de produção; a manutenção da semivogal de [ej], diante de [r], totalizou 18%, de 100% de realização desse ditongo.

Com relação à influência exercida pelo contexto seguinte ao ditongo [ej], a pesquisa de Amaral (2005) indicou o tepe, com 97% de apagamento da semivogal e um peso relativo de .68, e o palato-alveolar, com 91% de omissão da semivogal e um peso relativo de .56, como os contextos mais favorecedores ao apagamento da semivogal do ditongo [ej].

Os nossos dados corroboram os resultados de Amaral (2005), pois o apagamento ocorreu preferencialmente diante da líquida não lateral, com apenas 18% de produção correta para [ej].

5.1.9 Produção oral do ditongo [ow] quanto ao contexto fonológico seguinte

O Gráfico 9 apresenta os resultados de produção oral do ditongo [ow] referentes à variável contexto fonológico seguinte.

Em relação às fricativas coronais, o ditongo [ow] apresentou 55% de produção diante de [s] e [z] e 45% diante de [ʃ]. Com relação ao contexto [r], o ditongo foi produzido em 35% das ocorrências. Tanto diante de [t] e [d] quanto diante de [p] e [b], o ditongo foi realizado em 29% das ocorrências. Em menor proporção de produção, diante de [v], a semivogal foi preservada em 28%. Dentre os contextos analisados, o ditongo [ow] foi menos produzido diante de [k] e [g], totalizando apenas 15%.

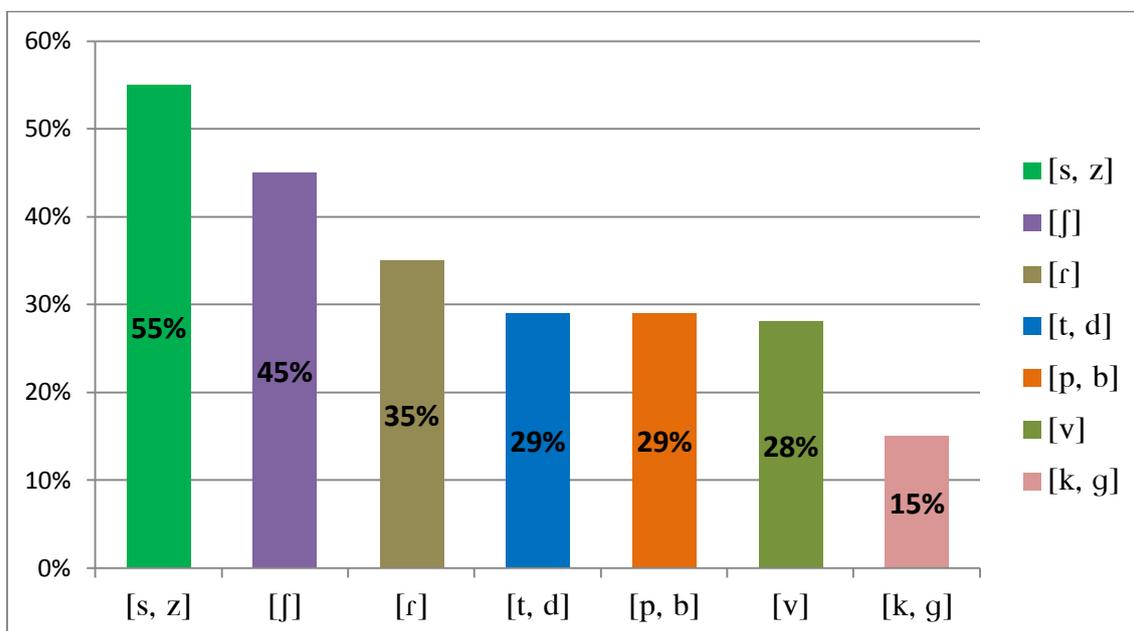


Gráfico 9 - Produção oral do ditongo ow - Contexto fonológico seguinte

Cabreira (1996) investigou o efeito do contexto seguinte sobre a monotongação de [ow]. Os contextos que foram favorecedores ao apagamento da semivogal foram: a consoante palatal (*frouxo*), com 96% de frequência e um peso relativo de .67 e a consoante labial (*roupa*), com 97% de omissão da semivogal e um peso relativo de .63. Nesta pesquisa, o ditongo [ow], seguido do ambiente [ʃ], foi produzido em 45% das ocorrências; quanto ao contexto [p] e [b], os índices de produção alcançaram 29%.

A variável contexto linguístico seguinte mostra-se relevante para a produção do ditongo [ow], porém, nossos resultados apontam para o papel das plosivas dorsais,

seguidas das plosivas labiais e coronais, e da fricativa labial como facilitadoras ao apagamento.

5.1.10 Produção oral dos ditongos [aj], [ej] e [ow], considerando a influência da variável zona da escola nas diferentes séries

No Gráfico 3, comparamos a produção oral dos ditongos [aj], [ej] e [ow] quanto à variável zona da escola, agora, no entanto, comparamos as produções desses ditongos nas zonas urbana e rural com base em cada uma das séries.

Em relação à produção oral do ditongo [aj], a turma de 1ª série apresentou 25% de realização do ditongo na zona urbana; na zona rural, os alunos preservaram a semivogal em 20% das ocorrências. Na 2ª série, a produção alcançou 32%, na zona urbana; em 42% das ocorrências, os alunos da zona rural preservaram a semivogal. A 3ª série apresentou 67% de produção na zona urbana; na zona rural, os índices chegaram a 65% de realização do ditongo [aj]. Na 6ª série, os alunos da zona urbana produziram o ditongo em 52% das ocorrências; na zona rural, a semivogal foi preservada em 53% das ocorrências.

Quanto à produção oral do ditongo [ej], os alunos da 1ª série, estudantes da zona urbana, produziram a semivogal em 16% das ocorrências; na zona rural, a semivogal foi preservada em 14% das ocorrências. A 2ª série apresentou 26% de produção do ditongo [ej], na zona urbana; os alunos da zona rural realizaram o ditongo em 33% das ocorrências. Na 3ª série, da zona urbana, os índices de produção alcançados foram de 48%; a zona rural obteve 49% de realização do ditongo [ej]. Na zona urbana, os alunos da 6ª série mantiveram a semivogal em 28% das ocorrências; a zona rural apresentou 33% de produção da semivogal.

Com relação à produção oral do ditongo [ow], a 1ª série da zona urbana alcançou 21% de produção da semivogal; na zona rural, a 1ª série preservou a semivogal em 14% das ocorrências. Na 2ª série, os alunos da zona urbana realizaram o ditongo em 23% das ocorrências; na zona rural, a produção alcançou, também, 23%. A 3ª série da zona urbana apresentou uma realização do ditongo [ow] em 41% das ocorrências; os alunos da zona rural mantiveram a semivogal em 37% das ocorrências. Na 6ª série, os alunos da zona urbana alcançaram 44% de produção da semivogal; em 32% das ocorrências, os alunos da zona rural realizaram o ditongo [ow].

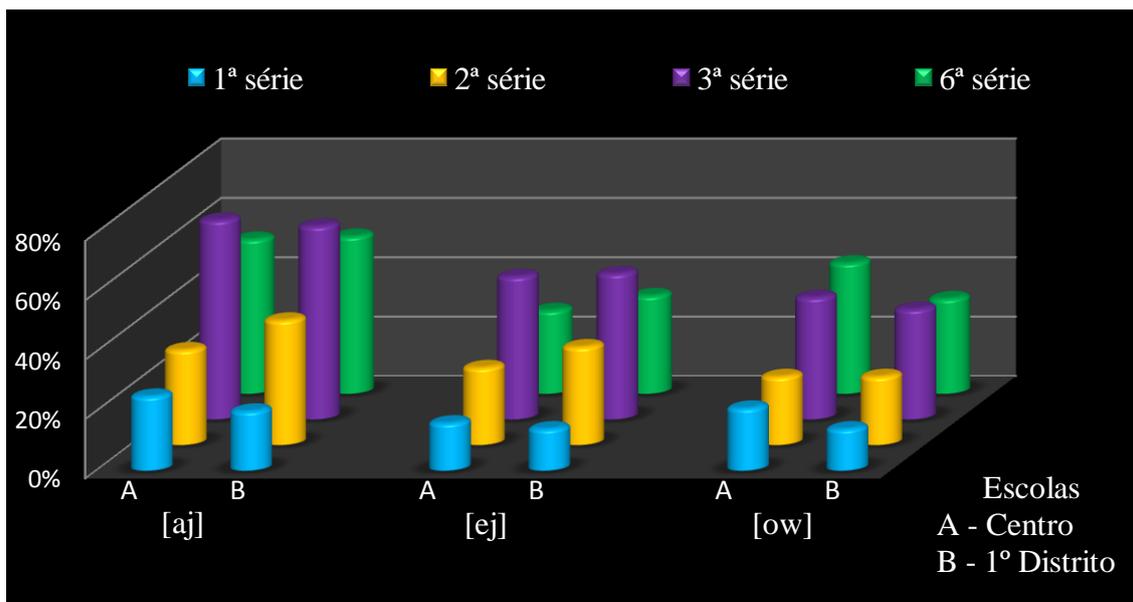


Gráfico 10 - Produção oral dos ditongos fonéticos - Série e Zona da escola

Em termos gerais, os resultados encontrados parecem novamente apontar a ausência do papel da variável zona da escola na produção oral dos ditongos. A análise estatística, por meio da aplicação do teste Mann-Whitney, evidenciou, no entanto, um aumento significativo na produção de [ow], pelos alunos da 1ª série, no que concerne à zona urbana ($Z = - 2,31$, $p = 0,021$ em palavras isoladas), e um aumento significativo na produção de [ej], pelos alunos da 2ª série, no que concerne à zona rural ($Z = - 2,12$, $p = 0,033$ em palavras isoladas; $Z = - 1,98$, $p = 0,047$ em frases).

O cruzamento das variáveis série e zona da escola possibilitou evidenciar, ainda que de forma reduzida, apenas para os ditongos [ow] e [ej] em séries e contextos específicos, o papel da zona da escola na produção dos ditongos. Interessante observar que tal papel ocorre nas séries iniciais, ou seja, quando a escrita ainda não influencia nas produções orais das crianças.

5. 2 Os ditongos na escrita

5.2.1 Produção escrita dos ditongos ‘ai’, ‘ei’ e ‘ou’

Para iniciar esta seção, apresentamos o percentual total de produção dos ditongos ‘ai’, ‘ei’ e ‘ou’ na escrita, conforme o Gráfico 11. O resultado apresentado

considera a zona urbana e a zona rural, somando a produção das turmas de 1^a, 2^a, 3^a e 6^a série.

Com relação ao ditongo ‘ai’, constatamos uma produção da semivogal em 84% das ocorrências. Quanto à realização do ditongo ‘ei’, verificamos uma produção de 83%. Voltando-se para a produção escrita de ‘ou’, temos uma realização da semivogal em 60% das ocorrências.

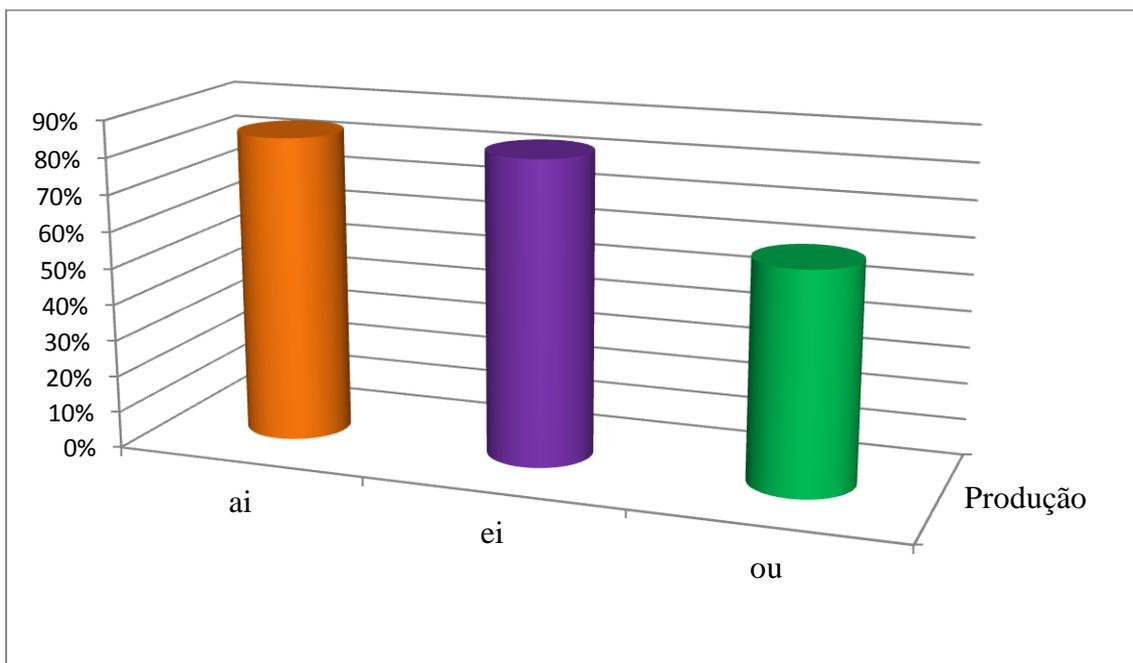


Gráfico 11 - Produção escrita dos ditongos fonéticos

Adamoli (2006) apontou 95% e 93% de produção correta do ditongo ‘ai’, na 1^a e 2^a série, respectivamente. No presente trabalho, o percentual referente à realização do ditongo é menor do que os resultados apontados na pesquisa de Adamoli (op. cit), mas bastante elevado. Em Adamoli (2013), o autor constatou 35,7% e 81% de produção do ditongo ‘ai’, sendo essas coletas realizadas na 1^a série; na 2^a série, a realização do ditongo totalizou 79%.

Com relação ao ditongo ‘ei’, Adamoli (2013) observou uma preservação da semivogal em 56,8% e 80%, na 1^a série; na 2^a, os registros da semivogal alcançaram 83%. O resultado do presente trabalho, quanto à produção do ditongo ‘ei’, é similar aos apontados por Adamoli (op. cit).

Quanto à produção de ‘ou’, Adamoli (2006) constatou uma preservação da semivogal em 71% das ocorrências na 1ª série; na 2ª série, a produção alcançou 87%. Esses índices de produção são mais elevados do que os alcançados nesta pesquisa.

5.2.2 Produção escrita dos ditongos ‘ai’, ‘ei’ e ‘ou’ na zona urbana e na zona rural

Ao focalizarmos a produção ortográfica dos ditongos ‘ai’, ‘ei’ e ‘ou’ na zona urbana e na zona rural, percebemos uma similaridade quanto à preservação da semivogal desses ditongos.

A realização do ditongo ‘ai’, na zona urbana, alcançou 87% de produção desse grupo vocálico; na zona rural, os registros da semivogal totalizaram 80% de produção.

Com relação à produção correta de ‘ei’, constatamos 84%, na zona urbana; a realização desse ditongo, na zona rural, chegou a 81%.

Quanto à produção escrita do ditongo ‘ou’, os alunos da zona urbana apresentaram 65% de manutenção da semivogal; já os alunos da zona rural, registraram a semivogal em 53% das ocorrências.

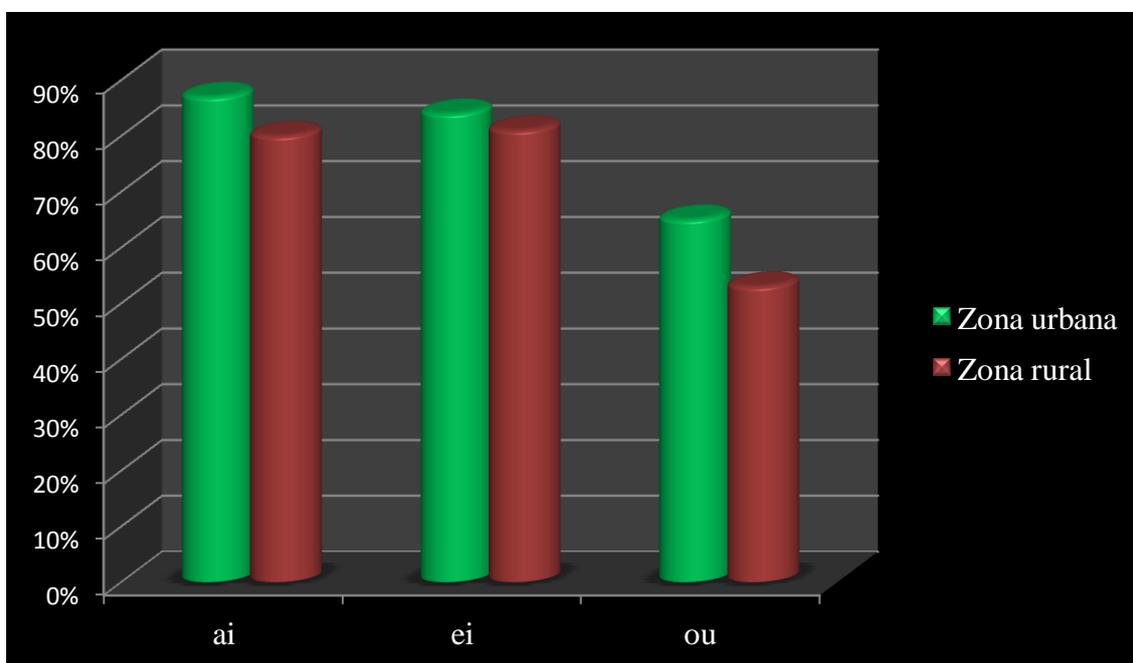


Gráfico 12 - Produção escrita dos ditongos fonéticos - Zona da escola

Ao compararmos a produção escrita dos ditongos ‘ai’, ‘ei’ e ‘ou’, percebemos uma similaridade na realização dos ditongos ‘ai’ e ‘ei’, já o ditongo ‘ou’ apresentou uma produção mais baixa do que os ditongos ‘ai’ e ‘ei’.

Em relação às zonas escolares, percebemos que as produções dos ditongos ‘ai’ e ‘ei’ foram similares; a produção de ‘ou’ apresentou uma diferença de percentual mais expressiva. A aplicação do teste não paramétrico Mann-Whitney confirmou a manutenção da semivogal, de forma significativa, pelos sujeitos da zona urbana, no que concerne à produção de [ow] ($Z = -2,27$, $p = 0,023$).

Assim como na oralidade, o ditongo [ow] foi o único a ser produzido preferencialmente pelos alunos da zona urbana.

5.2.3 Produção escrita dos ditongos ‘ai’, ‘ei’ e ‘ou’ quanto à série

Apresentamos, conforme o Gráfico 13, os resultados relacionados à produção ortográfica dos ditongos ‘ai’, ‘ei’ e ‘ou’ quanto à variável série.

Ao focalizarmos a produção dos três ditongos, percebemos que os índices percentuais foram aumentando aos poucos, assim, constatamos o papel da escola quanto à apropriação da forma escrita desses ditongos.

Com relação à produção de ‘ai’, observamos, na 1ª série, um registro da semivogal em 77% das ocorrências; na 2ª série, a semivogal estava presente em 73% dos registros; na 3ª, a produção totalizou 85%; por fim, a 6ª série apresentou 96% de realização do ditongo ‘ai’.

De acordo com o Gráfico 13, a realização do ditongo ‘ei’, na 1ª série, alcançou 70% de produção; na 2ª série, os alunos preservaram a semivogal em 80% das ocorrências; a 3ª série apresentou 84% de produção; por último, a 6ª série obteve registros de 84% de manutenção da semivogal.

Quanto à produção correta do ditongo ‘ou’, constatamos 41% de preservação da semivogal, na 1ª série; a realização de ‘ou’, na 2ª série, alcançou 45%; já a 3ª série apresentou 60% de manutenção da semivogal; por fim, os alunos da 6ª série produziram o ditongo ‘ou’ corretamente em 85% das ocorrências.

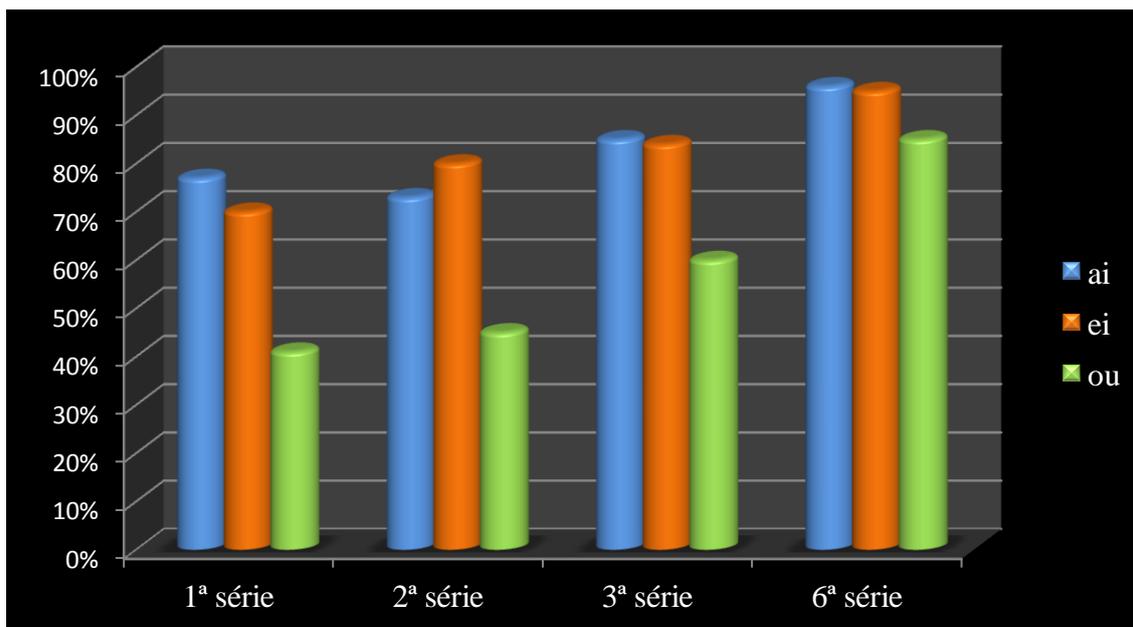


Gráfico 13 - Produção escrita dos ditongos fonéticos - Série

O Gráfico 13 informa o que já era esperado, ou seja, à medida que os alunos avançam nas séries, tendem a aumentar a produção dos ditongos ‘ai’, ‘ei’ e ‘ou’ na escrita. O resultado evidencia o papel da escola atuando na apropriação desses grupos vocálicos na escrita.

A variável série também foi observada por Tasca (2002), tendo como sujeitos da *amostra* alunos de quatro escolas de Porto Alegre/RS. Nossos resultados em relação à produção de [ej] e [ow] vão ao encontro aos de Tasca (2002).

De acordo com o Gráfico 13, o ditongo ‘ou’ foi o que apresentou os índices mais baixos de produção em todas as turmas. Tal fato está em assonância com a alta taxa de não produção do ditongo [ow] na oralidade.

A análise estatística, por meio do teste Kruskal-Wallis, apontou para diferenças significativas na produção escrita dos ditongos, ao considerarmos os quatro níveis de adiantamento aqui controlados. A aplicação do teste Mann-Whitney revelou que há diferenças significativas na produção de ‘ou’ realizada por alunos da 1ª e da 3ª séries ($Z = -2,39$, $p = 0,016$). Entre a 1ª e a 2ª séries, não foram constatadas diferenças significativas. Quanto aos resultados da 3ª e da 6ª séries, os ditongos ‘ei’ e ‘ou’ aumentaram suas produções de forma significativa ($Z = -3,54$, $p = 0,000$; $Z = -4,73$, $p = 0,000$). O ditongo ‘ai’ é o único que apresenta diferenças significativas apenas se compararmos as produções realizadas pelos alunos da 1ª e da 6ª séries ($Z = -2,53$, $p = 0,011$).

No Quadro 68, apresentamos os resultados estatísticos quanto à variável série.

Quadro 68 - Teste estatístico Mann-Whitney - Série

Ditongo	Teste Estatístico	Diferença significativa entre as séries	Z	p
‘ai’	Mann-Whitney	1 ^a e a 6 ^a	Z = - 2,53	0,011
‘ei’		3 ^a e a 6 ^a	Z = - 3,54	0,000
‘ou’		1 ^a e a 3 ^a	Z = -2,39	0,016
		3 ^a e a 6 ^a	Z = - 4,73	0,000

5.2.4 Produção escrita dos ditongos ‘ai’, ‘ei’ e ‘ou’ quanto ao sexo

Ao compararmos a produção ortográfica dos ditongos ‘ai’, ‘ei’ e ‘ou’ em relação à variável sexo, conforme o Gráfico 14, observamos que o sexo feminino produziu os três ditongos mais do que os meninos.

Quanto ao desempenho dos alunos em relação à produção do ditongo ‘ai’, os índices percentuais alcançados pelos meninos foram 76% contra 85% pelas meninas.

Com relação à produção de ‘ei’, os meninos preservaram a semivogal em 75% das ocorrências; as meninas realizaram o ditongo em 88% das palavras.

O ditongo ‘ou’ foi produzido pelos meninos em 50% das ocorrências; as meninas preservaram a semivogal em 66% das ocorrências.

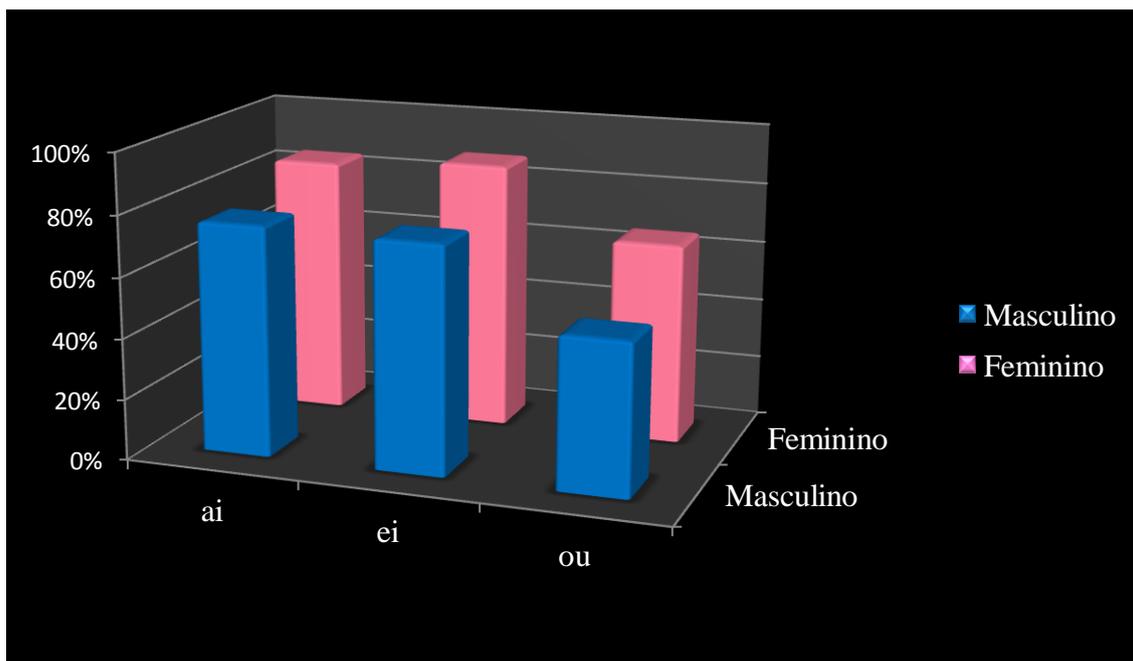


Gráfico 14 - Produção escrita dos ditongos fonéticos - Sexo

Assim como na oralidade, as meninas produziram mais os ditongos ‘ai’, ‘ei’ e ‘ou’ do que os meninos. A análise estatística, por meio do teste Mann-Whitney, apontou diferenças significativas para os três ditongos ($Z = - 2,59$, $p = 0,010$, para ‘ai’; $Z = - 2,67$, $p = 0,008$, para ‘ei’; $Z = -2,53$, $p = 0,011$, para ‘ou’).

O Quadro 69 apresenta os resultados da aplicação do teste estatístico para a variável sexo.

Quadro 69 - Teste estatístico Mann-Whitney - Sexo

Ditongo	Teste Estatístico	Z	p
[aj]	Mann-Whitney	$Z = - 2,59$	0,010
[ej]		$Z = - 2,67$	0,008
[ow]		$Z = -2,53$	0,011

Com relação ao ditongo ‘ai’, esses dados corroboram os achados de Adamoli (2006), que chegou a conclusão em seu estudo que os meninos cometem mais apagamento da semivogal do que as meninas, nos primeiros textos.

Quanto à produção correta de ‘ei’, os nossos resultados vão ao encontro aos de Tasca (2002). Embora a diferença de percentual seja pequena, indica as meninas como as que mais preservam a semivogal do ditongo ‘ei’.

Contrariamente são os resultados da produção de ‘ou’, na pesquisa de Tasca (op. cit), que apontou os meninos como sendo os responsáveis pela maior produção do ditongo ‘ou’, ainda que os percentuais sejam próximos.

5.2.5 Produção escrita dos ditongos ‘ei’ e ‘ou’ quanto à categoria morfológica

Os resultados de produção escrita dos ditongos ‘ei’ e ‘ou’ quanto à variável categoria morfológica estão expressos no Gráfico 15.

Percebemos que o ditongo ‘ei’, ainda que os índices sejam próximos, apresentou uma produção mais expressiva quando se encontra na posição de sufixo; já a produção do ditongo ‘ou’ foi mais significativa quando se encontra no radical.

Com relação à produção do ditongo ‘ei’, diferentemente da oralidade, os índices de produção foram mais elevados quando se encontra na posição de sufixo, alcançando 83% de produção; a realização do ditongo ‘ei’, no radical, obteve 74%. A aplicação do teste Wilcoxon revelou diferenças significativas entre as categorias morfológicas, corroborando o papel da categoria morfológica na produção escrita do ditongo ($Z = -2,57$, $p = 0,010$).

Quanto ao ditongo ‘ou’, a preservação da semivogal conferiu 73%, no radical; na posição de sufixo, a produção do ditongo chegou a 38%. Novamente, o teste Wilcoxon evidenciou diferenças significativas entre as categorias, com a preferência pela manutenção do glide quando faz parte do radical da palavra ($Z = -6,12$, $p = 0,000$).

O Quadro 70 traz os resultados da variável categoria morfológica.

Quadro 70 - Teste estatístico Wilcoxon - Categoria morfológica

Ditongo	Teste Estatístico	Z	p
‘ei’	Wilcoxon	$Z = -2,57$	0,010
‘ou’		$Z = -6,12$	0,000

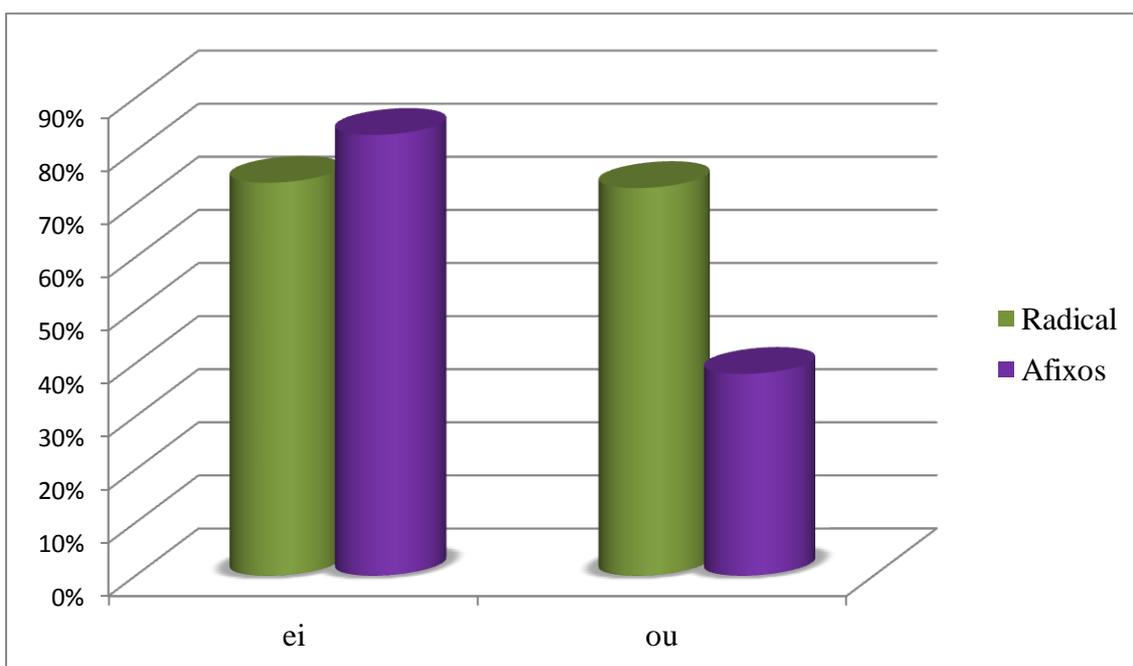


Gráfico 15 - Produção escrita dos ditongos ‘ei’ e ‘ou’ - Categoria morfológica

Quanto à produção de ‘ei’, nossos resultados são contrários aos de Adamoli (2006), que constatou uma produção mais significativa quando o ditongo está posicionado no radical da palavra, com uma produção de 91%, contra 68% na posição de afixo. A produção preferencial de ‘ei’ em posição de sufixo pode estar relacionada à recorrência da forma na escrita, ou seja, a alta frequência de formas como - eiro, - eira.

5.2.6 Produção escrita dos ditongos ‘ai’, ‘ei’ e ‘ou’ quanto à tonicidade da sílaba

Ao compararmos a produção ortográfica dos ditongos ‘ai’, ‘ei’ e ‘ou’ quanto à variável tonicidade da sílaba, percebemos que os ditongos ‘ai’ e ‘ou’, ainda que os percentuais sejam similares, são preferencialmente produzidos quando o ditongo se encontra na sílaba com menor proeminência; já com o ditongo ‘ei’, a produção foi mais significativa, ainda que os índices sejam próximos, quando o ditongo se encontra na sílaba tônica.

Em relação à produção do ditongo ‘ai’, constatamos uma similaridade nos índices percentuais, ou seja, a realização, na sílaba tônica, alcançou 83%; na sílaba átona, a semivogal foi preservada em 84% das ocorrências.

O ditongo ‘ei’ apresentou uma produção de 88% quando está posicionado em sílaba tônica; em sílaba fraca, a semivogal foi preservada em 81% das ocorrências.

A produção correta do ditongo ‘ou’ alcançou 59% em sílaba forte; a realização desse ditongo totalizou 63%, em sílaba átona.

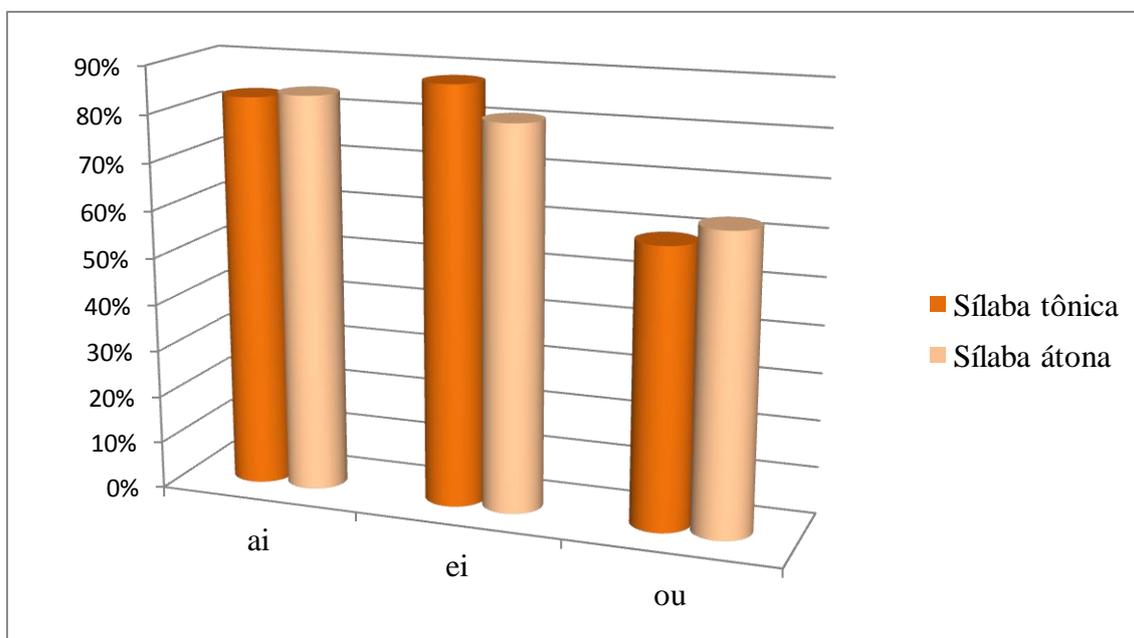


Gráfico 16 - Produção escrita dos ditongos fonéticos - Tonicidade da sílaba

Por meio da aplicação do teste Wilcoxon, a análise estatística evidenciou que o papel da tonicidade da sílaba está presente apenas para o ditongo ‘ei’, com a manutenção do glide na sílaba tônica ($Z = - 3,49$, $p = 0,000$).

Quanto à tonicidade da sílaba, na pesquisa de Adamoli (2006), o ditongo ‘ai’ foi mais produzido na sílaba átona, sendo assim, corroborando os resultados desta pesquisa. Com relação ao ditongo ‘ei’, os índices percentuais foram idênticos, assim essa variável não teria relevância para a análise. Porém, os resultados probabilísticos apontados pelo programa estatístico indicaram a sílaba átona, com peso relativo de .68, como a favorecedora ao apagamento da semivogal quando comparada à sílaba tônica, que apresentou peso de .44.

Os resultados alcançados na presente pesquisa confirmam o papel da variável tonicidade para a emergência escrita de ‘ei’, corroborando, em parte, os resultados apontados em Adamoli (2006).

5.2.7 Produção escrita do ditongo ‘ei’ quanto ao contexto fonológico seguinte

Os resultados de produção ortográfica do ditongo ‘ei’ quanto à variável contexto seguinte estão dispostos no Gráfico 17.

Ao compararmos os contextos [j], [ʒ] e [r], observamos uma proximidade nos índices percentuais de produção do ditongo ‘ei’.

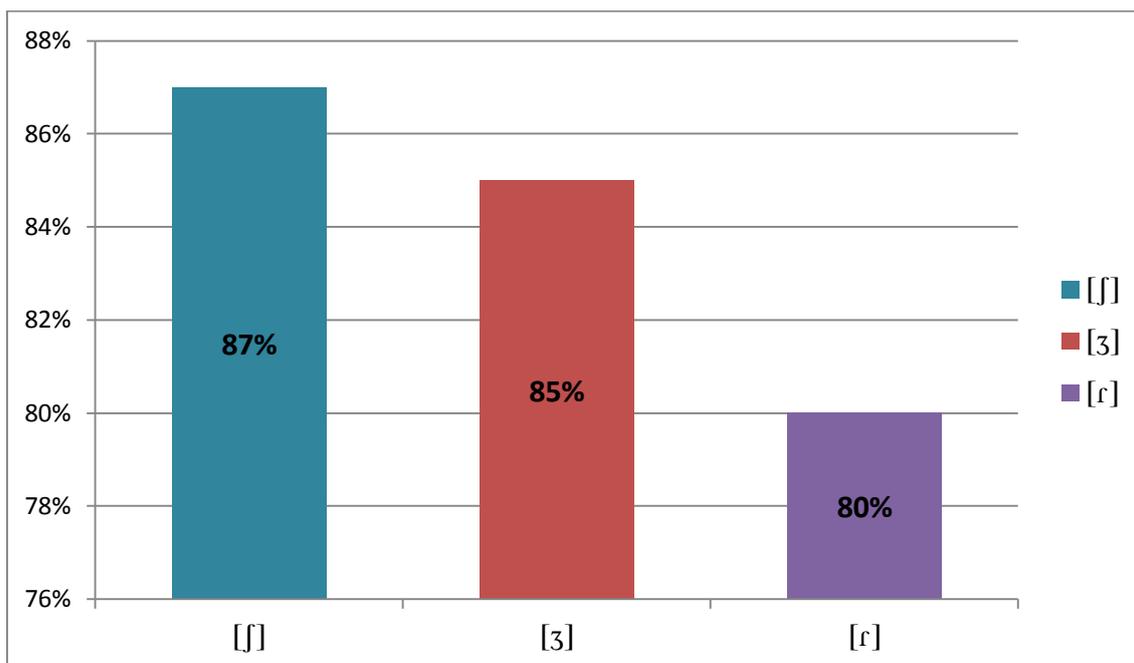


Gráfico 17 - Produção escrita do ditongo ‘ei’ - Contexto fonológico seguinte

Conforme o Gráfico 17, os alunos registraram mais a semivogal, diante de [j], sendo 87% de produção correta relativa a esse contexto; a realização de ‘ei’, diante de [ʒ], foi de 85%; a preservação da semivogal, diante de [r], foi também expressiva, alcançando 80% de produção.

De acordo com autores que se voltaram para a escrita, como Tasca (2002) e Adamoli (2006), dentre as três consoantes que propiciam o apagamento da semivogal do ditongo ‘ei’, o tepe [r], após o ditongo, foi o responsável pelo maior índice de supressão da semivogal.

Nesta pesquisa, a maior taxa de apagamento ocorreu com o contexto [r] seguido do ditongo, corroborando, assim, os resultados de Tasca (op. cit) e Adamoli (op. cit).

5.2.8 Produção escrita do ditongo ‘ou’ quanto ao contexto fonológico seguinte

O Gráfico 18 expressa os resultados de produção ortográfica do ditongo ‘ou’ quanto à variável contexto fonológico seguinte.

De 100% de produção correta do ditongo ‘ou’, 73% foram relativas ao contexto [t] e [d]. O ditongo ‘ou’ apresentou 70% de produção diante de [s] e [z]. Diante de [r], o ditongo apresentou 69% de produção da semivogal. Em relação ao contexto [p] e [b], o ditongo foi produzido em 65% das ocorrências. A realização de ‘ou’, diante de [v], alcançou 61% de produção. Diante de [j], a semivogal foi preservada em 58% das ocorrências. Dentre os contextos investigados, a produção correta de ‘ou’ foi menor diante de [k] e [g], alcançando apenas 32%.

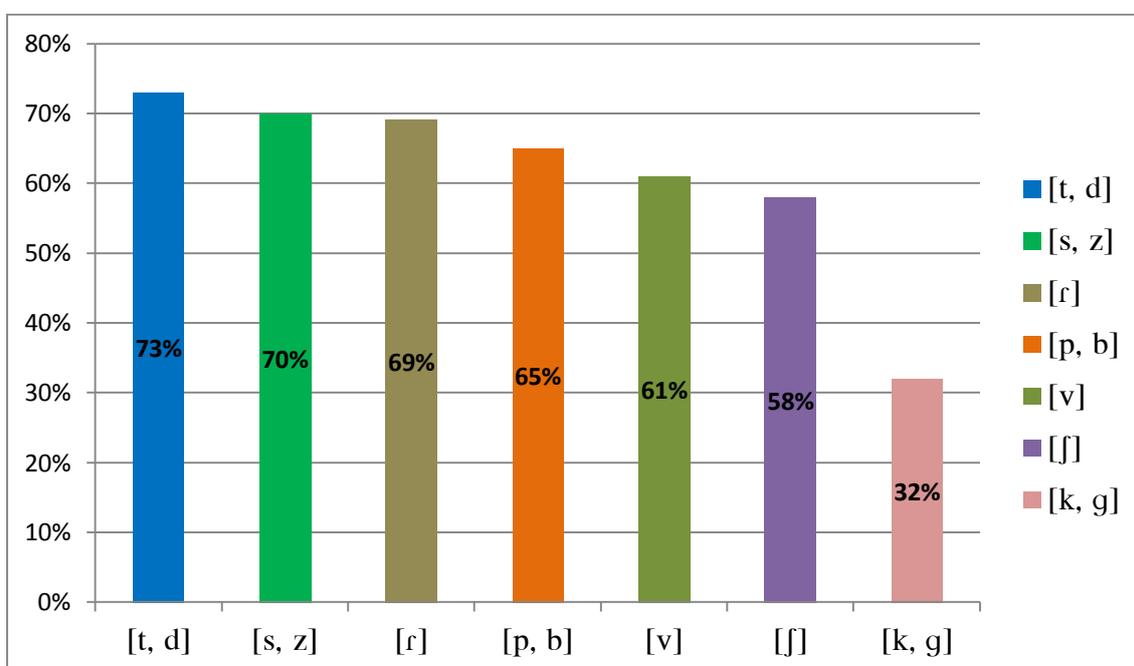


Gráfico 18 - Produção escrita do ditongo ‘ou’ - Contexto fonológico seguinte

Em Adamoli (2006), a variável contexto seguinte mostrou-se relevante, sendo a primeira variável selecionada pelo programa estatístico. O ditongo ‘ou’, diante de [t] e [d], foi produzido em 92% das ocorrências; seguido pelo contexto [f] e [v], com 88% de produção; o tepe [r] alcançou 82% de realização; diante de [k] e [g], o ditongo foi produzido em 81% das ocorrências; por fim, o contexto [p] e [b], com 67% de realização.

Os resultados do presente trabalho, no que se refere ao ditongo ‘ou’, evidenciam uma assonância entre as produções orais e escritas, pois o contexto seguinte que originou o maior número de apagamento do glide foi aquele constituído pelas plosivas dorsais. Revela-se aqui o papel da oralidade na escrita, pois o recorrente apagamento do glide nas produções orais pode estar vinculado ao apagamento constatado nos dados escritos.

5.2.9 Produção escrita dos ditongos ‘ai’, ‘ei’ e ‘ou’, considerando a influência da variável zona da escola nas diferentes séries

No Gráfico 12, comparamos a produção oral dos ditongos [aj], [ej] e [ow] quanto à variável zona da escola, constatando que apenas para o ditongo [ow] a variável exercia papel, com o predomínio da manutenção do glide nas produções da zona urbana. Para uma análise mais detalhada, agora, no entanto, compararemos as produções desses ditongos nas zonas urbana e rural com base em cada uma das séries.

Ao compararmos a produção escrita dos ditongos ‘ai’, ‘ei’ e ‘ou’, na zona urbana e na zona rural, quanto à variável série, percebemos que os percentuais de produção dos ditongos ‘ai’ e ‘ei’ são similares, enquanto os índices relacionados ao ditongo ‘ou’ são mais distantes.

Quanto à produção escrita do ditongo ‘ai’, a turma de 1ª série da zona urbana apresentou 78% de preservação da semivogal; na zona rural, a realização do ditongo ‘ai’ alcançou 76%. A 2ª série apresentou 83% de produção do ditongo ‘ai’, na zona urbana; os alunos da zona rural mantiveram a semivogal em 56% das ocorrências. Na 3ª série, da zona urbana, os índices alcançados foram de 89%; a zona rural alcançou 79% de produção. Na zona urbana, os alunos da 6ª série preservaram a semivogal em 93% das ocorrências; os alunos da zona rural apresentaram 98% de produção da semivogal.

Em relação à produção escrita do ditongo ‘ei’, a 1ª série da zona urbana apresentou 74% de realização do ditongo; na zona rural, os alunos mantiveram a semivogal em 65% das ocorrências. Na 2ª série, a semivogal foi preservada em 84% das ocorrências na zona urbana; em 73% das ocorrências, os alunos produziram a semivogal na zona rural. Na 3ª série, os alunos da zona urbana realizaram o ditongo ‘ei’ em 82% das ocorrências; na zona rural, os índices de produção chegaram a 86%. A 6ª série

apresentou 94% de produção na zona urbana; os alunos da zona rural preservaram a semivogal em 96% das ocorrências.

Com relação à produção correta do ditongo ‘ou’, na escrita, a 1ª série da zona urbana preservou a semivogal em 48% das ocorrências; na zona rural, os alunos mantiveram a semivogal em 33% das ocorrências. A 2ª série apresentou 52% de produção na zona urbana; os alunos da zona rural realizaram o ditongo ‘ou’ em 34% das ocorrências. Na 3ª série, a zona urbana apresentou 67% de produção; na zona rural, os alunos preservaram a semivogal em 53% das ocorrências. Na 6ª série, os alunos da zona urbana alcançaram 88% de realização do ditongo ‘ou’; em 82% das ocorrências, os alunos da zona rural mantiveram a semivogal.

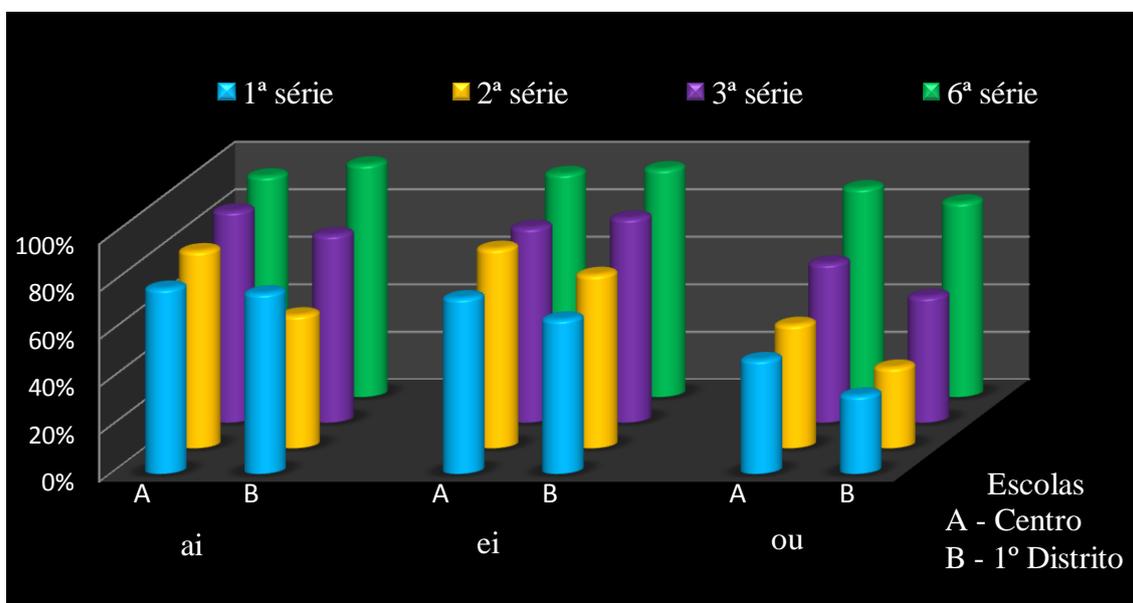


Gráfico 19 - Produção escrita dos ditongos fonéticos - Série e Zona da escola

Ao compararmos a produção escrita dos ditongos ‘ai’, ‘ei’ e ‘ou’ quanto à variável série, nas duas escolas, percebemos que a realização dos ditongos vai aumentando aos poucos. Assim, podemos constatar que o fator escolaridade desempenha um papel relevante quanto à aquisição dos ditongos.

O Gráfico 19 apresenta resultados de produção já esperados, ou seja, imaginávamos que à medida que os alunos avançassem de ano, a presença da semivogal seria mais expressiva. Revela também que a produção escrita dos ditongos, em geral, apresenta índices inferiores na zona rural, ainda que diferenças significativas tenham

sendo apontadas apenas para o ditongo 'ou', ao serem consideradas as quatro séries investigadas em conjunto.

5.3 Comparação entre oralidade e escrita

5.3.1 Influência da variável zona da escola nas diferentes séries

Para finalizar, discorreremos sobre a produção dos ditongos, na oralidade e na escrita.

Os Gráficos 20 e 21 apresentam os resultados alcançados quanto à realização dos ditongos nas diferentes zonas escolares analisadas.

Conforme os resultados expressos nos Gráficos 20 e 21, constatamos, para todas as sequências vocálicas investigadas, um aumento gradativo na produção escrita que perpassa todas as quatro séries.

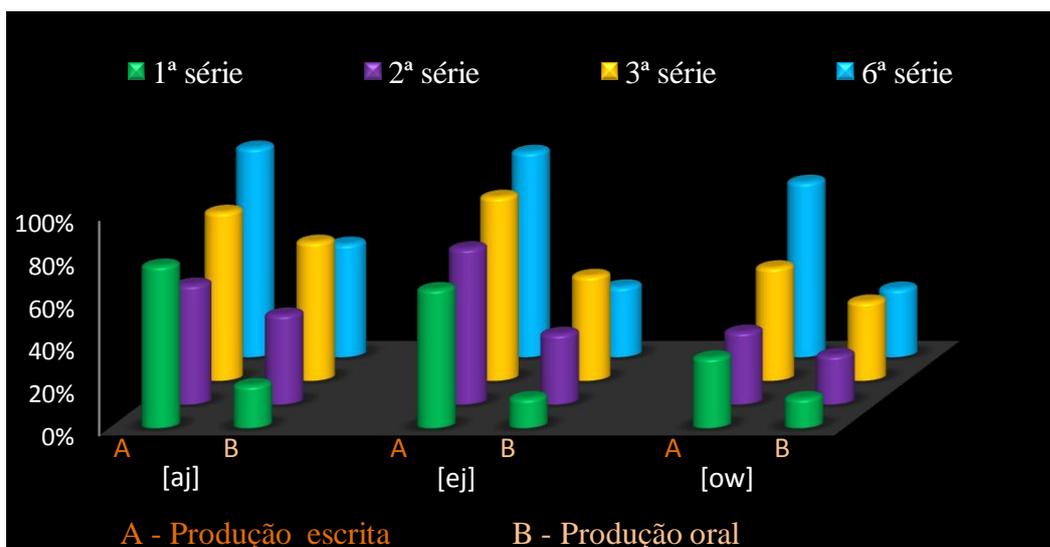


Gráfico 20 - Oralidade e escrita na zona rural

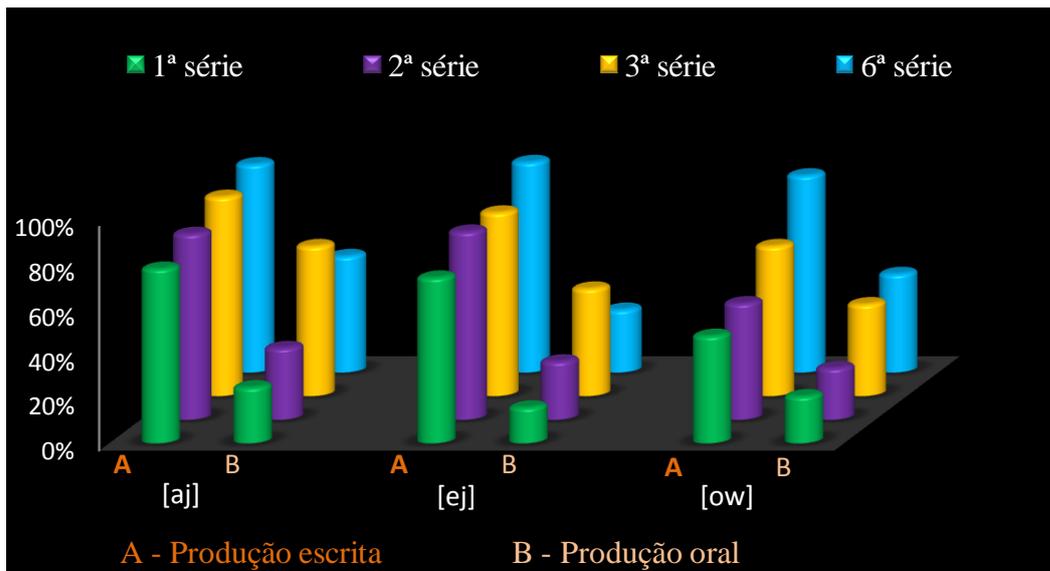


Gráfico 21 - Oralidade e escrita na zona urbana

Observamos também que o aumento na produção oral da semivogal segue a mesma tendência de crescimento gradual, no entanto, dois aspectos importantes devem ser salientados: (i) a produção na oralidade aumenta apenas até a 3ª série - exceto em relação a [ow], na zona urbana, em que o aumento atinge a 6ª série -, o que reforça a idéia de um processo de reconstrução fonológica, em que a sequência vocálica passa a fazer parte da representação constituída, anteriormente, apenas pela vogal núcleo; (ii) após a 3ª série, os índices de produção oral decrescem, o que parece indicar a aplicação efetiva de processos de monotongação no português, exatamente motivados por contextos linguísticos favoráveis à redução.

5.3.2 Quanto ao sexo

O Gráfico 22 apresenta uma comparação entre a produção oral e escrita quanto à variável sexo.

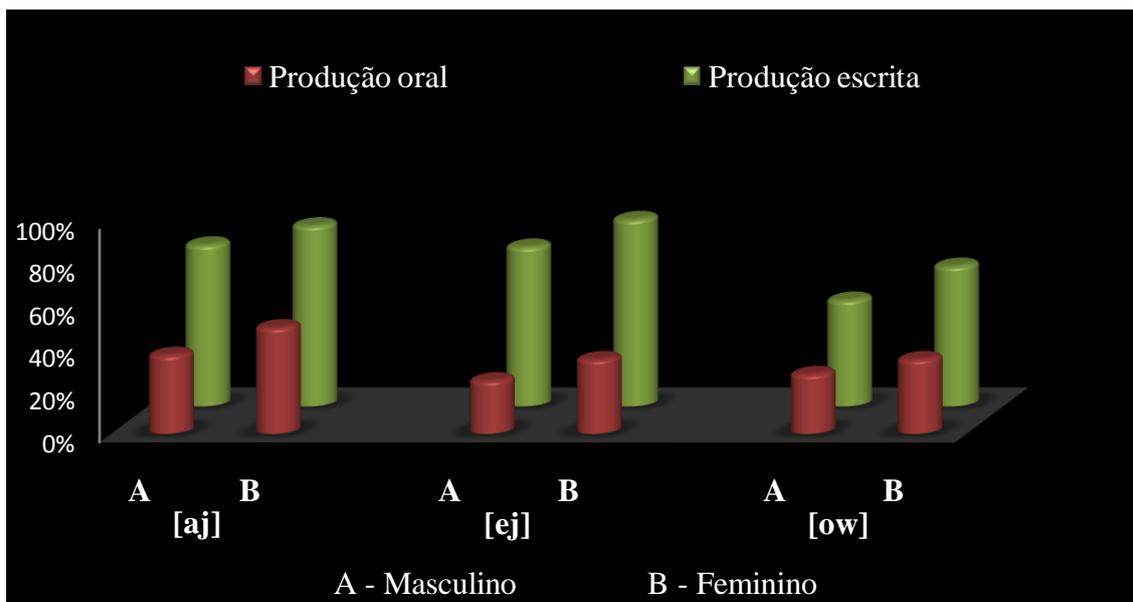


Gráfico 22 - Oralidade e escrita - Sexo

Constatamos que, o sexo feminino produziu mais os ditongos [aj], [ej] e [ow] do que o sexo masculino, tanto na produção oral quanto escrita, de forma expressiva.

Os índices de produção oral do ditongo [aj] foram superiores aos dos ditongos [ej] e [ow], sendo que estes apresentaram índices muito similares. Com relação ao ditongo [aj], os meninos mantiveram a semivogal em 37% das ocorrências e as meninas alcançaram 50% de produção. Quanto ao ditongo [ej], o sexo masculino preservou a semivogal em 25% das ocorrências e o sexo feminino, em 35%. Em relação ao ditongo [ow], os meninos realizaram o ditongo em 28% das ocorrências e as meninas mantiveram a semivogal em 35% das ocorrências.

Ambos os sexos preservaram a semivogal dos ditongos 'ai' e 'ei', na produção escrita, de forma similar. O ditongo 'ou' apresentou uma taxa de produção escrita inferior, devido às altas taxas de não produção desse ditongo na oralidade. O ditongo 'ai' foi realizado em 76% das ocorrências pelos meninos e as meninas mantiveram o glide em 85% dos registros. Com relação ao ditongo 'ei', os índices de produção alcançados pelos meninos foram 75% e as meninas registraram a semivogal em 88% das ocorrências. O sexo masculino produziu o ditongo 'ou' em 50% das ocorrências e o sexo feminino grafou a semivogal desse grupo vocálico em 66% dos registros.

5.3.3 Quanto à categoria morfológica

Comparamos, também, a produção oral e a produção escrita dos ditongos fonéticos em relação à variável categoria morfológica.

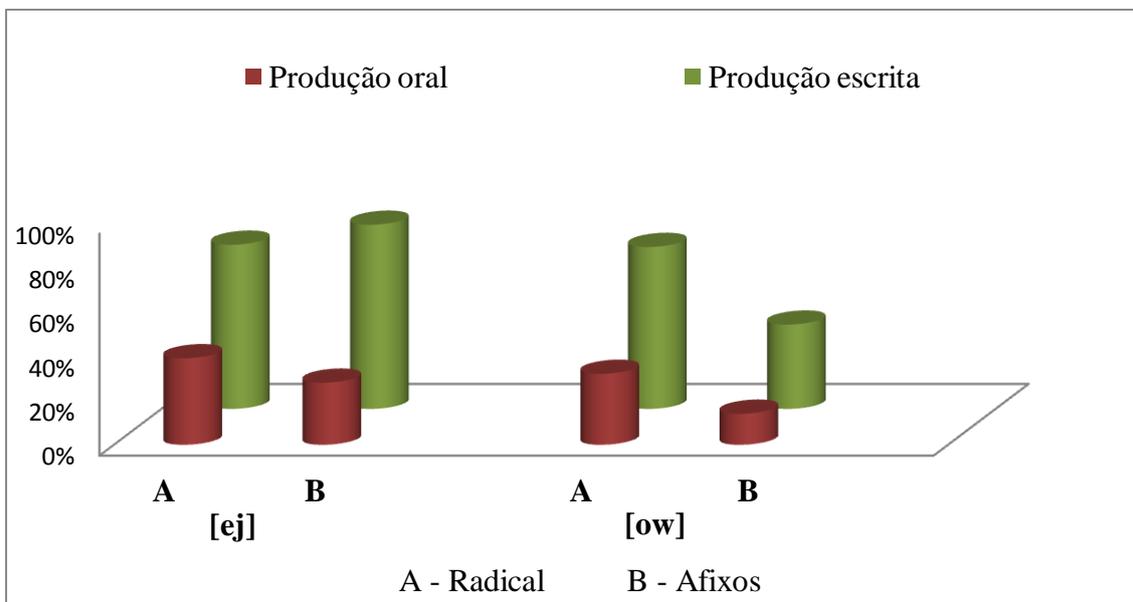


Gráfico 23 - Oralidade e escrita - Categoria morfológica

De acordo com o Gráfico 23, constatamos que, na produção oral dos ditongos [ej] e [ow] e na produção escrita do ditongo 'ou', os índices foram superiores quando esses grupos vocálicos estavam posicionados no radical.

Com relação ao ditongo [ej], na produção oral, em 39% das ocorrências, a semivogal foi preservada quando o ditongo faz parte do radical e em 28%, quando se encontra no sufixo. Na produção escrita, o ditongo 'ei' foi realizado em 74% das ocorrências quando está no radical; na posição de afixo, o ditongo foi registrado em 83% das ocorrências.

Quanto ao ditongo [ow], na oralidade, a produção totalizou 32% no radical e 14% no afixo. Na escrita, o ditongo 'ou' foi registrado em 73% das ocorrências quando o ditongo está posicionado no radical; na posição de sufixo, o ditongo foi grafado em 38% das ocorrências.

Conforme o Gráfico 23, notamos que, os alunos preferiram produzir mais os ditongos [ej] e [ow] quando estes faziam parte do radical.

5.3.4 Quanto à tonicidade da sílaba

Apresentamos, no Gráfico 24, os resultados da produção oral e escrita referentes à variável tonicidade da sílaba.

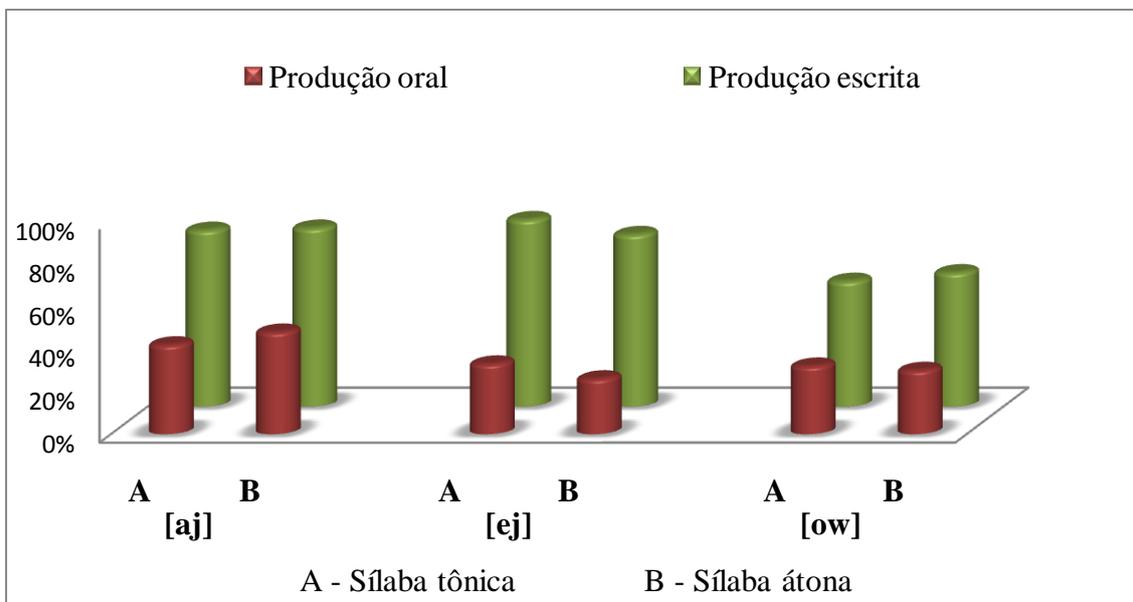


Gráfico 24 - Oralidade e escrita - Tonicidade da sílaba

Ao compararmos a produção oral e escrita dos ditongos [aj], [ej] e [ow] quanto à variável tonicidade da sílaba, constatamos uma similaridade nos índices percentuais, sendo que na oralidade, o ditongo [aj] apresentou uma produção superior aos ditongos [ej] e [ow] e, na escrita, o ditongo 'ou' alcançou uma taxa de produção mais baixa do que os ditongos 'ai' e 'ei'.

Em relação à produção oral do ditongo [aj], a realização desse grupo vocálico, na sílaba tônica, alcançou 42%; na sílaba átona, a semivogal foi mantida em 48% das ocorrências. Quanto à produção escrita, na sílaba forte, o ditongo foi realizado em 83% dos registros; a sílaba fraca alcançou 84% de produção.

A produção oral do ditongo [ej] totalizou 33% em sílaba tônica; a realização desse ditongo alcançou 26%, em sílaba fraca. A grafia correta do ditongo 'ei' alcançou 88%, na sílaba tônica; o ditongo 'ei' foi registrado em 81% das ocorrências em sílaba átona.

Quanto à produção oral de [ow], em 32% das ocorrências, a semivogal foi preservada quando está posicionado em sílaba tônica; em sílaba fraca, a realização

totalizou 30%. A produção correta do ditongo ‘ou’ alcançou 59% em sílaba forte; a manutenção da semivogal conferiu 63%, em sílaba fraca.

5.3.5 Quanto ao contexto fonológico seguinte

5.3.5.1 Ditongo [ej]

Os resultados de produção oral e escrita do ditongo [ej] quanto à variável contexto fonológico seguinte estão expressos no Gráfico 25.

Ao compararmos os contextos [r], [j] e [3], na oralidade, percebemos que, os índices de produção diante de [j] e [3] são similares; diante de [r], o ditongo [ej] apresentou uma realização mais baixa. Na escrita, constatamos uma proximidade nos resultados de produção do ditongo ‘ei’ diante dos três contextos investigados.

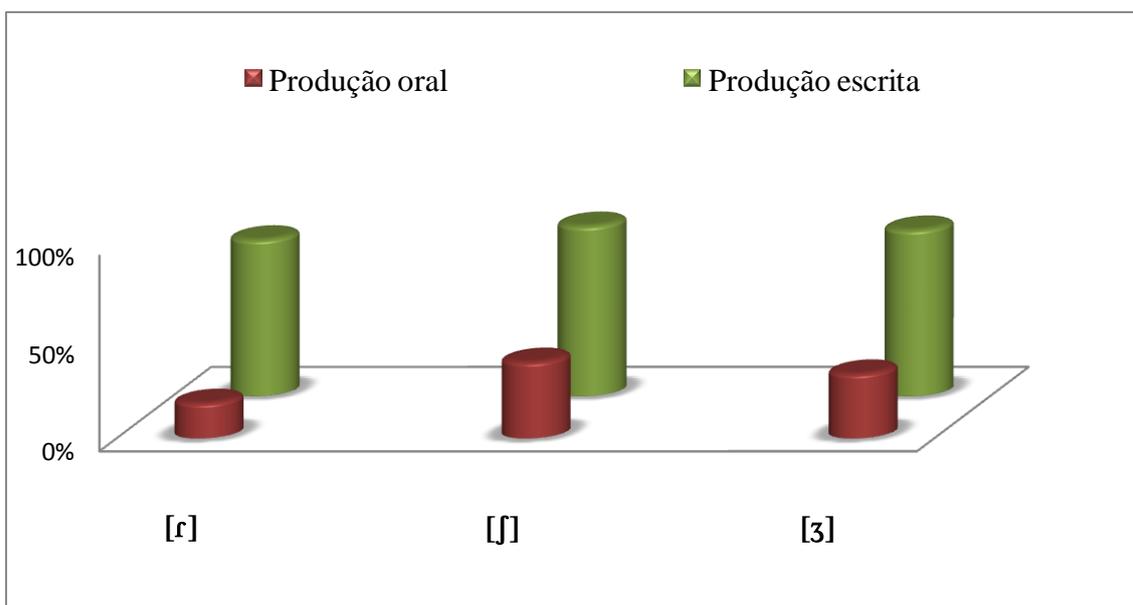


Gráfico 25 - Oralidade e escrita - Contexto seguinte ao ditongo ej

A produção oral de [ej] alcançou 18% diante de [r]; os alunos produziram a semivogal em 39% das ocorrências, diante de [j]; diante de [3], a semivogal foi preservada em 33% das ocorrências.

Quanto à produção escrita do ditongo ‘ei’, diante de [r], alcançou 80%; a produção correta, diante de [j], totalizou 87%; a preservação da semivogal, diante de [ʒ], alcançou 85% de produção.

5.3.5.2 Ditongo [ow]

O Gráfico 26 apresenta uma comparação entre a produção oral e a produção escrita do ditongo [ow] em relação à variável contexto fonológico seguinte.

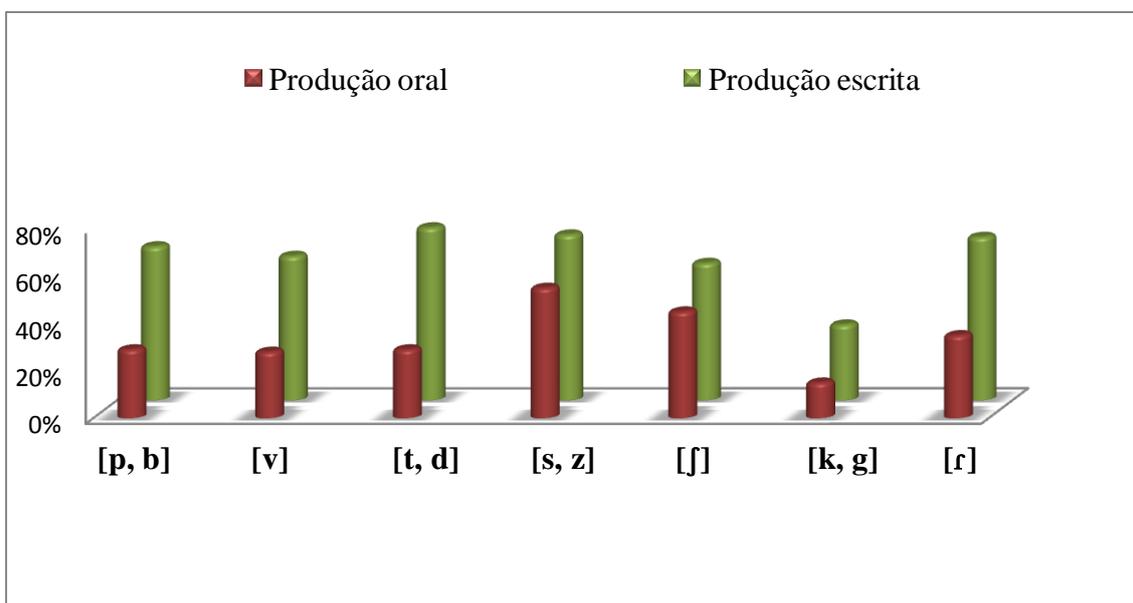


Gráfico 26 - Oralidade e escrita - Contexto seguinte ao ditongo ow

Na produção oral, o ditongo [ow] foi mais produzido diante das fricativas coronais, totalizando 55% diante de [s] e [z] e 45% diante de [j]. A preservação da semivogal, diante de [r], alcançou 35% das ocorrências. Tanto diante de [p] e [b] quanto diante de [t] e [d], o ditongo foi produzido em 29% das ocorrências. Diante de [v], o ditongo foi realizado em menor proporção, conferindo 28%. O ditongo [ow] foi menos produzido diante de [k] e [g], o que totaliza apenas 15%.

Na escrita, a semivogal posterior foi mais preservada diante de [t] e [d], totalizando 73% de produção. O ditongo foi realizado em 70% das ocorrências, diante de [s] e [z]. Diante de [r], o ditongo alcançou 69% de produção. Quanto ao contexto [p] e [b], o ditongo foi produzido em 65% das ocorrências. Diante de [v], a semivogal foi

mantida em 61% das ocorrências. A realização de 'ou', diante de [j], totalizou 58% de produção. Assim como na oralidade, o registro de 'ou' foi menor diante de [k] e [g], conferindo apenas 32%.

6. CONCLUSÃO

Este trabalho de pesquisa apresentou a descrição e a análise de dados relativos à aquisição gráfica dos ditongos orais decrescentes [aj], [ej] e [ow] por meio de dois instrumentos de coleta, ou seja, um referente à coleta oral e outro relativo à coleta escrita de alunos pertencentes à 1ª, 2ª, 3ª e 6ª série do ensino fundamental de duas escolas públicas da cidade de São José do Norte/RS, sendo uma localizada na zona urbana e a outra situada na zona rural.

A descrição dos dados foi realizada por meio de percentuais referentes à produção e à supressão das semivogais desses ditongos. Na análise dos dados, acrescentamos resultados estatísticos por meio da aplicação do programa SPSS v. 17.0, a fim de estender os resultados a uma amostra populacional maior, tendo em vista os testes aplicados de estatística inferencial.

Assim, é possível apresentar algumas constatações a respeito da aquisição gráfica dos ditongos fonéticos [aj], [ej] e [ow]. Primeiramente, ao compararem-se resultados dos ditongos fonéticos, em ambas as coletas, percebe-se que tanto na escrita (84%) quanto na oralidade (45%), o ditongo [aj] foi o que apresentou o índice mais elevado de produção da semivogal. Em relação ao ditongo [ej], esse apresentou índices bem distintos nas coletas, sendo que, na escrita (83%), a taxa de produção foi similar ao ditongo [aj]; na oralidade, a realização do ditongo (31%) apresentou uma produção mais baixa. Quanto ao ditongo [ow], apresentou uma produção (31%) equiparada a [ej] na oralidade; na escrita, no entanto, a realização do ditongo ‘ou’ alcançou 60%, sendo considerada uma taxa baixa em comparação aos ditongos ‘ai’ e ‘ei’.

Os resultados apontam uma maior dificuldade na apropriação escrita do ditongo ‘ou’ e também para o papel da oralidade nesse processo. O ditongo [ow] apresenta produção variável independente de contexto seguinte, como ocorre com [aj] e [ej], o que provavelmente dificulta ainda mais o processo. Também apontam uma influência da escrita na oralidade, considerando os dados orais das crianças da 2ª, 3ª e 6ª séries, em que há um aumento da produção dos ditongos.

Ao compararmos a produção dos ditongos [aj], [ej] e [ow], na palavra isolada e em frases, constatamos que, em relação à realização de [aj], não houve diferenças significativas entre as produções das palavras isoladas e em frase. Já os ditongos [ej] e [ow] apresentaram diferenças expressivas, sendo que emergiram principalmente em

palavras isoladas. Assim, é possível pensar que casos de não realização da semivogal estejam relacionados ao ritmo mais rápido da produção da fala, isso quando a semivogal já faz parte da representação fonológica, constituindo, então, casos efetivos de monotongação.

Em relação às variáveis investigadas, podemos traçar algumas constatações:

(i) Quanto à variável zona da escola, ou seja, urbana ou rural, na oralidade, percebemos uma similaridade na realização dos ditongos, apresentando apenas uma pequena diferença de percentual na produção de [ow]. Desse modo, o teste estatístico indicou que essa variável não interfere de forma expressiva na produção dos ditongos. Já na escrita, o teste não paramétrico Mann-Whitney confirmou a preservação da semivogal, de forma significativa, pelos alunos da zona urbana, em comparação aos alunos da zona rural. Um dos nossos objetivos específicos era analisar a influência das variáveis extralinguísticas, como série, sexo e zona da escola, no processo de aquisição gráfica dos ditongos, e a nossa hipótese era que o processo de supressão do glide nos ditongos orais, na escrita das crianças, deveria ser motivado por uma variável extralinguística, ou seja, a zona da escola - urbana ou rural. Assim, concluímos que, em relação à produção dos ditongos [aj] e [ej], tanto na oralidade quanto na escrita, a variável zona da escola não influencia a supressão da semivogal. Já em relação ao ditongo [ow], os alunos da zona urbana mantiveram a semivogal mais do que os alunos da zona rural, na escrita e na oralidade, confirmando a preferência na produção de [ow] pelos alunos da zona urbana.

(ii) Em relação à variável série, na oralidade, os índices percentuais de produção foram aumentando aos poucos, apresentando uma taxa de realização dos ditongos superior na 3ª série, indicando esse nível de adiantamento como o momento de provável reestruturação do sistema fonológico - com a apropriação dos ditongos, na escrita -, devido à produção oral significativa nessa série; na escrita, os alunos vão adquirindo os ditongos à medida que as séries avançam, assim, os índices de produção vão aumentando aos poucos. A análise estatística apontou diferenças significativas entre as séries tanto na oralidade quanto na escrita, ao considerarmos as quatro séries investigadas.

(iii) Já com relação à variável sexo, constatamos que, tanto na oralidade quanto na escrita, as meninas produziram mais os ditongos [aj], [ej] e [ow] do que os meninos. A análise estatística confirmou as diferenças significativas nas produções dos dois grupos em relação a todos os ditongos, no que se refere às produções escritas. Já na oralidade, [aj] e [ej] foram produzidos mais por meninas apenas em contextos de frases; no que tange a [ow], há diferenças significativas nos dois contextos. Esses resultados corroboram o apontado pela literatura da área acerca da produção mais acurada por parte dos indivíduos do sexo feminino.

(iv) Quanto à influência da variável categoria morfológica na produção oral dos ditongos [ej] e [ow], os dados apontaram que os alunos da zona urbana e da zona rural preferiram produzir esses grupos vocálicos quando estão posicionados no radical da palavra. Porém, a análise estatística apontou diferenças expressivas apenas na produção de [ow]. Na escrita, quanto à produção de ‘ei’, diferentemente da oralidade, os índices foram mais elevados quando está posicionado no sufixo, com 83% de produção, contra 74% no radical, sendo estatisticamente significativo. A produção de ‘ou’ na escrita foi similar aos resultados apontados na oralidade, ou seja, quando o ditongo se encontra no radical, os alunos da zona urbana e da zona rural apresentaram índices de produção mais elevados, alcançando 73%.

(v) Os percentuais de produção oral dos ditongos [aj], [ej] e [ow] foram similares em sílabas tônicas e átonas. Estatisticamente, com relação ao ditongo [aj], a análise confirmou uma diferença entre produções tônicas e átonas apenas no contexto de palavra isolada. Quanto aos ditongos [ej] e [ow], comprovou-se a predominância de produção desses ditongos em sílaba tônica apenas no contexto de frases. Na escrita, os índices de produção dos ditongos ‘ai’, ‘ei’ e ‘ou’ também foram similares quanto à tonicidade da sílaba. A análise estatística apontou relevância da sílaba tônica apenas para a produção do ditongo ‘ei’.

(vi) Quanto à variável contexto fonológico seguinte, [ej], na oralidade, foi mais produzido diante das palatais [j], com 39% de produção, e [ʒ], com 33%. Na escrita, os índices percentuais de produção do ditongo ‘ei’ diante dos três contextos investigados, ou seja, diante de [j], [ʒ] e [r], são próximos, alcançando 87%, 85% e 80%, respectivamente. Em relação à produção oral do ditongo [ow], dentre os contextos

investigados, o contexto [s] e [z] apresentou 55% de produção, seguido pelo contexto [j], com 45% de manutenção do glide; a produção de [ow] foi menor diante de [k] e [g], com 15% de realização, confirmando o apontado pela literatura. Na escrita, a produção correta de ‘ou’ foi maior diante das coronais [t] e [d], com 73% de preservação da semivogal, seguido por [s] e [z], que apresentou 70% de realização do ditongo; o índice de produção mais baixo foi novamente diante das dorsais [k] e [g], alcançando apenas 32% de produção. Nesse sentido, o papel do ponto de articulação foi relevante para não realização da semivogal.

(vii) Finalmente, ao compararmos as produções dos ditongos [aj], [ej] e [ow] em cada uma das séries investigadas, nas zonas urbana e rural, constatamos que os resultados de produção oral dos três ditongos foram similares, nos quatro níveis de adiantamento controlados, das escolas das zonas urbana e rural. Porém, a análise estatística evidenciou o papel da zona da escola na produção dos ditongos [ej] e [ow], em séries e contextos específicos. Na escrita, essa comparação possibilitou constataremos que a escola desempenha um papel relevante em relação à aquisição dos ditongos, pois, à medida que as séries avançam, as produções aumentam de forma significativa. Outra constatação refere-se aos alunos da zona rural apresentarem índices de produção menores, em geral, ainda que a diferença de percentual mais expressiva tenha sido indicada apenas para o ditongo ‘ou’.

Esta pesquisa foi, portanto, capaz de apresentar e discutir dados orais e escritos de alunos de quatro níveis de adiantamento de duas escolas, sendo uma localizada na zona urbana e a outra situada na zona rural, assim como acompanhar a evolução da aquisição gráfica dos sujeitos investigados nesta pesquisa quanto aos ditongos orais decrescentes [aj], [ej] e [ow]. Os resultados aqui encontrados podem contribuir para o processo de aquisição gráfica dos respectivos ditongos, pois o conhecimento da relevância de determinadas variáveis, como inibidoras ou favorecedoras da produção escrita das semivogais, pode conduzir a propostas de atividades mais eficazes para um melhor desempenho na apropriação gráfica dessas sequências vocálicas. Esta pesquisa contribui, também, para propostas de representação fonológica dos ditongos investigados.

Os resultados encontrados destacam-se, ainda, por corroborarem o papel da escrita na oralidade, tendo em vista o expressivo aumento da realização oral dos

ditongos no transcorrer do avanço da escolaridade, o que sinaliza para uma reconstrução do sistema fonológico do português.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABAURRE, M. B. Horizontes e limites de um programa de investigação em aquisição da escrita. In: LAMPRECHT, Regina (org.). *Aquisição da linguagem: questões e análises*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999.

ADAMOLI, M. A. *Aquisição dos ditongos orais mediais na escrita infantil: uma discussão entre ortografia e fonologia*. 2006. Dissertação (Mestrado em Educação), UFPEL, Pelotas, 2006.

_____. *As diferentes grafias dos ditongos variáveis em textos de escrita inicial*. Cadernos de Educação, Pelotas, v. 35, p. 303-322, 2010.

_____. *Um estudo sobre o estatuto fonológico dos ditongos variáveis [aj] e [ej] do PB a partir de dados orais e ortográficos produzidos por crianças de séries iniciais*. 2013. Tese (Doutorado em Educação), UFPel, Pelotas, 2013.

ADAMOLI, M. A.; MIRANDA, A. R. M. *Do conhecimento fonológico ao conhecimento ortográfico: as diferentes grafias dos ditongos orais mediais 'ai' e 'ei' em textos de escrita inicial*. Cadernos de Pesquisa em Linguística, Porto Alegre, v. 4, n. 1, p. 232-255, 2010.

AMARAL, M. P. *As proparoxítonas: teoria e variação*. 2000. Tese (Doutorado em Letras), PUCRS, Porto Alegre, 2000.

_____. *Ditongos variáveis no sul de Brasil*. Letras de Hoje. v. 40, n. 3, p. 101-116, 2005.

BISOL, L. *O ditongo na perspectiva da fonologia atual*. D. E. L. T. A., v. 5, n. 2, p. 185-224, 1989.

_____. *Ditongos derivados*. D. E. L. T. A., v. 10, n. Especial, p. 123-140, 1994.

_____. A sílaba e seus constituintes. In: NEVES, Maria Helena de M. (Org). *Gramática do português falado*. Campinas: Unicamp, 1999. v. VII.

_____. *Ditongos derivados: um adendo*. In: LEE, S. H (org). *Vogais além de Belo Horizonte*. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2012.

BONILHA, G. F. G. *Aquisição dos ditongos orais decrescentes: uma análise à luz da Teoria da Otimidade*. 2000. Dissertação (Mestrado em Letras), UCPEL, Pelotas, 2000.

_____. Posicionamento do glide: contribuições da aquisição. In: ERNST, A.; FUNCK, S. B. *Escrita e oralidade: questões e perspectivas*. Pelotas: EDUCAT, 2007.

CABREIRA, S. H. *A monotongação dos ditongos orais decrescentes em Curitiba, Florianópolis e Porto Alegre*. 1996. Dissertação (Mestrado em Letras), PUCRS, Porto Alegre, 1996.

CAMARA JR., J. M. *Estrutura da Língua Portuguesa*. Petrópolis: Vozes, 1970.

_____. *Para um estudo da fonêmica portuguesa*. Rio de Janeiro: Padrão, 1977.

CHACON, L. *Para além de vínculos diretos entre características fonético-segmentais e ortográficas na escrita infantil*. Rev. Estudos Linguísticos. Belo Horizonte, v. 16, n.1, p. 215-230, 2008.

CLEMENTS, G. N. *Place of articulation in consonants and vowels*. Working. Papers of the Cornell Phonetics Laboratory, n. 5, p. 37-76, 1991.

COLLISCHONN, G. *A sílaba em português*. In: BISOL, Leda (Org). *Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996.

_____. *Análise prosódica da sílaba em português*. 1997. Tese (Doutorado em Letras) - PUCRS, Porto Alegre.

_____. *A sílaba em português*. In: BISOL, Leda (Org). *Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro*. EDIPUCRS. 5. ed., rev., Porto Alegre: 2010.

GUIMARÃES, M. R. *Um estudo sobre a aquisição da ortografia nas séries iniciais*. 2005. Dissertação (Mestrado em Educação), UFPEL, Pelotas, 2005.

LEMLE, M. *Guia Teórico do Alfabetizador*. Ed. Ática, 2003.

MARCUSCHI, L. A. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. 10.ed. São Paulo: Cortez, 2010.

MATEUS, Maria Helena M. *Fonologia*. Florianópolis: UFSC, mar, 1999. Curso ministrado no XIV Instituto Brasileiro de Linguística.

MATZENAUER-HERNANDORENA, C. L. M. Sobre a descrição de desvios fonológicos e de fenômenos da aquisição da fonologia. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 30, n. 4, p. 91-110, 1995.

MOLLICA, M. C. *Influência da fala na alfabetização*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1998.

PEREIRA, G. *Monotongação dos ditongos /aj/, /ej/, /ow/ no português falado em Tubarão (SC): estudo de casos*. 2004. Dissertação (Mestrado em Ciências da Linguagem), Universidade do Sul de Santa Catarina, Tubarão, 2004.

SELKIRK, E. *The syllable*. In: HULST, H.V.D.; SMITH, D. *The structure of phonological representations (part II)*. Dordrecht: Foris, 1982.

SILVA, T. B. *A redução da nasalidade em ditongos de sílaba átona em final de vocábulo entre falantes bilíngues e monolíngues do Rio Grande do Sul*. 2005. Dissertação (Mestrado em Letras), UFRGS, Porto Alegre, 2005.

TASCA, M. *Interferência da língua falada na escrita das séries iniciais: o papel de fatores linguísticos e sociais*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

TESSARI, E. B. *Operações fonológicas nas alterações ortográficas-A presença da fonologia na ortografia*. 2002. Dissertação (Mestrado em Letras), UCPEL, Pelotas, 2002.

VEÇOSI, C. E. *A interferência da fala na escrita de alunos de 8ª série de uma escola pública: uma perspectiva conexionista*. 2010. Dissertação (Mestrado em Letras), UFSM, Santa Maria, 2010.

Anexos

Anexo 1

Universidade Federal de Pelotas
Centro de Letras e Comunicação
Programa de Pós-Graduação em Letras - Mestrado
Estudos da Linguagem

Pesquisadora: Veronica Santos do Amaral
Orientadora da Pesquisa: Profa. Dr. Giovana Ferreira Gonçalves

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

As informações contidas neste termo de consentimento livre e esclarecido foram fornecidas pelas pesquisadoras Profa. Dr. Giovana Ferreira Gonçalves e Profa. Veronica Santos do Amaral com o objetivo de obter a autorização, por escrito, do responsável pelo aluno que participará de um estudo sobre a Aquisição da Linguagem. O responsável terá conhecimento do que será realizado na pesquisa e dará sua autorização por livre vontade.

Titulo do Estudo: Ditongos fonéticos: a interferência da língua falada na escrita de alunos da zona urbana e da zona rural de São José do Norte.

Justificativa: a presente pesquisa mostra-se relevante devido a sua proposta ter a finalidade de contribuir com o processo de aquisição da escrita.

Objetivos: o presente trabalho tem por objetivo investigar o processo de aquisição da escrita dos ditongos orais [aj], [ej] e [ow] na cidade de São José do Norte – RS, bem como a relação que se estabelece entre a língua falada e a língua escrita nesse processo.

Procedimentos: em um primeiro momento, faremos a coleta oral, com a utilização de um gravador digital. Esta coleta será feita por meio de exposição de figuras em um computador. Serão expostas imagens com a finalidade de os alunos pronunciarem uma frase com cada figura exposta. As imagens foram selecionadas com o cuidado de não incluir nenhuma figura desconhecida. No segundo momento, entregaremos um material impresso aos alunos. Elaboramos dois tipos de instrumentos de coleta de dados para a *amostra* de língua escrita. O primeiro instrumento será entregue aos alunos de 1^a, 2^a e 3^a séries, contendo as imagens das figuras mostradas a eles no computador anteriormente, com a finalidade de que escrevam as palavras correspondentes às figuras. O outro

instrumento será destinado aos alunos de 6ª série e contém frases com espaços em branco a fim de que eles completem o sentido de cada uma. As palavras que eles terão de usar ao completar esses espaços são as mesmas trabalhadas na coleta oral vistas anteriormente.

Informações Adicionais: não haverá identificação do nome dos participantes nas gravações realizadas e nem nos textos escritos, sendo os dados utilizados única e exclusivamente em eventos científicos da área ou áreas afins. Além disso, o participante poderá receber, sempre que solicitadas, informações atualizadas sobre todos os procedimentos, objetivos e resultados do estudo realizado. Não haverá despesas financeiras decorrentes da participação na pesquisa.

Eu, _____,
portador (a) da carteira de identidade nº _____, certifico que após a leitura deste documento e outras explicações fornecidas pelas professoras Giovana Ferreira Gonçalves e Veronica Santos do Amaral, sobre os itens acima, estou de acordo com a realização deste estudo e autorizo a participação de _____.

Responsável pelo participante

Profa. Dr. Giovana Ferreira Gonçalves

Profa. Veronica Santos do Amaral

São José do Norte, ____ de _____ de 2012.

Anexo 2

Universidade Federal de Pelotas
Centro de Letras e Comunicação
Programa de Pós-Graduação em Letras - Mestrado
Estudos da Linguagem

Pesquisadora: Veronica Santos do Amaral
Orientadora da Pesquisa: Profa. Dr. Giovana Ferreira Gonçalves

Nome:

Série:

Escola:

Questionário

1. Onde você mora?

São José do Norte Barranco Bujuru Outra localidade

Qual: _____

2. Você já morou em outra cidade?

Não Sim

Se a resposta for sim, diga em qual cidade _____

Anexo 3

Universidade Federal de Pelotas
Centro de Letras e Comunicação
Programa de Pós-Graduação em Letras - Mestrado

Instrumento 1

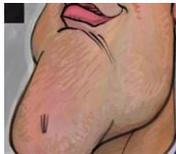
Nome:

Série:

Escola:

Data:

Complete com o nome de cada figura:





O sapato é _____



O dia das crianças é em _____



O estádio _____ é grande



O avião está _____









Orelha ou _____









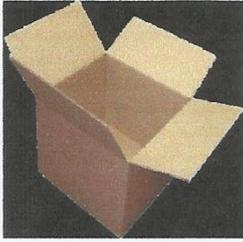


O ladrão _____ um rádio.



O ladrão está _____ as cartas.

Complete com o nome de cada figura:



caixa



caixinha



gato



chaleira



languinha



cadeira



cadeirinho



touca



sofá



mão



banana



queixo



queixinho



queijo



maçã



queijadinha



cachorro



O sapato é dourado



O dia das crianças é em

outubro



O estádio Leizorail é grande



O avião está pousando



cor-de-flor



Toro



Tourada



Orelha ou ouvido



TV



roupa



carroça



bacon



O ladrão roubou um rádio.



O ladrão está rolando as cartas.

Anexo 4

Universidade Federal de Pelotas
Centro de Letras e Comunicação
Programa de Pós-Graduação em Letras - Mestrado

Instrumento 2

Nome:

Série:

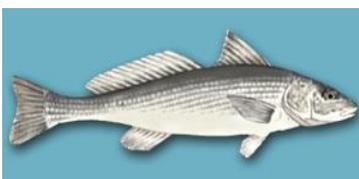
Escola:

Data:

Complete com o nome de cada figura:



O _____ é gostoso.





Complete com o nome de cada figura:



Bandeira



Bandeirinha



cebola



tesouro



O beijo é gostoso.



cama



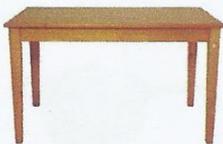
faixa



fixinha



laranja



mesa



carro



peixe



peixinho



feijão



tesoura



bola



varrer



lavar



roupão



roupas



margarida



feira



mamadeira



afogue



afogueiro



louça



loja mágica



panela



doctor



trachina



trachineta

Anexo 5

Universidade Federal de Pelotas
Centro de Letras e Comunicação
Programa de Pós-Graduação em Letras - Mestrado

Instrumento 1

Nome: _____ Série: _____

Escola: _____ Data: _____

Vamos começar um jogo? Vocês devem preencher os espaços em branco com as imagens que entregamos para vocês. Cada imagem corresponde a apenas uma frase. Quem acertar mais, ganhará um brinde.

1. A _____ do Brasil é verde e amarela.
2. Minha avó adora sentar em sua _____ preferida.
3. Em todas as refeições, nós devemos comer arroz e _____.
4. A bruxa voa com sua _____.
5. O bebê toma leite na sua _____ antes de dormir.
6. Nas festas juninas, as _____ fazem parte da decoração.
7. Aquele aquário tem um _____.
8. Aquele _____ vive no mar.
9. A população fez uma _____ enorme com a finalidade de impedir a morte de outras pessoas naquela estrada.
10. O rosto dela é perfeito e a parte que eu acho mais bonita é o seu _____.

11. O _____ dele é desproporcional com o restante do rosto.
12. A água está fervendo na _____ nova. Agora, nós podemos tomar um café bem gostoso.
13. A _____ é um objeto utilizado para cortar materiais de pouca espessura.
14. Em São José do Norte tem muita plantação de _____.
15. Minha amiga prefere um sapato vermelho a um sapato _____.
16. A minha sobrinha adorou a _____ verde que tem a figura do Bob Esponja.
17. Eu comprei um _____ vermelho para combinar com a minha sala.
18. O _____ é um animal doméstico muito fofo.
19. O rapaz passou no vestibular e sua mãe colocou uma _____ na frente da casa. Ele não gostou, pois queria uma maior.
20. A fruta preferida do macaco é a _____.
21. Ele está com dor de _____.
22. A minha vizinha comprou uma _____ bem grande para assistir o próximo BBB.

Vamos começar um jogo? Vocês devem preencher os espaços em branco com as imagens que entregamos para vocês. Cada imagem corresponde a apenas uma frase. Quem acertar mais, ganhará um brinde.

1. A bandeira do Brasil é verde e amarela.
2. Minha avó adora sentar em sua cadeira preferida.
3. Em todas as refeições, nós devemos comer arroz e feijão.
4. A bruxa voa com sua varinha.
5. O bebê toma leite na sua mamadeira antes de dormir.
6. Nas festas juninas, as bandeirinhas fazem parte da decoração.
7. Aquele aquário tem um peixinho.
8. Aquele peixe vive no mar.
9. A população fez uma barreira enorme com a finalidade de impedir a morte de outras pessoas naquela estrada.
10. O rosto dela é perfeito e a parte que eu acho mais bonita é o seu queixo.

11. O queixo dele é desproporcional com o restante do rosto.
12. A água está fervendo na chaleira nova. Agora, nós podemos tomar um café bem gostoso.
13. A Teravira é um objeto utilizado para cortar materiais de pouca espessura.
14. Em São José do Norte tem muita plantação de cebrale.
15. Minha amiga prefere um sapato vermelho a um sapato Dourado.
16. A minha sobrinha adorou a cadeirinha verde que tem a figura do Bob Esponja.
17. Eu comprei um salgô vermelho para combinar com a minha sala.
18. O gato é um animal doméstico muito fofo.
19. O rapaz passou no vestibular e sua mãe colocou uma lucerna na frente da casa. Ele não gostou, pois queria uma maior.
20. A fruta preferida do macaco é a bramano.
21. Ele está com dor de dores.
22. A minha vizinha comprou uma TV bem grande para assistir o próximo BBB.

Anexo 6

Universidade Federal de Pelotas
Centro de Letras e Comunicação
Programa de Pós-Graduação em Letras - Mestrado

Instrumento 2

Nome:

Série:

Escola:

Data:

Vamos começar um jogo? Vocês devem preencher os espaços em branco com as imagens que entregamos para vocês. Cada imagem corresponde a apenas uma frase. Quem acertar mais, ganhará um brinde.

1. Meu irmão gosta de pão com _____.
2. Coisa boa uma _____ caramelada.
3. Meu namorado comprou um _____ vermelho que tem quatro portas.
4. Há muitas _____ em São José do Norte, mas eu tenho muita pena dos cavalos.
5. O papelão é um tipo mais grosso e resistente de papel, geralmente utilizado na fabricação de _____.
6. Minha mãe adora colocar o seu _____ depois do banho.
7. O doce preferido da minha sogra é a _____.
8. A pedra se abriu e Alibabá entrou na caverna. Viu um imenso _____ com pedras preciosas.
9. O Estádio _____ é a casa dos colorados e o palco das grandes conquistas do Internacional.

10. Tem uma loja maravilhosa naquela rua. Nessa loja tem muitas _____ bonitas: vestidos, calças, saias e camisetas.
11. A _____ tem potássio, um mineral indispensável para o bom funcionamento muscular. É uma boa hortalíça.
12. Eu acho que a _____ de ferro é muito melhor. Parece que a comida fica mais gostosa.
13. Minha sogra comprou um _____ que tem cinco portas e três gavetas.
14. Aquele _____ é um pastor alemão.
15. A tampa da _____ tem dois bailarinos.
16. Eu comprei uma _____, mas eu me arrependi, porque ela dá apenas para quatro pessoas.
17. Os adolescentes nunca esquecerão o seu primeiro _____.
18. A _____ daquela menina é pequena e a pele é bem clara.

Vamos começar um jogo? Vocês devem preencher os espaços em branco com as imagens que entregamos para vocês. Cada imagem corresponde a apenas uma frase. Quem acertar mais, ganhará um brinde.

1. Meu irmão gosta de pão com queijo.
2. Coisa boa uma maça caramelada.
3. Meu namorado comprou um carrão vermelho que tem quatro portas.
4. Há muitas carrucas em São José do Norte, mas eu tenho muita pena dos cavalos.
5. O papelão é um tipo mais grosso e resistente de papel, geralmente utilizado na fabricação de caixa.
6. Minha mãe adora colocar o seu xopão depois do banho.
7. O doce preferido da minha sogra é a queijadinha.
8. A pedra se abriu e Alibabá entrou na caverna. Viu um imenso tesouro com pedras preciosas.
9. O Estádio Beco Rio é a casa dos colorados e o palco das grandes conquistas do Internacional.

10. Tem uma loja maravilhosa naquela rua. Nessa loja tem muitas roupas bonitas: vestidos, calças, saias e camisetas.
11. A couve-flor tem potássio, um mineral indispensável para o bom funcionamento muscular. É uma boa hortaliça.
12. Eu acho que a chamela de ferro é muito melhor. Parece que a comida fica mais gostosa.
13. Minha sogra comprou um cofretinho que tem cinco portas e três gavetas.
14. Aquele caçador é um pastor alemão.
15. A tampa da caixa tem dois bailarinos.
16. Eu comprei uma mesa, mas eu me arrependi, porque ela dá apenas para quatro pessoas.
17. Os adolescentes nunca esquecerão o seu primeiro beijo.
18. A mão daquela menina é pequena e a pele é bem clara.

Anexo 7

Universidade Federal de Pelotas
Centro de Letras e Comunicação
Programa de Pós-Graduação em Letras - Mestrado

Instrumento 3

Nome:

Série:

Escola:

Data:

Vamos começar um jogo? Vocês devem preencher os espaços em branco com as imagens que entregamos para vocês. Cada imagem corresponde a apenas uma frase. Quem acertar mais, ganhará um brinde.

1. Dia 12 de _____ é o dia das crianças.
2. A feijoada é um prato tipicamente brasileiro. Contudo, não é todo brasileiro que sabe como prepará-la. Esse prato fica gostoso, quando colocamos _____ ou bacon que é a gordura subcutânea do porco.
3. Quando está frio devemos proteger as nossas extremidades. Por isso, devemos usar mantas, luvas e _____.
4. Adoro ir à _____ para comprar banana, maçã e laranja.
5. O _____ além de ser um animal é um signo astrológico do zodíaco e representa a relação do ser com o mundo ao redor.
6. Tenha água pura e uma vida mais saudável! Tome água de um _____.
7. Maria e José encontraram abrigo num estábulo, e foi aí que Jesus nasceu. Maria fez de uma _____ o berço para ele
8. O médico, que podemos chamar de _____, vai ao hospital todos os dias visitar os doentes.
9. Todo dia após o almoço, a minha mãe lava a _____.
10. O menino joga futebol com a sua _____ todos os dias.

11. A _____ é um brinquedo muito útil para as crianças, pois elas podem desenhar e apagar quantas vezes quiserem.
12. Ela leva a sua _____ de roupas para lavar na casa de sua mãe.
13. Ela tem orgulho de ser filha de um _____. Ele é um ótimo profissional e sempre quando eu vou lá comprar carne, ele me atende muito bem.
14. Meu pai compra sempre carne boa para churrasco no _____ do João.
15. O avião decolou, de manhã, em São Paulo e agora está _____ no aeroporto de Porto de Alegre.
16. Aquele ladrão estava _____ o carteiro.
17. O ladrão _____ um rádio.
18. Como você preparou aquelas _____ de presunto? Qual é o recheio dela?
19. Eu comprei uma _____ rosa para a minha afilhada.
20. Minha avó comprou uma _____ bem confortável. E já aproveitou para comprar dois travesseiros e um lençol.
21. As _____ acontecem em Portugal, mas foram proibidas na Espanha.
22. A _____ faz muito bem a nossa saúde, pois contém vitamina C.

Vamos começar um jogo? Vocês devem preencher os espaços em branco com as imagens que entregamos para vocês. Cada imagem corresponde a apenas uma frase. Quem acertar mais, ganhará um brinde.

1. Dia 12 de Outubro é o dia das crianças.
2. A feijoada é um prato tipicamente brasileiro. Contudo, não é todo brasileiro que sabe como prepará-la. Esse prato fica gostoso, quando colocamos Toucinho ou bacon que é a gordura subcutânea do porco.
3. Quando está frio devemos proteger as nossas extremidades. Por isso, devemos usar mantas, luvas e Toca.
4. Adoro ir à feira para comprar banana, maçã e laranja.
5. O Touro além de ser um animal é um signo astrológico do zodíaco e representa a relação do ser com o mundo ao redor.
6. Tenha água pura e uma vida mais saudável! Tome água de um Isotônico.
7. Maria e José encontraram abrigo num estábulo, e foi aí que Jesus nasceu. Maria fez de uma mangueira o berço para ele.
8. O médico, que podemos chamar de dentista, vai ao hospital todos os dias visitar os doentes.
9. Todo dia após o almoço, a minha mãe lava a louça.
10. O menino joga futebol com a sua bola todos os dias.

11. A lousa mágica é um brinquedo muito útil para as crianças, pois elas podem desenhar e apagar quantas vezes quiserem.
12. Ela leva a sua trouxa de roupas para lavar na casa de sua mãe.
13. Ela tem orgulho de ser filha de um carneiro. Ele é um ótimo profissional e sempre quando eu vou lá comprar carne, ele me atende muito bem.
14. Meu pai compra sempre carne boa para churrasco no sauguel do João.
15. O avião decolou, de manhã, em São Paulo e agora está parado no aeroporto de Porto de Alegre.
16. Aquele ladrão estava roubando o carteiro.
17. O ladrão roubou um rádio.
18. Como você preparou aquelas trouxinha de presunto? Qual é o recheio dela?
19. Eu comprei uma Joquinha rosa para a minha afilhada.
20. Minha avó comprou uma coma bem confortável. E já aproveitou para comprar dois travesseiros e um lençol.
21. As louradas acontecem em Portugal, mas foram proibidas na Espanha.
22. A laranja faz muito bem a nossa saúde, pois contém vitamina C.